

ANA ISABEL DOS SANTOS NEVES

**A UTILIZAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS NO PROCESSO
ENSINO/APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS**

ANA ISABEL DOS SANTOS NEVES

**A UTILIZAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS NO PROCESSO
ENSINO/APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Caeiro Martins Guerreiro



2018

**A UTILIZAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS NO PROCESSO
ENSINO/APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Ana Isabel dos Santos Neves

«Copyright», Ana Isabel dos Santos Neves

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

O meu profundo e sincero agradecimento a todos os que possibilitaram a execução do presente estudo.

Agradeço à Professora Doutora Maria Caeiro Martins Guerreiro, por ter aceite este desafio, de me orientar no presente estudo, pelo facto de nunca me ter deixado desistir e ter estado sempre presente e disponível nos momentos mais difíceis!

À Direção do Agrupamento de Escolas do concelho de Olhão, por me ter recebido de braços abertos para a realização desta investigação, assim como à colaboração dos professores e alunos que tive que envolver na mesma.

Dedico à grande mulher que me gerou, criou e me tornou naquilo que eu sou!

Ao meu pai, que me inspirou e me impulsionou à realização do presente estudo, pois sem o apoio dele nada disto teria sido possível.

Ao meu companheiro, e pai da minha filha, que me apoiou sempre que foi necessário.

Como não poderia deixar de ser, dedico igualmente à minha filha, pois posso ter perdido alguns momentos importantes da vida dela em prol da elaboração da presente dissertação.

Obrigada a todos os envolvidos por terem acreditado em mim e no meu trabalho!

Aos meus alunos

Ensinar é uma arte!
Com arte vamos ensinando.

Resumo

Com a presente dissertação¹ pretendemos conhecer melhor a utilização que as Artes Plásticas (AP) têm no processo ensino/aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

É notório que os alunos no 2.º ciclo do Ensino Básico, com NEE mais propriamente com Currículo Específico Individual (CEI), frequentam sempre as áreas das expressões, em particular a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (EVT), em conjunto com a sua turma. Na presente disciplina, são envolvidos recursos humanos (professores e auxiliares de ação educativa) e materiais pedagógicos diversos inerentes ao desenvolvimento das tarefas que lhes são propostas.

Assim sendo, com o presente estudo pretendemos averiguar junto de professores e alunos, o contributo que as AP podem ter sobre o processo ensino/aprendizagem de alunos com NEE com CEI. O mesmo pretende dar voz não só aos professores, mas também a alunos com NEE.

Dado à natureza do objeto de estudo, seguimos uma metodologia qualitativa, com um carácter descritivo e uma observação naturalista. Para a obtenção de dados recorreremos ao inquérito por questionário, à observação e documentação. Na análise da informação, elegemos a análise documental e de conteúdo.

Com base no estudo, apontamos que as AP são um forte aliado na prática letiva diária de professores e alunos, na medida em que constantemente recorrem à referida área, como forma de motivação, introdução de novos conteúdos, durante a realização das atividades letivas e consolidação das mesmas e, proporcionam o desenvolvimento de outros tipos de competências, tais como as sociais. A importância da utilização das AP, na prática letiva dos docentes nas várias disciplinas que eles frequentam, proporciona assim uma melhor assimilação das matérias por parte dos alunos com NEE com CEI.

Palavras-chave: Artes Plásticas, processo ensino/aprendizagem, Necessidades Educativas Especiais, ensino no 2.º Ciclo.

¹Estudo realizado sobre realidade escolar, organizacional e pedagógica, segundo o quadro legal em vigor à data - Decreto-Lei n.º 3/2008.

Abstract

With this dissertation² we intend to know better the use that Plastic Arts (PA) have in the teaching/learning process of students with Special Educational Needs (SEN).

It is noteworthy that students in the 2nd cycle of Basic Education, with SEN more specifically with Individual Specific Curriculum (ISC), always attend the areas of expression, in particular the Visual and Technological Education (VTE) discipline, together with the your class. In the present discipline, human resources are involved (teachers and auxiliaries of educational action) and diverse pedagogical materials inherent to the development of the tasks that are proposed to them.

Therefore, with the present study we intend to investigate with teachers and students the contribution PA may have on the teaching/learning process of students with SEN with ISC. It aims to give voice not only to teachers, but also to students with SEN.

Given the nature of the object of study, we follow a qualitative methodology, with a descriptive character and a naturalistic observation. In order to obtain data we used the questionnaire survey, observation and documentation. In the analysis of information, we chose documentary and content analysis.

Based on the study, we pointed out that PA are a strong ally in the daily teaching practice of teachers and students, as they constantly use this area as a motivation, introduction of new contents, during the course activities, consolidation and provide for the development of other types of skills, such as social skills. The importance of the use of PA, in the teaching practice of teachers in the various subjects they attend, provides a better assimilation of the subjects by students with SEN with ISC.

Keywords: Plastic Arts, teaching-learning process, Special Educational Needs, teaching in the 2nd Cycle.

²Study carried out on school, organizational and pedagogical reality, according to the legal framework in force at the time – Decree-Law number 3/2008.

Índice

Agradecimentos.....	i
Dedicatória.....	ii
Resumo.....	iii
Abstrat.....	iv
Lista de abreviaturas.....	xi

Índice geral

Introdução.....	1
-----------------	---

Parte I – Enquadramento teórico

1. Arte.....	4
1.1 Uma abordagem sobre o conceito de arte.....	4
1.2 O conceito de Artes Plásticas.....	5
1.3 As Artes Plásticas na educação dos alunos no 2.º Ciclo.....	7
2. Formação de professores.....	10
2.1 A formação de professores no Ensino Básico de 2.º/3.º Ciclos.....	10
2.2 A formação de base dos professores no âmbito das Artes Plásticas.....	13
3. O processo de ensino/aprendizagem.....	16
3.1 O processo de ensino/aprendizagem – conceito (do geral para o 2.º Ciclo)....	16
3.2 A importância das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem no 2.º Ciclo.....	18
3.3 O currículo do Ensino Básico do 2.º Ciclo e as Artes Plásticas.....	21
3.4 O contributo das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE.....	25
4. As Necessidades Educativas Especiais.....	28
4.1 Origem das Necessidade Educativas Especiais.....	28
4.2 Os alunos com NEE com Currículo Especifico Individual.....	30
4.3 Os alunos com Currículo Especifico Individual e as Artes Plásticas.....	32

Parte II – Enquadramento empírico

1.	Tipo de estudo e problemática.....	34
1.1	Objetivos da investigação.....	34
1.2	Questão da investigação.....	35
2.	Metodologia.....	35
3.	O contexto e os participantes no estudo – a amostra.....	37
3.1	O local.....	37
3.2	Participantes.....	37
3.2.1.	Caraterização dos professores.....	38
3.2.2.	Caraterização dos alunos.....	41
4.	Os instrumentos de recolha e de análise dos dados.....	42
5.	Apresentação e análise dos resultados.....	47
6.	Discussão dos resultados.....	53
7.	Conclusões.....	58
8.	Recomendações.....	62
9.	Referências bibliográficas.....	64

Índice de apêndices

Apêndices

Apêndice I – Gráficos (Caraterização dos professores e alunos).....	71
Apêndice II – Guião do questionário dos professores.....	76
Apêndice III – Tabela de construção do questionário dos professores.....	81
Apêndice IV – Cronograma das etapas de desenvolvimento da dissertação.....	84
Apêndice V – Questionário dos professores.....	86
Apêndice VI – Guião do questionário dos alunos.....	91
Apêndice VII – Tabela de construção do questionário dos alunos.....	96
Apêndice VIII – Questionário dos alunos.....	99
Apêndice XIX – Gráficos e tabelas (Apresentação dos resultados).....	103

Índice de anexos

Anexos

Anexo I	Certificado da palestra “A utilização das AP no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE”.....	125
---------	---	-----

Índice de gráficos

Gráfico 3.2.1.	Género dos participantes (Professores).....	72
Gráfico 3.2.2.	Grupo etário (Professores).....	72
Gráfico 3.2.3.	Grupos disciplinares dos professores.....	39
Gráfico 3.2.4.	Habilitações académicas dos professores.....	72
Gráfico 3.2.5.	Formação na área das artes.....	72
Gráfico 3.2.6.	Tempo de duração da disciplina relacionada com as AP (por semestre).....	73
Gráfico 3.2.7.	Tipologia da formação que se obteve na área das artes na formação inicial.....	40
Gráfico 3.2.8.	Formação específica para trabalhar com alunos com NEE.....	73
Gráfico 3.2.9.	Formação na área das NEE.....	73
Gráfico 3.2.10.	Tempo de serviço prestado sem formação especializada.....	73
Gráfico 3.2.11.	Tempo de serviço prestado com formação especializada.....	74
Gráfico 3.2.12.	Qual o domínio da Especialização.....	74
Gráfico 3.2.13.	Ciclo e ensino no qual os professores lecionam.....	41
Gráfico 3.2.14.	Género dos participantes (alunos).....	74
Gráfico 3.2.15.	Grupo Etário (alunos).....	75
Gráfico 3.2.16.	Ano letivo que os alunos frequentam (2.º Ciclo).....	75
Gráfico 5.1.	As AP assumem no dia-a-dia um papel muito importante na prática letiva.....	104
Gráfico 5.2.	Quando planificam as atividades letivas recorrerem às AP com intuito do aluno com NEE atingir mais facilmente determinadas metas.....	105

Gráfico 5.3.	A utilização de estratégias pedagógicas com recurso às AP permite um ensino mais individualizado do aluno com NEE, nomeadamente do aluno com CEI.....	106
Gráfico 5.4.	As AP são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE.....	107
Gráfico 5.5.	Utilização frequente das AP para inserir conteúdos inerentes a outras áreas curriculares.....	108
Gráfico 5.6.	Utilização das AP como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com diversas áreas de exploração	48
Gráfico 5.7.	As AP fomentam a intenção entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo ensino/aprendizagem.....	109
Gráfico 5.8.	As AP ajudam a promover mais autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas.....	110
Gráfico 5.9.	As AP, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue.....	111
Gráfico 5.10.	Os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando ineridos através da utilização das AP.....	112
Gráfico 5.11.	O aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das AP.....	113
Gráfico 5.12.	As AP para além e promover o processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolve igualmente a criatividade e sentido crítico.....	114
Gráfico 5.13.	Consolidação de determinados conteúdos com recurso às AP..	115
Gráfico 5.14.	As aprendizagens feitas através das AP, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE.....	116
Gráfico 5.15.	Qual(is) a(s) disciplina(a) que os alunos gostam mais.....	50
Gráfico 5.16.	Disciplina que os alunos mais gostam de estar com a turma.....	51
Gráfico 5.17.	Gosto pela disciplina de EV.....	118
Gráfico 5.18.	Gosto pela disciplina de ET.....	118
Gráfico 5.19.	Motivos pelo quais gostam/ não gostam das disciplinas de EV e ET.....	51

Gráfico 5.20.	Área de exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de EV.....	52
Gráfico 5.21.	Área de exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de ET.....	52
Gráfico 5.22.	Os professores de outras disciplinas costumam usar as técnicas de EP para dar as matérias.....	120
Gráfico 5.23.	Disciplinas que mais usam a EP.....	53
Gráfico 5.24.	A EP ajuda os alunos a perceber as matérias mais difíceis de outras disciplinas.....	121
Gráfico 5.25.	A EP devia ser mais usada em todas as disciplinas.....	122
Gráfico 5.26.	Em casa realiza trabalhos relacionados com EP.....	123
Gráfico 5.27.	A EP vai ser importante na sua vida futura.....	123

Índice de tabelas

Tabela 5.1.	As AP assumem no dia a dia um papel muito importante na prática letiva.....	104
Tabela 5.2.	Quando planificam as atividades letivas recorrerem às AP com intuito do aluno com NEE atingir mais facilmente determinadas metas.....	105
Tabela 5.3.	A utilização de estratégias pedagógicas com recurso às AP permite um ensino mais individualizado do aluno com NEE, nomeadamente do aluno com CEI.....	106
Tabela 5.4.	As AP são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE.....	107
Tabela 5.5.	Utilização frequente das AP para inserir conteúdos inerentes a outras áreas curriculares.....	108
Tabela 5.6.	Utilização das AP como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com diversas áreas de exploração	109
Tabela 5.7.	As AP fomentam a intenção entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo ensino/aprendizagem.....	109

Tabela 5.8.	As AP ajudam a promover mais autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas.....	110
Tabela 5.9.	As AP, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue.....	111
Tabela 5.10.	Os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando ineridos através da utilização das AP.....	112
Tabela 5.11.	O aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das AP.....	113
Tabela 5.12.	As AP para além e promover o processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolve igualmente a criatividade e sentido crítico.....	114
Tabela 5.13.	Consolidação de determinados conteúdos com recurso às AP..	115
Tabela 5.14.	As aprendizagens feitas através das AP, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE.....	116
Tabela 5.15.	Qual(is) a(s) disciplina(a) que os alunos gostam mais.....	117
Tabela 5.16.	Qual a disciplina que mais gostam de estar com a turma?.....	117
Tabela 5.17.	Gosto pela disciplina de EV.....	118
Tabela 5.18.	Gosto pela disciplina de ET.....	118
Tabela 5.19.	Motivos pelo quais gostam/ não gostam das disciplinas de EV e ET.....	119
Tabela 5.20.	Área de exploração que os alunos mais gostam de desenvolver nas aulas de EV.....	119
Tabela 5.21.	Área de exploração que os alunos mais gostam de desenvolver nas aulas de ET?.....	120
Tabela 5.22.	Os professores de outras disciplinas costumam usar as técnicas de EP para dar as matérias.....	120
Tabela 5.23.	Disciplinas que mais usam a EP.....	121
Tabela 5.24.	A EP ajuda os alunos a perceber as matérias mais difíceis de outras disciplinas.....	122
Tabela 5.25.	A EP devia ser mais usada em todas as disciplinas.....	122
Tabela 5.26.	Em casa realiza trabalhos relacionados com EP.....	123
Tabela 5.27.	A EP vai ser importante na sua vida futura.....	124

Lista de abreviaturas

AP – Artes Plásticas.

CEI – Currículo Especifico Individual.

DL – Decreto-Lei.

EP – Expressão Plástica.

EE – Educação Especial.

EV – Educação Visual.

ET – Educação Tecnológica.

EVT – Educação Visual e Tecnológica.

NEE – Necessidades Educativas Especiais.

PEI - Programa Educativo Individual

Introdução

A presente investigação leva-nos até ao estudo da evolução do ensino global do nosso universo escolar, porque de reformas em reformas, aplicam-se diversas mudanças até chegarmos ao que se apresenta nos dias de hoje. É necessário que tomemos, consciência das necessidades que vão surgindo no mundo, que está em constante mudança, alterações estas que a escola tem a necessidade e o dever de acompanhar, procurando assim novos contributos para que as futuras gerações possam usufruir.

Neste contexto, e dado que os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) poderão não ter o mesmo desenvolvimento cognitivo que todos os outros alunos, no presente estudo pretendemos aferir o processo ensino/aprendizagem das Artes Plásticas (AP) e o efeito que as mesmas podem exercer nesses alunos.

De acordo com Correia (1999), efetivamente existe uma necessidade educativa especial, quando um aluno apresenta problemas a nível físico, sensorial, intelectual, emocional ou social, sendo que estes fatores poderão afetar de certa forma todo o processo de aprendizagem. Este comprometimento, tanto pode ser de carácter permanente como temporário. No caso de o aluno possuir um problema de carácter permanente, o mesmo exigirá que haja uma modificação generalizada do currículo, mantendo-se o mesmo durante todo o percurso escolar. Para o aluno que apresentar uma necessidade educativa especial temporária, por exemplo do foro emocional, o currículo é parcialmente modificado de acordo com a sua problemática, mas apenas se manterá por uma determinada fase do seu percurso escolar.

Pretendemos assim aprofundar o conhecimento sobre esta problemática, dando especial enfoque às potencialidades que os alunos com NEE podem apresentar face às aprendizagens, onde o professor terá o papel fulcral de as trabalhar, tentando sempre contornar as suas limitações com estratégias adequadas, visando o desenvolvimento de novos processos de interação social (Carneiro,1997).

Quanto ao conceito de AP, são todas as atividades que impliquem a criação de algo, tanto ao nível gráfico como plástico, onde o criador manifesta a sua visão do real através da sua obra criada, através da exploração de diversos suportes e materiais. As AP, por excelência, trabalham não só competências de ordem social, mas também ao nível da plasticidade dos materiais, fazendo com que se desenvolva primordialmente a criatividade e imaginação, nunca esquecendo a parte da motricidade fina, que por vezes

se encontra algo comprometida devido ao déficit que o aluno poderá apresentar, tanto ao nível cognitivo como motor.

No que concerne ao processo de ensino/aprendizagem propriamente dito, o mesmo é revestido de uma grande complexidade, uma vez que se trata de um sistema de interações comportamentais entre o professor e o aluno. No caso das AP, o processo de ensino/aprendizagem recorre fundamentalmente ao método de resolução de problemas, sendo que o mesmo faz com que o aluno parta em busca de soluções para o problema apresentado, fazendo com que inconscientemente desenvolva mecanismos de raciocínio lógico que poderão, e muito, ajudar na interpretação e resolução de problemas inerentes às diversas disciplinas pertencentes ao currículo formal do ensino básico.

Defende-se que, esta investigação possa servir para ver esclarecidas algumas questões que vão ao encontro do nosso principal objetivo, no qual consideramos que as AP, no ensino, possam servir de mola real e que possa exercer a necessária pressão para a motivação da máquina chamada ensino, na qual me incluo, e, por ela mesma pugnar, como professora da referida área. García (2013, p. 22) refere que a formação de professores diz somente respeito ao “ensino profissionalizante para o ensino”. O autor defende ainda que este tipo de ensino trata-se de uma atividade intencional, com vista à profissionalização de indivíduos que futuramente estarão encarregues de educar e ensinar as novas gerações.

Consideramos o presente estudo bastante pertinente, pois atualmente ainda existe uma certa apatia e aceitação de métodos usualmente utilizados, de forma repetitiva por alguns professores, que proporcionam alguma desmotivação no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE. Pretende-se assim que os professores repensem e “reflitam sobre as circunstâncias atuais na prática pedagógica” (Lustosa, 2009, p.107), algo que eu também pretendo, pois desejo valorizar a minha prestação junto dos alunos com NEE, atendendo à atividade profissional que exerço.

Ambicionamos igualmente que, haja uma tomada de consciência, tendo em consideração as potencialidades que os alunos com NEE podem apresentar, de como a aplicação de técnicas intrínsecas às AP, podem motivar a aprendizagem destes alunos. Barbosa (2006), refere que através da arte e do processo criativo inerente à mesma, o aluno aprimora processos que desenvolvem a observação, a imaginação, as competências, a percepção e o raciocínio.

No presente estudo, definimos como objetivo geral observar o contributo que as AP, podem ter no processo de ensino/aprendizagem de alunos com NEE com Currículo Específico Individual (CEI) e como objetivos mais específicos observar se os professores recorrem frequentemente às AP para planificar e motivar para as atividades letivas a desenvolver junto dos alunos com NEE; identificar o tipo de técnicas das AP que são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE; perceber se as AP promovem uma maior autonomia no aluno com NEE no desenvolvimento das atividades letivas; compreender a perceção dos alunos sobre esta área e verificar se as AP estão entre as áreas de predileção dos alunos com NEE, e quais as técnicas que mais utilizam; e por fim perceber juntos dos alunos com NEE quais as disciplinas que recorrem mais às AP.

O trabalho está dividido em duas partes, uma teórica outra empírica. Depois da introdução, segue-se todo o enquadramento teórico, no qual se espelha uma série de conceitos como a arte, a formação de professores, o processo ensino/aprendizagem, e as necessidades educativas especiais, que vão ao encontro da problemática que envolve o presente estudo.

Na parte empírica, primeiramente surgem os objetivos da investigação, a questão, e posteriormente a descrição da metodologia utilizada no estudo, os instrumentos e os procedimentos relativos à recolha e análise de dados.

Por fim, terminamos a dissertação com a apresentação dos dados, discussão e análise dos mesmos, com os seus alicerces assentes nos objetivos elencados, e as conclusões. Depois de identificarmos as conclusões do estudo, fechamos o mesmo com algumas sugestões de melhoria do modelo de análise e pistas para investigações futuras (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Parte I – Enquadramento teórico

1. Arte

1.1 Uma abordagem sobre o conceito de Arte

Definir arte trata-se de um conceito extremamente complexo para o conseguir explicar em poucas palavras.

A palavra arte surge do latim “Ars”, e nela se definem todas as criações feitas pelo homem, através da forma como se expressa mediante as suas emoções ou sentimentos, por meio da utilização de recursos plásticos ou sonoros.

O conceito de arte, desde os primórdios dos tempos, tem vindo sempre a sofrer mudanças, alterações estas que tem ocorrido em simultâneo com constantes transformações na sociedade e na construção da mesma como Read afirma:

Muitos homens inteligentes têm tentado responder à pergunta “O que é a Arte?”, mas nunca satisfazendo toda a gente. A Arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lugar à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar. Porque arte não é apenas algo que se encontra nos museus e galerias de arte, ou em velhas cidades como Florença e Roma. A Arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos. (2013, p.28).

Quando o artista produz a sua obra de arte, fá-lo para sua autossatisfação, transmitindo e estimulando sentimentos e sensações, junto de quem vê a obra, o observador/público. Assim, consoante a interpretação de cada um dos observadores, pois para uns pode ser considerado arte, mas para outros não, pois a leitura que cada indivíduo faz da mesma peça de arte pode ser diferente, em virtude do conhecimento e cultura de quem a produz ou mesmo de quem a observa. Segundo Buoro (2000, p.25), a arte: “(...) é vida e, por meio dela, o homem interpreta a sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece”.

Assim, de acordo com as opiniões dos autores acima citados, podemos aferir que a arte é uma forma de expressão e comunicação, sendo que através da mesma são expressas sensações, sentimentos e pensamentos. Porfírio (2004, p.19) sublinha ainda que: “a arte, como forma de apreender o mundo, permite desenvolver o pensamento crítico e criativo

e a sensibilidade estética, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como a expressão de cada cultura”.

A obra “Guernica”, de Pablo Picasso, é um bom exemplo, ela serviu para chamar a atenção do mundo, das atrocidades da Guerra Civil de Espanha, expressando os momentos de aflição que aqueles civis tiveram que enfrentar, representando igualmente nela as vidas que foram acabadas. Sim, a arte poderá tornar-se um poderoso instrumento político, ideológico e de comunicação junto de uma ou várias sociedades e culturas, podendo inclusivamente causar transformações nas mesmas. Rodrigues (2002, p.76) refere que: “a arte proporciona ao homem a capacidade de intervir criativamente no meio social, alterando normas e modelos sempre que necessário, contribuindo para a evolução do gosto e a melhoria estética dos objetos e do meio ambiente.”

Face ao exposto e conforme vamos percebendo a complexidade deste conceito, a arte vai muito além da criação de um objeto que gostamos de observar, ela contribuiu e coopera no desenvolvimento humano, nomeadamente na fase de criação, na imaginação e no raciocínio.

Corroborando com o que foi dito anteriormente, Buoro (2002, p.30) afirma que: “a arte é linguagem, uma construção humana que comunica ideias, e o objeto arte é considerado, portanto, como texto visual”.

Este “texto visual”, tem um potencial inimaginável e ilimitado, permitindo que cada um de nós sinta e olhe, ponderadamente para algo que outrem produziu enriquecendo-nos, e alimentando-nos a imaginação e a criatividade, humanizando-nos e instituindo-nos, valores estéticos e, também despertando-nos para as variadas cores, formas, mensagens liminares e subliminares que uma obra de arte possa trazer. Na sociedade, a arte poderá transmitir e passar os seus valores às sociedades subsequentes, tal como sucedeu antigamente quando o homem das cavernas deixou o seu registo, o desenho de uma mão, primeiro em positivo e mais tarde em negativo, (tinha acabado de descobrir o aerógrafo) por muitas cavernas. Neste estudo pretendemos assim, que a geração atual, saiba deixar bem marcadas as suas mãos nas “cavernas da arte”, para semear a aspiração de uma vida mais consciente e mais bela.

1.2 O conceito de Artes Plásticas

Já no período do paleolítico, o Homem começou a fazer as suas primeiras experimentações plásticas, quando sentiu a necessidade de retratar cenas do seu

quotidiano nas paredes das cavernas que habitava, a que se deu o nome mais tarde de pinturas rupestres.

De acordo com Sousa (2003b, p.159), na antiga Grécia “(...) a palavra «plastike» referia-se à arte de modelar figuras em barro. O termo latino «plástica» já abrangia outros materiais (gesso, pedra, madeira, metal)”. O mesmo autor, defende ainda que, as AP englobam todas as atividades artísticas que impliquem uma série de materiais com características plásticas como o barro, o gesso, a pedra, as madeiras, os metais e como não poderia deixar de ser, o plástico. Sousa (2003, p.159), menciona ainda que as AP são um “modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos”.

Cecília Menano (cit. em Sousa, 2003b), pedagoga e investigadora, pertencente ao grupo fundador da Associação Portuguesa de Educação pela arte, afirma que as AP, consistiam numa forma das crianças se puderem autoeducar, através do manuseamento de variados materiais plásticos, sendo esta exploração e criação efetuada de uma forma livre e espontânea, deixando de lado a ideia de que ensinar a desenhar e a pintar dever-se-ia cingir apenas à cópia de objetos.

Stern (1998), através das observações efetuadas a crianças, aquando da realização de atividades plásticas, considera que o desenho e a pintura desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da criança, considerando-as como formas de educação. Salaria ainda a ideia, de que este tipo de educação criadora por parte da criança, fará com que mais tarde venha a tornar-se mais autoconfiante e segura, para possíveis obstáculos que possam surgir na sua vida.

No entanto Santos (1997), defende que as AP não se ficam somente pela observação e manipulação dos materiais de uma forma criativa, mas defende também que as atividades desenvolvidas neste âmbito, devem transparecer através de si mesmas, a parte emocional do indivíduo. O mesmo autor defende que o desenho, a pintura, a modelagem e colagem, são técnicas que integram as AP, e que estas são fulcrais no desenvolvimento da criança, nomeadamente a sua vivência estética, autonomia, criatividade e imaginação. Refere ainda que o desenho ocupa um papel de destaque nas AP, tendo este um valor educativo ao nível da intelectualidade da criança, uma vez que este está intimamente ligado às aprendizagens instrumentais, sendo que mais tarde poderá utilizá-las na aprendizagem da escrita.

Atualmente, o sistema de ensino português contempla as AP nos currículos do ensino básico, com diferentes designações, Expressão Plástica (EP) no 1.º Ciclo, Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica (ET) no 2.º e 3.º Ciclos. À primeira vista, esta designação não terá propriamente a ver com os conteúdos lecionados, pois remete-nos confusamente, em cada ciclo do ensino, para nomes de disciplinas diferentes, algo que deduzimos que quem pensou e a designou, eventualmente o fez por questão de “educar visualmente o aluno”, fazê-lo olhar o mundo com “olhos de ver”.

Visto isto, e de acordo com Sousa (2003, p.160) “A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” Sousa (2003, p.160) afirma que: “A EP é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança. Desde muito pequena que gosta de mexer em água, areia, barro, tintas e de riscar um papel com um lápis.” A criança utiliza naturalmente e emotivamente as artes plásticas quase de uma forma inata, sem preocupações do que vai propriamente produzir, pois o seu intuito é expressar emoções e sentimentos através da exploração dos materiais plásticos supramencionados. Sousa (2003, p.160) refere ainda que “É a acção que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada.”

Atualmente nas aulas de EP ou EVT, talvez por facilitismo, erra-se ao solicitar ao aluno que crie algo a partir de uma efeméride, que desenhe algo a partir de objetos ou até mesmo, colorir desenhos lineares fotocopiados, limitando assim a sua criatividade e a sua expressão livre. As AP são muito mais que isso, são expressão, é colocar no papel ou noutra suporte o que o indivíduo sente e pensa, colocando a sua imaginação a funcionar. Contudo para Gonçalves (1991) citado por Sousa (2003, p.169) com as AP “(...) também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.”

1.3 As Artes Plásticas na educação dos alunos no 2.º Ciclo

A presente investigação incide especificamente no 2.º Ciclo de escolaridade, pelo que iremos focar apenas os princípios orientadores referentes à Educação e Expressão Plástica no referido ciclo. Conforme o Departamento de Educação Básica pertencente ao Ministério de Educação:

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade. A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista. Apesar da sala de aula ser o local privilegiado para a vivência das actividades de expressão plástica, o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética. (2006, p.89)

A vertente artística das AP no 2.º Ciclo tem a designação de EV e ET. Estas disciplinas de carácter mais prático, visam uma integração de aspetos visuais e tecnológicos numa perspetiva interdisciplinar. Segundo os autores Carvalho, Gaspar e Mesquita (2004) trata-se de uma área aberta à discussão de problemas, onde através das actividades letivas propostas de carácter manual e intelectual, podem vir a promover o desenvolvimento das mais variadas aprendizagens, que por norma deverão estar sempre ligadas intimamente com as vivências quotidianas dos alunos. Ao desenvolverem determinadas actividades, e colocarem em prática algumas das propostas nos desafios que lhes são colocados em sala de aula, os alunos conseguem encontrar soluções para esses desafios, apelando assim aos sentidos para captar o mundo que o rodeia e envolve. O problema e a resolução de problemas fazem parte da vida real, e, portanto, estamos a preparar o aluno para a sua vida futura. Nas disciplinas supracitadas, dá-se o nome de *método de resolução de problemas*, fazendo com que a criança perceba a necessidade de desenvolver um planeamento sistemático de trabalho, que é repetido em todas as unidades de trabalho desenvolvidas. Em cada unidade de trabalho, são explorados determinados conteúdos que levarão o aluno a passar pelas seguintes fases: identificação de problemas, investigação e análise, projeto, execução e avaliação. Com base nesta metodologia de ensino/aprendizagem, são desenvolvidas algumas competências, como o sentido crítico na resolução de problemas e algumas destrezas. Para alguns investigadores, “As artes

plásticas podem, devem e às vezes têm, um lugar muito importante, (...) Estas actividades dão à criança um meio alternativo de comunicação (...), as suas ideias e os seus sentimentos mais profundos são assim mais fáceis de mostrar visualmente do que através de palavras.” (Teixeira 1991, p.285), sendo que, a EP não se deve centrar na produção de obras de arte, nem criar artistas propriamente ditos, mas deve proporcionar o desenvolvimento das capacidades dos alunos, de forma a dar resposta à satisfação das suas necessidades (Sousa 2003b).

Em virtude do exposto, defendemos que a arte é uma ótima estratégia para se caminhar rumo ao desenvolvimento expressivo e representacional do aluno, logo deve passar a ser mais valorizada, dentro da escola, deixando de ter somente um carácter lúdico, e a designação na maior parte das vezes de desenho ou pintura. É imprescindível que se passe a afirmá-la como uma disciplina curricular importante para o desenvolvimento cognitivo e motor (coordenação óculo-manual, motricidade fina, percepção/discriminação visual, sentido estético e artístico, desenvolvimento emocional, social, cultural...) dos alunos. A arte é importante e necessária na educação escolar e na vida do indivíduo, sendo um fator de extrema importância para a humanização de qualquer civilização (Martins, Picosque e Guerra, 1998). Os mesmos autores (1998, p.57) referem também que: “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o representa à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...”.

Assim, o ideal seria que cada vez mais a escola dos nossos dias viesse a assumir um maior compromisso com o processo do ensino da arte, nomeadamente das AP, passando assim estas a ter uma relevância social para as pessoas com algum tipo de limitação, contribuindo assim para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e de invenções artísticas dos discentes. A arte ajuda a desenvolvê-las trabalhando também uma parcela considerável da sua própria sensibilidade estética e até aprimorando as suas habilidades perceptivas, analíticas e críticas. A prática da arte, prepara qualquer indivíduo a observar e refletir sobre as experiências artísticas, assim, o facto de ensinarmos às crianças a observarem atentamente, ou seja, a saberem ver a arte, a interpretarem e a recriarem a partir do observado e criticado, estamos igualmente a prepará-las para a vida.

A arte deve ser abordada na aprendizagem das diferenças culturais, partindo do princípio que cada aluno tem a sua percepção de cultura, que todas as culturas merecem

respeito e que a diversidade enriquece a sala de aula, porque todos se vão aperceber que na aparência podemos ser iguais, no pensamento podemos ser diferentes!

2. Formação de professores

2.1 A formação dos professores do Ensino Básico de 2.º/3.º Ciclos

Para podermos abordar o tema da formação dos professores necessitamos voltar um pouco atrás no tempo, pois ao longo dos anos, o processo de formação tem vindo a sofrer diversas reestruturações.

No caso específico da formação superior no Ensino Básico de 2.º Ciclo, aplicada nas Escolas Superiores de Educação, o plano de estudos, era dividido em oito semestres, sendo que nos seis primeiros semestres pressupunham uma formação mais globalizante, mais focada para o ensino básico do 1.º Ciclo. Este tipo de formação, assemelhava-se, ao antigo curso do ensino primário, na medida em que se tratava de uma formação nas áreas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões.

Nos outros dois semestres finais, os discentes passavam por uma especialização numa determinada área, por exemplo Português, História e Ciências Sociais; Português e Francês; Português e Inglês; Matemática e Ciências da Natureza; Educação Visual e Tecnológica; Educação Musical; Educação Física. Os discentes acabavam o curso professores do ensino básico na variante de Educação Visual e Tecnológica.

De acordo com as orientações emanadas pelo Ministério da Educação, cada instituição elaborou o seu plano de formação, com o intuito de ser garantida uma qualificação para a docência. Estas linhas orientadoras, exigiam que a formação via ensino, no ensino superior politécnico e universitário, tivessem duas componentes: a componente das disciplinas no âmbito das ciências de educação e a componente da prática pedagógica. A parte pedagógica diferia entre os subsistemas de ensino politécnico e universitário, uma vez que também se tratavam de graus de habilitações diferentes. No caso da prática pedagógica que habilitava o aluno para lecionar no 1.º e 2.º Ciclos, esta era realizada junto de uma ou mais turmas, sob orientação de dois professores (o orientador da instituição e o professor cooperante que recebe o estagiário).

No caso das práticas pedagógicas, promovidas no ensino universitário, já havia uma ligação direta com o Ministério da Educação, na medida em que o mesmo selecionava o local a estagiar, celebrando um contrato provisório com o estagiário. Neste

caso, era igualmente atribuída uma turma, um horário letivo, sendo que nesta situação o estagiário recebia um abono pelas horas letivas de serviço. Ao discente, era igualmente atribuído um orientador de estágio.

Assim, antes do processo de Bolonha entrar em vigor, as licenciaturas via ensino, com estágio integrado, conferiam habilitações para lecionar no 1.º e 2.º Ciclos do ensino básico, sendo que neste último poderiam lecionar até duas disciplinas, aquelas que tinha recebido anteriormente no curso, com uma formação mais específica e aprofundada. De acordo com os autores Pereira, Carolino e Lopes (2007, p.214), este tipo de formação não seria a ideal na medida em que: “a ausência de formação específica para o 1º CEB e a sua diluição num currículo vocacionado para áreas disciplinares e para um público que, na maioria dos casos, tinha como primeira opção o 2º CEB”.

Para além da vertente pedagógica, no plano de estudo existiam disciplinas como Psicologia e Sociologia da educação, áreas pertencentes às ciências da educação, e por outro lado, devido ao público-alvo (crianças), existiam disciplinas ao nível das didáticas nas diversas áreas, a saber: Português, Matemática, Ciências e Expressões. Assim os três primeiros anos letivos, eram muito vocacionados para o nível de ensino de 1.º Ciclo, onde a especialização em determinada área ocorria apenas num ano, conferido assim habilitação para o 2.º Ciclo do ensino básico daquela variante em específico.

No ano letivo de 2007/2008, com a implementação do Processo de Bolonha no ensino superior português, e à luz do Decreto-Lei n.º43/2007 de 22 de fevereiro, os cursos via ensino sofreram uma grande reestruturação, passando a ser designados de Educação Básica, contudo os licenciados só podem lecionar depois de terem concluído o 2.º Ciclo de estudos do ensino superior, ou seja, o mestrado. A licenciatura, passou para três anos de escolaridade e o mestrado para dois anos escolaridade. Com a introdução do processo de Bolonha, pretendeu-se de alguma forma uniformizar o ensino superior ao nível da Europa. Para que tal acontecesse, o ensino superior em Portugal, viu-se obrigado a reorganizar os graus e diplomas antes implementados, entre outros fatores, como o sistema de créditos e escala europeia de comparabilidade de classificações, para que cada universidade conseguisse garantir a qualidade e a acreditação dos seus cursos.

No caso específico da licenciatura em Educação Básica, com a inserção do Decreto-Lei n.º115/2013 de 7 de agosto, deu-se a reestruturação do curso, com a criação de um curso de licenciatura (1.º Ciclo), com três anos letivos, de banda larga. O 2.º ciclo, o curso de mestrado, oferece especializações nas diversas áreas do saber, sendo que, no

final é-lhes conferido o grau de mestre, grau que lhes dá acesso ao exercício das funções de docentes.

Já na fase pós-Bolonha, os cursos educacionais tornaram-se sem dúvida mais abrangentes e completos, como afirmou Ponte (2006, p.10), pois o espírito deste processo era “assumir que a lógica da quantidade deve dar definitivamente lugar à lógica da qualidade”.

Embora o novo modelo suscite algumas dúvidas ao nível da sua eficácia e do grau de exigência devido à sua globalidade, referimos que o futuro professor tem uma visão mais aprofundada, criada com base na vertente teórica, juntamente com a valorização da vertente prática.

O presente modelo de ensino, permite assim a aplicação dos conhecimentos adquiridos no 1.º ciclo de estudos e o desenvolvimento das capacidades profissionais no 2.º ciclo de estudos. Neste último ciclo, o aluno terá que realizar um estágio profissionalizante, para que venha a conseguir colocar em prática as competências de ensino/aprendizagem que veio adquirindo ao longo de toda a formação.

De acordo com Santos (2004), a fase do estágio, trata-se de uma fase fulcral no crescimento e no desenvolvimento de determinadas aprendizagens que o aluno estagiário irá fazer, uma vez que poderá colocar na prática, o que aprendeu através da teoria. Aqui o estagiário, em contexto de sala de aula, com alunos reais, irá experienciar uma série de situações diferentes, que a teoria não ensina como resolver, começando assim a ganhar alguma autoconfiança e experiência para vir a enfrentar o dia- -a-dia numa escola.

Findada a fase do estágio, a etapa final com vista à obtenção do diploma, consiste na realização de um trabalho de investigação e respetiva defesa, tendo como tema central a sua prática de ensino. No documento escrito o aluno deverá interpretar e descrever exaustivamente a sua experiência no campo, conjugando com tudo o que aprendeu ao longo dos anos de formação. Este exercício depreenderá, que a sua formação educacional tenha tido um carácter multidisciplinar, pois terá igualmente que englobar a sua vertente cultural, pessoal e social. Após a entrega e defesa do documento, o aluno passa a estar habilitado para lecionar.

Daqui se conclui, que devido às novas exigências e diversas reformas efetuadas na formação dos professores, pretende-se cada vez mais ter uma formação de qualidade, de forma a qualificar os futuros professores, com vista à obtenção de melhores resultados no desempenho dos alunos. Quanto melhor preparado estiver o professor, mais aulas de

qualidade existirão nas escolas, sendo que está nas mãos de cada um, tentar dinamizar e experienciar a mudança na sua prática letiva, de modo a proporcionar aos alunos uma experiência educativa verdadeiramente inovadora e significativa.

2.2 A formação de base dos professores no âmbito das Artes Plásticas

Depois de observarmos a estrutura dos cursos de Educação Básica em estabelecimentos de ensino superior, nomeadamente a Escola Superior de Educação do Porto, a Escola Superior de Educação de Lisboa e ainda a Escola Superior de Educação e Comunicação do Algarve, a realidade de hoje em dia não é muito diferente daquela que existia antes de toda a reestruturação feita à luz do acordo de Bolonha. Na maioria dos cursos, os formandos têm apenas que frequentar a disciplina de EP durante um semestre daquele ano curricular, e mais tarde, já no terceiro ano a disciplina de “Didática das Expressões” que deve reservar muito pouco à referida área, na medida em que esta irá abarcar as didáticas de todas as expressões presentes no Currículo Nacional, particularmente a Expressão Dramática, a Expressão Musical, a Expressão Físico-motora e a Dança.

É de salientar que em estabelecimentos de ensino, como Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa, Escola Superior de Educação de Beja e Escola Superior de Educação de Lisboa, têm contemplados nos seus planos de curso, a disciplina de EP durante dois anos, dividido em EP I e EP II, existindo inclusivamente a opção de relacionar as mesmas com outras disciplinas, assim como “Matemática e Arte”, que nos parece começar a favorecer a interdisciplinaridade. No entanto, esta formação de base parece-nos diminuta, na medida em que são explorados poucos conteúdos, técnicas e materiais que os alunos deveriam contactar, para um dia mais tarde, na qualidade de professores se sentirem mais à vontade com a EP, já para não falar do contacto direto com o ensino pela arte, que é tão importante fomentar esse gosto nos discentes. Segundo Lavelberg:

O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal acção envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação

professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. (2003, p.10)

Lavelberg (2003, p.12) refere ainda que “é necessário que o professor seja um estudante fascinado por arte, pois, só assim terá entusiasmo para ensinar a transmitir aos seus alunos a vontade de aprender”.

De acordo com o ensino ministrado atualmente, muitas das vezes não se leva em conta solicitar tarefas repetitivas, havendo assim tendência a um facilitismo, uma vez que alunos com NEE necessitam de ser estimulados. Os contactos com materiais plásticos, podem ser apresentados de modo a ir ao encontro das suas necessidades e forma de sentir do aluno.

Portanto, deve-se partir sempre do princípio que os alunos podem ser capazes de corporizarem alguma produção artística, não se devendo julgá-los logo “do certo ou errado” e aceitar as suas capacidades e possibilidades, não sendo, assim, alvo de exclusão. Segundo Ferreira:

O professor de artes é um pesquisador. Ele experimenta, constrói e transforma conceitos por meio, primeiramente, de sua própria vivência; trilhando o caminho de sua criatividade; descobrindo, desta forma, suas capacidades e limites para melhor compreender as capacidades e limites do educando e melhor conduzi-lo. (2001, p.33)

Na disciplina de EP, os formadores poderão através desta área promover formas de criar, educar, sensibilizar e criar vínculo com o outro, como a relação aluno/aluno e aluno/professor. De acordo com Barbosa:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao individuo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (2003, p 18).

Consideramos assim que o professor que promove as aprendizagens junto dos seus alunos com NEE, deveria ter uma consciência em centralizar sempre, ou sempre que possível, as AP ao serviço das diversas disciplinas, uma vez que desempenha um papel fundamental junto deste, pois segundo Vygotsky e Cole (2007), quanto mais não seja por ser ele a planificar, orientar e direccionar as atividades letivas que propõe, visando sempre atingir determinados objetivos, nunca podendo esquecer as necessidades e o ritmo dos

alunos. É de referir que, o ritmo de aprendizagem de cada criança, de acordo com as suas limitações, difere, sendo que tanto os professores das diversas disciplinas, assim como o professor de Educação Especial, que promove um ensino mais individualizado, tem um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem nos pequenos progressos que o discente vai conquistando. Para isso, necessário se torna que os técnicos de ensino ganhem essa consciência e se prontifiquem a alterar procedimentos. Neste sentido González refere que:

“O perfil do docente desejável é o do profissional capaz de analisar o contexto em que desenvolve uma atividade e de planeá-la; de dar resposta a uma sociedade em mudança; e de combinar um ensino para todos, na etapa da educação obrigatória com diferenças individuais de modo que sejam superadas as desigualdades, mas, ao mesmo tempo, que seja estimulada a diversidade latente nos sujeitos. Em resumo, encontramos o perfil de um professor com autonomia profissional e responsável diante dos membros da comunidade interessados na educação.” (2002, p. 244)

No relatório sobre os Estudos Artísticos na União Europeia, elaborado pelo Parlamento Europeu (2009), vem mencionado que “a educação artística deve integrar, com carácter obrigatório, os programas educativos em todos os níveis de ensino (...)”.

O mesmo órgão faz referência ao “papel da educação artística como instrumento pedagógico essencial para a valorização da cultura”, “considerando que, infelizmente, os imperativos económicos obrigam muitas vezes os Estados-Membros a reduzir o espaço consagrado às artes na política geral de educação”.

Ao observarmos o referido relatório supramencionado, verificamos que ainda estamos longe de atingir o nível exigível no mesmo, sendo que deveriam ser tomadas medidas de reforço na legislação existente. As medidas que vierem a ser tomadas, deverão vir ao encontro do agente de ensino, onde ele se sentisse realizado, numa aprendizagem constante, reforçando assim todos os seus conhecimentos para responder às exigências de um mundo, que se encontra aceleradamente em modificação permanente. Requer, pois, da parte de quem ensina, ter consciência plena de que só com uma aprendizagem continua se pode atingir o nível de entender as atitudes, saberes e viveres para assim conseguir ensinar.

3. O processo de ensino/aprendizagem

3.1 O processo de ensino/aprendizagem – conceito (do geral para o 2.º Ciclo)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Paulo Freire (2011)

Hoje em dia, a maioria dos alunos em Portugal tem acesso às novas tecnologias, o que faz com que se lhes abram novos horizontes, nocivos ou não, aos quais não tinham acesso antigamente. Assim, há a necessidade do professor se atualizar e inovar quanto aos recursos e metodologias que utiliza de forma a conseguir, juntamente com o aluno, promover o processo de ensino/aprendizagem da forma mais benéfica possível para ambas as partes.

Essencialmente, ainda nos dias de hoje, o processo ensino/aprendizagem, baseia-se na transmissão de conhecimentos, sendo o professor detentor dos mesmos, que por sua vez são emitidos para os alunos. Estes últimos devem estar aptos para receber este conhecimento, interiorizá-los, para posteriormente serem verificados pelo professor.

Atualmente, em sala de aula, existe ainda uma grande dominância do método tradicional no processo de ensino/aprendizagem, que se baseia na transmissão de conhecimento de forma expositiva, escrevendo no quadro o resumo do conteúdo lecionado, e o aluno acaba por transcrevê-lo para o caderno, sem muitas vezes perceber o que está a escrever. Com base nesta metodologia de ensino/aprendizagem, pretende-se que o aluno entenda e assimile esse conhecimento e, posteriormente o professor verifica se o aluno assimilou esses conteúdos, a partir da aplicação de uma ficha de avaliação.

Esta conceção de aprendizagem vai de encontro aos princípios de Freire (1996), uma vez que o pedagogo defendia que o ato de ensinar vai muito mais para além do transferir conhecimento, o professor deverá apoiar o aluno a criar a possibilidade deste construir e produzir “saber”. Atualmente, já existe a fusão dos dois processos de ensino de aprendizagem, uma vez que os professores em sala de aula promovem muitas vezes o diálogo e a reflexão acerca de determinado assunto, proporcionando assim o desenvolvimento integral do aluno, fazendo-o ver o mundo que o rodeia, não se preocupando somente com o seu desenvolvimento cognitivo.

A partir da década de 90, na era da Internet, passou a existir o acesso mais fácil a um maior número de informação disponível, logo o aluno passou a ter mais fontes de informação sobre certas matérias, além dos seus manuais escolares. Em virtude do sucedido passou a ser necessário, contextualizá-los e ir ao encontro de outras estratégias de ensino, de forma a proporcionar um maior gosto pela aquisição de conhecimentos e competências. Não podemos pedir que os jovens fiquem somente pela memorização de determinados conteúdos para posteriormente debitarem, tal e qual como aprenderam sem, fomentar o espírito crítico (sem opinarem ou pensarem sequer sobre aquilo que lhes foi ensinado). Segundo Vigotsky (1989) “O saber que não vem da experiência não é realmente saber” (p.75), pelo que a aprendizagem não ocorre em pleno, uma vez que não faz parte das experiências do aluno, sendo que muitas vezes são lecionados conteúdos de forma isolada e descontextualizada, tornando-se vazios na vida do aluno, podendo até mesmo causar-lhe uma forte desmotivação em relação aos mesmos. De acordo com Alves (2000, p.28) “(...) poderá haver sofrimento maior para uma criança ou adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida?”

Assim neste contexto o professor e o aluno são as personagens principais do processo ensino/aprendizagem, pelo que o pedagogo terá que ter sensibilidade aquando da elaboração das suas planificações, de forma a tornar este processo algo motivante e que faça sentido ao aluno ter que aprender determinado conteúdo, tornando assim as aprendizagens significativas para o seu “eu”, nunca desvalorizando as suas vivências e aprendizagens feitas no seu quotidiano. Segundo Freire:

A tónica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. (2005, p. 65)

Por vezes, fala-se da desmotivação dos alunos em relação a determinadas disciplinas ou conteúdos, pelo que, muitas vezes devíamos refletir sobre a forma como se ensina, se o conhecimento, o conteúdo é passado. Será que se recorre às novas tecnologias ou, limitamo-nos a pedir ao aluno para abrir o manual escolar numa determinada página, e solicitamos que a leia, para depois fazermos perguntas e tentarmos perceber se ele

entendeu o que acabou de ler. Aqui coloca-se em prática o verdadeiro processo de ensinar e o posterior retorno da aprendizagem?

Este processo deverá ir mais além para preparar o aluno para o dia de amanhã e como ser integrante de uma sociedade. Como diz Martins:

(...) é o exercício social do conhecimento que permitirá aos alunos dar sentido próprio para o conhecimento oferecido na escola. Essa concepção revela o movimento na avaliação, buscando dar conta da complexidade do ensinar e aprender, como elementos essenciais à promoção humana. (2015, p.56)

Consideramos assim que os conteúdos e as matérias, não podem ser estanques, ficando “arrumadas” na prateleira do saber. O aluno de hoje, que será o homem de amanhã, terá que saber aplicar estes conhecimentos do dia-a-dia e, pensar por si próprio, para que se torne útil à sociedade.

Assim, com vista a tornar estas aprendizagens mais apelativas e úteis, o professor deverá recorrer frequentemente às novas tecnologias, promovendo assim uma mostra de imagens, obras, biografias, filmes e outras aplicações digitais, fazendo com que o aluno não parta do vazio. Se o aluno não viveu, nem experienciou determinada situação, ser-lhe-á difícil elaborar um trabalho a partir só do que conhece, ou que desconhece.

Outra das estratégias poderá passar pela partilha de trabalhos elaborados por colegas seus em anos anteriores, para melhor visualizar o que é pretendido com a proposta de trabalho lançada pelo professor, permitindo assim que o aluno veja e toque no mesmo, sentindo-se assim capaz de realizar algo similar àquele trabalho.

Aferimos assim que, se tal acontecer, ao longo do seu percurso formativo, o aluno teve o privilégio de tomar contacto com o processo ensino/aprendizagem eficiente nas diversas disciplinas, tendo o mesmo sido parte integrante e ativo desse processo. O professor limitou-se a facilitar a aprendizagem em vez de ser o detentor do saber.

3.2 A importância das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem no 2.º Ciclo

Com base no que já foi descrito noutros pontos da presente dissertação, aferimos que as AP são fundamentais no processo ensino/aprendizagem, não só nas disciplinas de EV e ET presentes no Currículo Nacional, como poderão servir de apoio para expor

alguns conteúdos de outras disciplinas, de forma a despoletar a motivação e o interesse dos alunos por determinado conteúdo. Santos diz que:

(...) pela reconhecida importância das “expressões artísticas” no desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade da criança; talvez ainda, porque, apurando a sensibilidade e propiciando o equilíbrio afetivo, se repercute na aprendizagem, combatendo o insucesso escolar, melhorando o aproveitamento das diversas matérias curriculares, além de desenvolver a livre criatividade infantil pela apropriação de meios técnicos e materiais, para uma melhor expressão pessoal. (2009, p.116)

Assim, concluímos que o processo ensino/aprendizagem desenvolvido com o apoio das AP, poderá auxiliar o desenvolvimento do pensamento artístico do aluno, assim como a sua percepção estética, sensibilidade, criatividade e a própria imaginação.

Devido ao seu caráter prático e das metodologias que se utilizam, no âmbito das AP, é possível ensinar determinados conteúdos, de modo a que o aluno construa mais facilmente determinados conhecimentos, que de outro modo mais tradicional e expositivo poderá não atingir determinadas competências, em virtude de tornar mais atrativo e lúdico este método ensino.

Será sem dúvida mais motivante para o aluno modelar algarismos em plasticina, pois consegue visualizar a forma e ao mesmo tempo desenvolver a motricidade fina, algo tão essencial ao exercício da escrita, do que o aluno ter que repetir apenas algarismos inúmeras vezes em fichas de trabalho.

Na maior parte das vezes, o mais importante não é propriamente o que se ensina, mas sim a forma como se ensina, pois se utilizamos as AP para atingir determinadas metas, estas poderão ser mais significativas para o aluno, na medida em que poderá até mesmo fazer descobertas por si próprio.

Uma vez que todo o processo ensino/aprendizagem das AP, centram-se essencialmente no “saber/fazer”, as mesmas contribuem para a construção da identidade pessoal e coletiva dos alunos, tendo a capacidade de alterar a perspetiva e a visão que têm sobre determinado assunto, e descobrir que o mesmo problema poderá ter mais que uma solução. Perante isto, quanto mais o aluno for estimulado no campo do raciocínio e da razão, maior é a possibilidade de atingir o sucesso, não só nas AP, como nas outras disciplinas.

Dando início ao processo de aprendizagem numa atividade de caráter artístico, segundo advoga Hernández (2000, p. 41) a mesma “delineia e fortalece a identidade (do aluno) em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar” conseguindo assim expandir as suas habilidades do foro cognitivo, afetivo e expressivo. No caso específico desta área, o processo ensino/aprendizagem, que recorre à metodologia de resolução de problemas, surge da necessidade de encontrar soluções adequadas ao “problema” levantado pelo professor, levando o aluno a desenvolver a tarefa letiva da forma mais organizada possível. Quando o problema é apresentado aos discentes, é necessário recorrer a ferramentas e tecnologias que permitam a criação de novos objetos. Durante a utilização do método de resolução de problemas, o aluno, sob a orientação do professor, percorrerá o mesmo através de um encadeamento lógico e faseado (pesquisa, conhecimento adquirido, experimentação e aplicação das técnicas).

Em termos mais práticos, numa aula de EV, idealmente antes de dar início a qualquer unidade de trabalho, deverá ser feita uma motivação, preferencialmente partindo de obras de um ou vários artistas, de modo a dar o mote para o trabalho que os alunos irão desenvolver. Seguidamente, parte-se para a fase do projeto (esboços) que permitirá ao aluno fazer várias experimentações, fazendo com que recorra a diferentes processos plásticos e colocando em prática o método de resolução de problemas. No final o professor terá a “missão” de avaliar todo o projeto por etapas (esboço, aplicação das técnicas e arte final). Assim sendo, fazer com que o aluno passe por todo este processo, fará com que sejam desenvolvidas uma série de competências.

De acordo com a Unesco (2006, p.6) “experimentar e desenvolver a apreciação e o conhecimento da arte permite o desenvolvimento de perspetivas únicas sobre uma vasta gama de temas, perspetivas essas que outros meios de educação não permitem descobrir.”

Aferimos assim que é de louvar o potencial que as AP poderão ter no processo ensino/aprendizagem e, no dia a dia da prática pedagógica das nossas escolas, já para não falar da sua transversalidade em relação a outras disciplinas. Além dos conhecimentos e das diversas competências que consegue conferir por si própria, as AP têm o poder de se conseguirem articular perfeitamente com todas as áreas curriculares em auxílio dos seus próprios processos de ensino/aprendizagem de cada disciplina, fomentando até mesmo interdisciplinaridade. Devido à versatilidade das AP, as mesmas poderão tornar-se grandes aliadas no processo ensino/aprendizagem, em todas as etapas inerentes ao

mesmo, na medida em que poderão ser utilizadas como motivação para a inserção de novos conteúdos, durante a elaboração de um projeto, assim como na consolidação de certos conteúdos, pelo facto de se tratar de uma linguagem universal.

3.3 O currículo do Ensino Básico do 2.º Ciclo e as Artes Plásticas

No currículo do Ensino Básico a temática das AP é designada como EP, e no 2.º Ciclo dá agora lugar a duas disciplinas designadas com EV e ET. No âmbito da revisão da estrutura curricular realizada no ano de 2012, as disciplinas foram divididas em duas áreas independentes, trazendo esta revisão a extinção do par pedagógico, passando assim a um regime de monodocência. A carga horária distribuída semanalmente, na maioria das escolas, é de noventa minutos semanais tanto para EV, como para ET. De acordo com o Programa de EVT:

O seu carácter integrador, dado que foi concebida como ponte entre «as explorações plásticas e técnicas difusas através das experiências globalizantes do 1.º ciclo, e uma Educação Visual com preocupações marcadamente estéticas, ou uma Educação Tecnológica com preocupações marcadamente científicas e técnicas no 3.º ciclo. É, portanto, a exploração integrada de problemas estéticos, científicos e técnicos com vista ao desenvolvimento de competências para a fruição, a criação e a intervenção nos aspectos visuais e tecnológicos do envolvimento.» (1991, p.4)

Estas orientações, emanadas do Ministério da Educação, contemplam na sua formação um desenvolvimento integral do aluno, na medida em que estas disciplinas deverão ser centradas no trabalho manual e intelectual, através da formação estética e tecnológica que as mesmas pressupõem. Para além destes fatores, de acordo com Porfírio (2000, p. 5) “A disciplina de EVT orienta-se, isto é, na sua ação educativa, para a mobilização das capacidades de aprender a conhecer, aprender a viver com os outros e aprender a ser”.

Mais especificamente no 2.º Ciclo do Ensino Básico, todo este processo desencadear-se-á através da formação estética e tecnológica, pelo facto de serem revestidas de duas grandes componentes: a científica e a técnica. Estas duas componentes visam essencialmente a promoção e o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade estética. Contudo, para que tal aconteça, é necessário ou até mesmo preferível, que as duas disciplinas funcionem de forma articulada, complementando-se, embora existam

metas distintas a atingir, quer ao nível de EV, como de ET. Tendo como base os conteúdos contemplados no programa das disciplinas, os professores partirão assim das Unidades de Trabalho, que consistem em explorar situações/problema, que vão ao encontro das experiências e interesses dos alunos, de forma a suscitar o seu interesse e motivação, levando-os assim à descoberta de soluções exequíveis e criativas para os problemas detetados. No documento Metas Curriculares do Ensino Básico, 2.º e 3.º Ciclo no que respeita a disciplina de EV, menciona que:

(...) as metas de Educação Visual pretendem estimular um universo de conhecimentos abrangentes, incentivar a assimilação de conhecimentos em rede, em que as informações são sincronizadas, permitindo alcançar uma educação em que o conhecimento circula, progride e se difunde. (2012, p.3)

Assim, com base nas metas curriculares pertencentes ao 2.º Ciclo, mais precisamente no 5.º e 6.º ano, é suposto ser promovido pelo professor uma série de experiências enriquecedoras, estruturadas em quatro domínios: a Técnica, a Representação, o Discurso e o Projeto, com as seguintes orientações:

- O domínio da Técnica é caracterizado por procedimentos de carácter sistemático e metodológico que têm como objetivo a aquisição de conhecimento teórico e prático e a ampliação de aptidões específicas.
- O domínio da Representação é caracterizado por procedimentos de registo, comunicação, esquematização e visualização de simbologias gráficas de modo racional e conciso, conforme os propósitos a que se destina.
- O domínio do Discurso é caracterizado por procedimentos de encadeamento de factos e acontecimentos que aludem ao que se quer comunicar /significar e que são expressos segundo regras de construção discursiva.
- O domínio do Projeto é caracterizado por procedimentos coordenados e interligados, executados com o intuito de cumprir um determinado objetivo específico, envolvendo ações de análise de requisitos e recursos disponíveis. (2012, p.3)

Metas estas que se encontram estruturadas ao nível de cada ano letivo, onde em simultâneo com os conteúdos presentes no programa da disciplina, apresentam assim três eixos de progressão da complexidade: horizontal, vertical e ao nível do domínio.

O eixo horizontal, será colocado em prática ao longo dos anos (do 5º ao 9º ano) e pressupõe que haja uma articulação entre os objetivos gerais.

O eixo vertical, refere-se apenas a um ano letivo e evidencia a articulação entre domínios.

No caso do eixo do domínio, o mesmo atua verticalmente ao nível dos objetivos gerais da disciplina, dando especial ênfase aos processos cognitivos que estruturam os conteúdos do domínio em questão.

Como acaba de ser referido, os objetivos gerais da disciplina, no que respeita o 2.º Ciclo, fazem com que metas e conteúdos contemplados no programa atuem em simultâneo, sendo eles os materiais básicos de desenho, os elementos constituintes da forma, a comunicação e narrativa visual, cor, espaço, património e discurso.

No caso específico da disciplina de ET, a mesma apresenta os seus conteúdos específicos, sendo eles a tecnologia, o objeto técnico, medições, comunicação tecnológica, fontes de energia, matérias-primas e materiais, movimentos, processos de utilização, fabrico e construção e estruturas.

Aquando da planificação de uma Unidade de Trabalho, o professor, de acordo com as metas e os conteúdos que irão ser explorados, terá que igualmente contemplar as áreas de exploração que serão simultaneamente desenvolvidas ao longo da atividade letiva proposta por si. No programa da disciplina, estão definidas diversas áreas de exploração, sendo elas: a alimentação, a animação, as construções, o desenho, a fotografia, a hortofloricultura, a impressão, os maquinismos, a modelação/modelagem, a pintura, a recuperação e manutenção dos equipamentos, a tecelagem e tapeçarias e o vestuário.

Face ao exposto, quando se planifica uma Unidade de Trabalho, requer que se faça com rigor, pois deverá haver uma consonância entre metas, conteúdos e áreas de exploração. O professor, a partir do conteúdo que reporta ao aluno para o mesmo resolver, através do método de resolução de problemas (fases do processo: situação; investigação; ideias e propostas; solução/projeto; execução; apresentação; avaliação), não deverá ser demasiadamente ambicioso, devendo ser conciso na seleção das metas, conteúdos e áreas de exploração. Deverá considerar também que, devido à especificidade destas disciplinas, a sua planificação deverá ser o mais aberta e flexível possível, sendo sempre passível de ser alterada em função das metas que pretende que os alunos atinjam.

Depois de planificar uma unidade de trabalho, o professor em contexto de sala de aula, poderá optar por estratégias de forma a conseguir operacionalizar os conteúdos e áreas de exploração que pretende que sejam explorados. Na opinião do autor Hargreaves (2004, p.23), atualmente em sala de aula espera-se que: “(...) os professores construam

comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitem a inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança.”

De modo a tornar as aulas mais apelativas, desde a motivação ao desenrolar das atividades, o docente poderá recorrer as estratégias mais inovadoras recorrendo às novas tecnologias, como por exemplo: a visualização de obras de arte na Internet, pequenos filmes acerca de uma temática, apresentações de diapositivos em suporte digital, ou simplesmente uma visita de estudo para recolha de dados ou uma aula de rua...

Existem assim, uma série de possibilidades, que irão depender certamente da criatividade e imaginação de quem projeta as aulas. No entanto, julgamos ainda ser insuficiente o número de horas que são atribuídas semanalmente às artes, não permitindo muitas vezes que o professor se expanda nas unidades de trabalho, pois encontra-se sozinho a coordenar uma aula prática, sendo por vezes difícil distribuir a sua atenção de forma equitativa pelos alunos. Pensamos haver a necessidade de um maior investimento nesta área, na medida em que a mesma poderia muitas vezes articular com outras áreas, já que as artes, só por si, já englobam todas as disciplinas do saber e isso seria obtido através de projetos lançados em comum, promovendo assim uma interdisciplinaridade.

As disciplinas em questão, tratam-se por excelência das áreas que mais desenvolvem a sensibilidade e o pensamento crítico tão necessário a outras disciplinas, já para não falar dos estímulos que a criança estabelece ao manusear uma série de materiais diferentes, que irão permitir um desenvolvimento sensorial que dificilmente outra área consegue promover. Para Porfírio (2004, p.19), “A Arte, como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade estética, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como a expressão de cada cultura”. O autor querera com isto dizer, que as AP, ao nível do currículo do ensino básico, promovem a exploração e integração de problemas estéticos, científicos e técnicos, em virtude de fazer com que o aluno atinja determinadas metas, através da criação e intervenção nos aspetos visuais e tecnológicos que melhor lhe permita “perceber” quer a sua cultura, quer a de outro, para assim se atingir um grau de qualidade na inclusão.

3.4 O contributo das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE

No âmbito do ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, verifica-se que deve existir maior atenção na definição das metodologias a utilizar. Alguns alunos não conseguem nem descrever verbalmente nem desenvolver plenamente a motricidade fina, assim como algumas funções do seu sistema sensorial. Assim, ao não conseguirem verbalizar, algumas tarefas artísticas podem ser utilizadas para o diagnóstico terapêutico e para o tratamento/processo educativo de determinadas capacidades/competências nas mais diversificadas áreas do desenvolvimento.

Para além destes fatores, as AP devido ao seu caráter eminentemente e prático, poderá vir a potencializar no aluno a destreza manual, que mais tarde poderão servir-lhe aquando da integração no mercado de trabalho.

Assim sendo, considera-se que as disciplinas de EV e de ET são fundamentais para a educação do aluno a vários níveis, na medida em que se trata de uma área do saber que deverá contar sempre para o seu desenvolvimento integral. A disciplina de EP deve promover no aluno o saber agir, conhecer e sentir, sendo estas três normas desenvolvidas através do conhecimento e do manuseamento de técnicas e materiais, não esquecendo, todavia, a realidade de cada aluno e o seu meio sociocultural. Aliás, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico:

(...)o aluno deve reconhecer a importância das artes visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano, reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado, conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico, identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional e reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular. (2001, p.157)

Ao trabalhar com alunos com características tão especiais, poder-se-á proporcionar-lhes um ambiente facilitador, um bem-estar favorável à sua progressão e formação que entendemos ser uma aprendizagem constante de um desafio permanente nesta disciplina, quer para os alunos, quer para o professor.

Segundo Platão, a Arte e a Educação, andam de mãos dadas quanto aos seus propósitos e quanto às suas metodologias. Não só para alunos com NEE, mas para todos os alunos, como Sousa (2003a) defende, que a Educação pela Arte deverá ser uma metodologia abrangente de todas as dimensões da personalidade (biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras), e em especial o desenvolvimento afetivo-emocional. Como diz Wojnar [citado por Sousa (2003)] afirma:

A ideia de educação pela Arte não se trata de um só domínio da educação correspondente à formação de uma sensibilidade estética, do gosto pela beleza, mas de uma larga concepção da formação do homem, toda ela baseada no princípio estético e concedendo-lhe o primado entre os factores exercendo o seu efeito sobre o ser humano. A formação do homem deve ser concebida como um processo total. A Arte nela intervém em diversos planos da vida, o que tem consequências não somente para a sensibilidade estética propriamente dita, mas também para a vida intelectual afectiva e moral. (1963, p.80)

Parece-nos claro, que o intuito desta metodologia de ensino não pressupõe que se ensine ao aluno os conceitos teóricos sobre a arte, história da arte ou vida e obra de grandes pintores, mas sim de utilizar a arte como meio de promover a educação. Em vez de solicitarmos ao aluno que elabore uma composição geométrica, partindo de uma folha em branco, o professor pode apresentar uma série de obras com composições geométricas executadas por artistas, e delas partir para elaborar ou recriar a sua própria composição.

Defendemos que esta prática poderá contribuir para a estimulação e enriquecimento do racional numa interação entre o pensar, o sentir e o agir. Segundo Sousa (2003a), a arte é uma linguagem eminentemente simbólica de sentimentos, promovendo assim o desenvolvimento afetivo-emocional e intelectual da criança, colocando em ação uma série de mecanismos psicológicos de defesa, que ajudam a combater frustrações e conflitos da vida. De acordo com Santos (citado por Sousa, 2003a, p.84) “É necessário que a escola e todos os agentes educacionais se consciencializem de que a aprendizagem não pode ser exclusivamente racional, porque a razão tem, geneticamente, um ponto de partida emocional.”

Como tal, as AP proporcionam ao aluno um clima de liberdade de expressão, onde serão aceites manifestações emocionais de diversas ordens, canalizando-as em atividades e tarefas que a possam compensar das dificuldades com que tem de se debater diariamente. Mas infelizmente as artes no ensino ainda são um pouco descoradas, embora

esteja contemplado nas bases gerais da Educação Artística no Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de novembro, o seguinte:

“(...) dá uma clara interpretação de que, apesar de se poder e dever proporcionar uma Educação pela Arte em todos os níveis da vida escolar, ela é premente e indispensável (...).” (p.85)

Daqui se conclui que este tipo de ensino deveria começar a ser fomentado em tenra idade, onde já os filósofos Platão e Aristóteles, na Grécia antiga, chamaram à atenção para a importância de incluir as artes em contexto educativo. Em Portugal, com o princípio da República, e pela liderança de João de Barros, é que se conseguiu a inserção do canto e do desenho no currículo escolar, onde terá sido criada a Lei de Bases do Sistema Educativo e o Decreto-Lei sobre a Educação Artística que vieram oficialmente implementar as artes nos currículos escolares.

Nos dias de hoje já é promovido este tipo de ensino, mas ainda há muito a evoluir em relação aos outros países da Europa, havendo a necessidade de dar mais enfoque às artes no nosso sistema de ensino, uma vez que esta área poderá ser igualmente facilitadora da comunicação e interação entre as pessoas. Segundo Read (2010), se a comunicação implica interação com outras pessoas, pode-se dizer que é um ato social. Como tal as aulas de EP promovem muitas das vezes atividades em grupo, potenciando também a inclusão dos alunos com NEE no seio da sua turma, já que nas outras disciplinas as atividades são mais individualizadas e diferenciadas, fazendo o aluno por vezes sentir-se mais deslocado.

Por outro lado, as artes também poderão ser terapêuticas, na medida em que através do desenho, podem manifestar-se emergências psicológicas. Através do desenho e da utilização das cores, segundo Fortin (2000) a criança poderá manifestar o seu mal estar, a sua angústia ou o seu modo de defesa contra esta, sendo que, por vezes, se for bem interpretado pode também ser um apelo à ajuda. Como tal, em psicologia o desenho é utilizado como forma de atividade compensadora de problemas e como fonte de avaliação.

A título de conclusão, pensamos que a EP poderá ser um contributo muito valioso em contexto educativo para os alunos com NEE, sendo que Lowenfeld considera que:

(...) um modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio. Como se tratam de processos cognitivos, o produto criado (desenho, pintura) incluirá por isso as coisas que a criança conhece, que são importantes para si e o modo como se relaciona com elas. (1977, p.170)

4. As Necessidades Educativas Especiais

4.1 Origem das Necessidade Educativas Especiais

O termo NEE, surge primeiramente num relatório de Warnock (1978), que de forma sintética descreve os princípios básicos da educação especial em diversos países, descrevendo-o com “defect model”, ou seja, criança com defeito. Segundo Baptista (1999), “As finalidades e objetivos da educação são os mesmos para todas as crianças, aquilo que é diferente é o apoio que é preciso dar a cada uma.” (p.124)

Considera-se um aluno NEE, quando o mesmo apresenta algumas dificuldades de aprendizagem que implique a aplicação de uma medida educativa especial.

Segundo Jiménez (1997), o aluno terá que apresentar uma dificuldade comprovada de acordo com a sua faixa etária, ou se sofrer de uma incapacidade que o impossibilitará, ou que apresente dificuldades na utilização de instalações, mas Sanches refere que:

Ter necessidades educativas especiais é, então, precisar de um complemento educativo adicional e/ou diferente [...]. Esse complemento será a resposta a dar a cada caso e terá de ser específica e baseada em critérios educativos/pedagógicos, tendo como objectivo promover o desenvolvimento e educação do aluno utilizando todo o seu potencial – físico, intelectual, estético, criativo, emocional, espiritual e social, para que ele possa viver como cidadão válido, autónomo e ajustado. (1996, p.11)

Neste contexto do enquadramento da ação, a Declaração de Salamanca (1994), também dá o seu contributo para o conceito de NEE:

“[...] a expressão “Necessidades Educativas Especiais” refere-se a todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e conseqüentemente têm necessidades educativas especiais em determinado momento da sua escolaridade.” (1994, p.6)

No que respeita o défice cognitivo, segundo Belo (2008) o mesmo é definido por limitações ao nível do funcionamento intelectual e adaptativo inferior à média. O aluno

com défice cognitivo irá requerer apoio mais individualizado, de acordo com as suas limitações que pode apresentar, ao nível da comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social.

Em contexto escolar, os alunos com défice cognitivo apresentam um ritmo mais lento de aprendizagem e de desenvolvimento, precisando de mais tempo para a resolução das tarefas letivas. Apresentam igualmente dificuldades em perceber informações importantes, problemas de memorização, dificuldade em exprimir-se ou imaginar novos conhecimentos, dificuldades estas que Jimenez (1997, p.11) considerou que a “incapacidade que lhe dificulta ou impede a utilização de instalações educativas que os seus colegas utilizam.”

Posteriormente, outros investigadores apresentam novos conceitos do termo necessidades educativas especiais, como é o caso de Correia (2003, p.18) que identifica um indivíduo com NEE, sendo aquele que possui um conjunto de condições específicas relacionadas com o “autismo, a surdo-cegueira, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência mental, problemas motores, as perturbações emocionais ou do comportamento”, dificuldades de aprendizagem específicas, os problemas de comunicação, a multideficiência e outros problemas de saúde que afetam a aprendizagem dos alunos. Assim, necessário se torna que seja promovido um bom ambiente de aprendizagem, com intuito de motivar o aluno, uma vez que existe a necessidade de repetir continuamente o que foi ensinado, devido ao comprometimento do domínio cognitivo.

No que respeita a socialização, segundo Nielsen (1999), nem sempre este tipo de alunos são bem aceites pelos colegas, devido à sua capacidade intelectual ser mais reduzida que os pares, o que fará com que diminua a autoestima deste aluno.

Atualmente o termo NEE, aparece contemplado no Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, art.º 1º, n.º 1, referindo que:

(...) os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.

Outra das características dos alunos com défice cognitivo, passa pela falta de atenção/concentração que segundo Feinstein:

(...) é geralmente definida como concentração num estímulo. Um indivíduo é constantemente bombardeado com inúmeras peças de informação, que o cérebro tem de analisar e processar, tomando decisões acerca do que é digno de atenção e do que pode e deve ser ignorado. (...) uma distração pode levar um aluno a centrar a sua atenção no episódio de distração e não na aprendizagem. (2011, p.61)

4.2 Os alunos com NEE com Currículo Especifico Individual

Aquando da Declaração de Salamanca (1994), foi definido o conceito de aluno com NEE, mas passou a contemplar crianças que demonstrem necessidades que envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Em Portugal foi criado então o Decreto-Lei n.º3/2008 de 7 de janeiro que refere o seguinte:

Os apoios especializados visam responder às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social e dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial de funcionamento biopsicosocial.

O capítulo IV, do Decreto-Lei supracitado, contempla uma série de medidas educativas que prevê a promoção de aprendizagens de alunos com NEE de carácter permanente, sendo feita uma adequação no seu processo de ensino, onde o Artigo 16.º refere o seguinte: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares individuais; c) Adequações no processo de matrícula; d) Adequações no processo de avaliação; e) Currículo específico individual; f) Tecnologias de apoio.

No presente estudo tivemos como público-alvo, os alunos com NEE pertencentes à alínea e) com Currículo Especifico Individual (CEI). Esta medida educativa tem prevista uma alteração significativa no currículo do ensino regular, sendo o mesmo determinado pelo nível de funcionalidade do aluno, devendo dar resposta às necessidades mais específicas do mesmo. Numa primeira instância, deverão ser experimentadas as medidas

educativas explanadas anteriormente, e se as mesmas não surtirem o efeito desejado, como último recurso é que o aluno deverá integrar a alínea e), na medida em que o mesmo impedirá que o aluno prossiga com os seus estudos a nível académico. Como tal, este será um tipo de currículo funcional, tendo como objetivo principal a promoção de competências pessoais, sociais e de autonomia. Assim sendo a equipa técnico-pedagógica deverá proceder à alteração do currículo do aluno com CEI, tendo como fio condutor uma série de medidas educativas, como a priorização de áreas curriculares ou determinados conteúdos, em detrimento de outros; a eliminação de objetivos e conteúdos; a introdução de conteúdos e objetivos complementares referentes a aspetos bastante específicos, (comunicação não verbal; utilização de tecnologias de apoio no âmbito da comunicação, mobilidade e acessibilidade); e a eliminação de áreas curriculares.

De acordo com o supramencionado, pretende-se assim que este tipo de currículo seja revestido de um carácter funcional e as atividades propostas sejam úteis para a vida presente e futura (pós-escolar) do aluno.

Trata-se por vezes de um processo complexo, na medida em que terá que haver uma grande sensibilidade por parte desta equipa para conseguir selecionar devidamente as competências a desenvolver, para que as mesmas tenham aplicabilidade nos diferentes contextos de vida do aluno. Igualmente importante, e sempre que possível, as competências a atingir deverão ir ao encontro dos interesses do mesmo, assim como se encontrarem adequadas à faixa etária em que se encontra, não esquecendo que estas aprendizagens deverão ser efetuadas em contextos reais, de modo a que as mesmas sejam significativas e façam sentido para o discente. Zabalza:

(...) refere que a diversificação curricular deve ser entendida como enriquecimento geral da oferta formativa das escolas. Ou seja, diversificar implica enriquecer e ampliar a proposta curricular, de forma a produzir melhores condições de se adaptar às necessidades de cada sujeito (...) (cit. in Barata 2010, p. 49-50)

No que concerne às disciplinas formais do currículo, os docentes irão definir os conteúdos programáticos e metas que achem mais pertinentes, podendo suprimir outros que achem menos relevantes, tentando sempre adequar as atividades letivas às especificidades de cada aluno com CEI. Em simultâneo com o currículo dito formal, poderão ser criadas outras áreas denominadas disciplinas não curriculares, que o Órgão de Gestão, o Conselho de Turma e o Departamento de Educação Especial, terão que ter o

cuidado de as adequar ao perfil de funcionalidade do aluno a trabalhar. Sobre isto também a Declaração de Salamanca (1994, p.29) refere: “(...) os currículos devem adaptar-se às necessidades da criança e não vice-versa (...)”.

Disciplinas com a designação de “Atividades da vida diária”, “Culinária” ou “Modelação e Pintura” poderão surgir em detrimento de outras pertencentes ao currículo formal. Mas para que esta reformulação do currículo aconteça, voltamos a reforçar, que os envolvidos neste processo o façam de forma consciente e ponderada, devido às suas implicações ao nível das aprendizagens e certificações, para que o CEI de cada aluno seja devidamente orientado e assegurado, com vista à promoção do seu desenvolvimento e de determinadas competências, que de futuro, o poderão tornar mais capaz de enfrentar os obstáculos da vida diária, como a simples manipulação de dinheiro, ou saber apanhar um autocarro, tentando sempre fomentar a sua autonomia.

4.3 Os alunos com CEI e as artes plásticas

Como já foi referido no ponto anterior, a medida educativa alínea e) Currículo Específico Individual (art.º 16), pertencente ao Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro do Ministério de Educação, prevê que os professores das respetivas disciplinas, a partir do Currículo Nacional planifiquem atividades e estratégias a ministrar junto do aluno com CEI, sempre que o mesmo acompanha a turma em que se encontra inserido. Para que tal aconteça, é suposto que o professor tenha sensibilidade para substituir competências da disciplina que leciona, com o intuito de ver atingidas metas e competências que permitam criar percursos educativos e formativos diferenciados. Para além dos objetivos supramencionados, o aluno com NEE e com CEI, precisa de ter um vínculo e referências de um grupo turma, de modo a manter contacto com os seus colegas, essencialmente para garantir o desenvolvimento pessoal e social, comunitário e laboral. Esta ponte com a sua turma, na maioria das vezes é feita através das disciplinas denominadas por “expressões” (Educação Musical, Educação Física, Educação Visual e Educação Tecnológica) e quando essa oferta existe, Educação para a Cidadania. Estas, sem dúvida que são áreas de grande potencial onde o Decreto-Lei nº3/2008 (p.159) reforça que “(...) inclui conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social do aluno e dá prioridade ao desenvolvimento de atividades de cariz funcional centradas nos contextos de vida (...)”. No caso específico das disciplinas de EV e ET, as mesmas revestem-se de um carácter mais prático, onde o aluno tem menos receio de errar e mais vontade de se expressar. Claro está, que num

aluno com CEI mais importa as aprendizagens e o atingir de algumas competências que promovam a integração social e a autonomia do mesmo, do que uma grande valorização académica. Saramago (2009) refere que o ato de aprender através da prática, fará com que mais facilmente o aluno atinja competências de forma significativa. O referido autor vem então reforçar a ideia de que as disciplinas ligadas às AP, pelo facto de apresentarem atividades mais de cariz prático e lúdico, têm o poder de desenvolver no aluno a criatividade e expressividade, já para não falar do potencial que tem ao nível do desenvolvimento da motricidade fina, que muitas das vezes se encontra altamente comprometida devido à falta de estimulação nos primeiros anos de vida.

É de salientar ainda que no ambiente que estas aulas promovem, um ambiente mais informal, por não se tratar tanto de uma aula expositiva e teórica, muitas das vezes é fundamentada e desenvolvida a autoconfiança e a autonomia, fatores muito importantes nas crianças com estas características. As AP, são por excelência áreas que promovem as suas aprendizagens através de unidades de trabalho, sendo que estas são muitas das vezes colocadas em prática através do trabalho de pares ou em grupo, onde o aluno é incluído nestes grupos, desempenha um papel ativo no mesmo, algo que noutra tipo de área pode não acontecer devido à complexidade de certos conteúdos e à individualidade das tarefas propostas, acabando igualmente por desenvolver-se competências sociais, entreajuda e de cooperação, entre os alunos com NEE e os alunos do ensino regular. Claro é, que estes são fatores benéficos para todos os alunos, e para Correia (2003), o que se torna realmente importante é proporcionar um ensino dinâmico, útil e de qualidade através de práticas educativas flexíveis que este tipo de disciplina permite.

Mais uma vez, voltamos a fazer referência ao método de resolução de problemas, que tanta importância pode ter na vida futura destes alunos, na medida em que se trata do saber fazer no imediato, permitindo assim ao aluno uma melhor visão do processo de aprendizagem. De acordo com as ideias de Gomes (2008) a utilização desta metodologia, fará com que esta disciplina prepare o aluno de uma forma mais globalizante, na medida em que o ajudará a criar soluções no seu quotidiano, ou até mesmo no seu posto de trabalho. Permite igualmente a compreensão global de um objeto, assim como o seu processo de criação, não colocando de parte domínios estéticos e tecnológicos, que darão origem à criatividade.

Para além de todos estes fatores positivos mencionados acerca desta área, mais concretamente a EV e ET, o mesmo autor refere ainda que muitas das disciplinas de

caráter teórico, como por exemplo a disciplina de Português, História ou de Ciências, vão muitas das vezes utilizar estratégias e técnicas utilizadas nas mesmas, de forma a completar e consolidar determinados conteúdos.

Poderemos assim considerar que pode ser benéfico, que o aluno NEE com CEI, que o mesmo frequente as aulas com esta vertente mais prática, de forma a conseguir explorar o seu potencial e capacidades, que noutras áreas se encontra impossibilitado de demonstrar em função do seu comprometimento que poderá apresentar tanto ao nível cognitivo como motor.

Parte II – Enquadramento empírico

1. Tipo de estudo e problemática

1.1. Objetivos da investigação

Segundo Fortin (1999, p.19) “O objetivo de um estudo indica o porquê da investigação. É um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão.” O objetivo é uma meta e, no caso do presente estudo foram definidos objetivos gerais e específicos. Como objetivo geral pretendemos:

- Averiguar junto de professores e alunos, o contributo que as AP podem ter sobre o processo ensino/aprendizagem de alunos com NEE com CEI.

Como objetivos específicos pretendemos:

(1) Identificar se as AP são relevantes, ou não, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI; (2) Observar se os professores utilizam frequentemente as AP nas atividades letivas que desenvolvem junto dos alunos com NEE; (3) Identificar que tipo de técnicas das AP são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE; (4) Analisar se as AP promovem maior autonomia no aluno com NEE aquando do desenvolvimento das atividades letivas; (5) Averiguar qual é a perceção dos alunos sobre a área das AP; (6) Averiguar se as AP estão entre as áreas de predileção dos alunos com NEE; (7) Identificar quais as áreas de exploração das AP que mais utilizam no

desenvolvimento das atividades letivas; 8) Identificar juntos dos alunos com NEE quais são as disciplinas que recorrem mais às AP.

1.2. Questão da investigação

Relativamente à questão da investigação, depois da revisão e análise da literatura que fizemos sobre o tema, definimos que no presente estudo pretendemos perceber qual a utilização das AP no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI, assim formulámos a seguinte questão de partida:

- As AP serão úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI?

2. Metodologia

O presente estudo segue uma metodologia qualitativa, uma vez que esta dá uma maior ênfase à qualidade socialmente construída a partir da realidade, num quadro construtivista. Segundo Denzin e Lincoln (2000), a metodologia qualitativa desenrola-se através da relação íntima entre investigador e o objeto de estudo, e os constrangimentos situacionais que vão surgindo ao longo da investigação.

A presente investigação também tem um carácter descritivo, que segundo Fortin (1999), este tipo de estudo visa denominar, classificar, descrever ou conceptualizar as características de determinada população ou fenómeno.

Neste tipo de investigação, o investigador passa a ser um instrumento da investigação, uma vez que o mesmo irá narrar as várias “histórias” registadas por si aquando da recolha dos resultados. O que melhor caracteriza este tipo de estudo é, sem dúvida a análise do comportamento humano que é feita segundo o ponto de vista do investigador, através de uma observação naturalista.

Face ao exposto, este tipo de investigação permite que o investigador crie empatia com o seu objeto de estudo, através das experiências de carácter empírico que vai experienciando. É de referir ainda que este género de investigação pode apresentar alguns perigos, na medida em que poderão haver imprecisões nos dados recolhidos. Para que tal não acontecesse, efetuámos estudos com mais profundidade, em contexto natural, para conseguirmos fazer a interpretação dos fenómenos observados a partir dos significados que as pessoas lhes atribuem.

Com o fim de identificarmos se as AP são relevantes, ou não, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI, optámos pela recolha direta de dados, realização de observações in loco, o contato direto com o local (sala de aula), os profissionais/professores e os alunos, pois assim foi possível observar, descrever e compreender melhor todo o processo ensino/aprendizagem, de alunos com diversas problemáticas

Em termos das estratégias definidas para recolha dos dados recorreremos às seguintes técnicas: a observação; o inquérito por questionário a dois tipos de amostra, com características específicas e objetivos diferentes (professores e os alunos com NEE). Na análise da informação, elegemos a análise documental, a análise de conteúdo.

Como existe um protocolo entre a Universidade do Algarve e o Agrupamento de escolas no qual pretendíamos efetuar a recolha de dados, a fase inicial do processo foi mais célere. Posteriormente, foi solicitada autorização à Direção do agrupamento, para a aplicação dos inquéritos por questionário. Com base no enquadramento teórico, e na questão de partida, foram elaborados os questionários a serem aplicados junto das amostras definidas. Tomámos como referência literatura consultada e questionários aplicados em estudos idênticos.

A seleção do agrupamento surgiu do facto de este apresentar uma matriz curricular diferente de outras escolas, em relação aos alunos com NEE e com CEI.

Para a amostra seleccionámos um grupo de indivíduos representativo, e de forma a reduzir-se ao mínimo o pequeno erro amostral, que admitimos existir, procurou-se delimitar uma amostra que fosse um retrato fidedigno da população, neste caso os professores. Contudo, além dos professores juntamos também no estudo a opinião de um grupo de participantes, os alunos com NEE com CEI, com o intuito de termos uma segunda opinião sobre a utilização das AP no processo de ensino/aprendizagem nas diferentes disciplinas.

Relativamente à caracterização dos inquiridos, foram definidos alguns critérios de seleção considerados pertinentes no estudo. Segundo uma ordem de prioridades, os professores inquiridos tinham que ser de áreas curriculares distintas, com base nas áreas existentes no currículo e preferencialmente com especialização em Educação Especial. Tinham que ser igualmente inquiridos, todos os professores que lecionavam as áreas funcionais pertencentes à matriz curricular que os alunos com NEE e com CEI frequentam na escola analisada.

No caso dos outros participantes, que designámos como sendo uma amostra por conveniência, seleccionamos com base nos seguintes requisitos: serem todos alunos com NEE e com CEI, uma vez que todos têm a mesma matriz curricular e encontram-se agrupados por faixas etárias idênticas e também por pertencerem ao mesmo ciclo de escolaridade.

3. O contexto e os participantes no estudo – a amostra

3.1. O local

A presente investigação teve lugar num Agrupamento de escolas no distrito de Faro. Optou-se por efetuar o estudo neste agrupamento de escolas, porque dispõem de uma resposta curricular diferente dos outros agrupamentos de escolas, relativamente a alunos com NEE e com CEI. A escola que faz parte do agrupamento referido, dispõe de uma matriz curricular distinta no caso dos alunos com CEI, relativamente a outras escolas do concelho.

Neste caso, são formados pequenos grupos de três a quatro alunos com NEE e CEI, que frequentam algumas das disciplinas de carácter funcional. Idealmente estes grupos são formados por ano de escolaridade e aproximação da faixa etária em que se encontram. As disciplinas de carácter funcional, que ocorrem em sala de aula específica, com docentes da Área de Educação Especial e com docentes das referidas especialidades são: Português funcional; Matemática funcional; Atividades da Vida Diária; Modelação e Pintura; Culinária; Atividades Experimentais; Tecnologias de Informação e Comunicação; Psicomotricidade e o Clube de Inglês. Com este tipo de matriz curricular, o aluno passa a ter um tipo de ensino mais individualizado e específico, em virtude das necessidades e das suas limitações.

No caso das áreas das Expressões, sendo elas a Expressão Musical, Educação Visual, Educação Tecnológica, Educação Física e Educação para a Cidadania, tal como acontece noutros agrupamentos, os alunos acompanham a sua turma de origem.

3.2. Participantes

Segundo Fortin (1999, p.56) a descrição “...da amostra fornece uma boa ideia sobre a eventual generalização dos resultados ...”, assim, na seleção que fizemos sobre os participantes no estudo, determinámos que nos dois grupos identificados (professores e alunos), deviam existir particularidades comuns. No caso do grupo selecionado dos

professores, todos lecionam pelo menos uma disciplina nesta matriz curricular criada para os alunos com NEE e com CEI.

Relativamente à seleção do grupo de alunos, para recolhermos os dados de forma o mais real possível, optámos por incluir todos os alunos com NEE e com CEI que frequentam as disciplinas de carácter funcional. Embora não existam muito estudos de investigação onde os alunos são diretamente inquiridos, achámos relevante incluí-los no nosso trabalho. Como Fortin afirma, um:

“(…) grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população (…) uma réplica em miniatura da população alvo (…) deve ser representativa da população visada, isto é, as características da população devem estar presentes na amostra seleccionada.” (1999, p.84)

Para que fosse possível recolher os dados junto dos alunos com NEE e CEI, questionámos primeiramente a direcção da escola que, nos informou que se tratavam de alunos funcionais ao nível do domínio cognitivo, embora tivessem as suas limitações.

O outro grupo que definimos interrogar, no caso dos professores, os critérios de seleção centraram-se em todos os professores que lecionam estas áreas funcionais junto dos alunos com NEE e com CEI, não colocando de parte a heterogeneidade que este grupo de professores apresenta, pelo facto de pertencerem a grupos disciplinares diferentes, permitindo-nos assim obter uma visão mais abrangente da utilização das AP nas diversas áreas do saber.

Na totalidade o estudo inclui dezasseis participantes, agrupados em dois grupos, nove professores do 2.º e 3.º Ciclos, e, sete alunos pertencente ao 2.º Ciclo.

3.2.1. Caraterização dos professores

No grupo dos nove professores seleccionados, três pertencem a grupos disciplinares diferentes, lecionam no 2.º Ciclo e possuem especialização em Educação Especial, os outros quatro professores são do 2.º e 3.º Ciclos, pertencem igualmente a diferentes grupos disciplinares, contudo não possuem especialização em Educação Especial. Com a seleção deste grupo de profissionais, conseguimos recolher um maior número de dados de carácter mais heterogéneo.

No que concerne ao género dos participantes, (Apêndice I – Gráfico 3.2.1), cinco são do género feminino e quatro pertencem ao género masculino, com idades (Apêndice

I - Gráfico 3.2.2.), entre os quarenta e os cinquenta e cinco anos, ou seja, quatro professores, têm idades compreendidas entre os quarenta e os quarenta e cinco anos, outros quatro professores, entre os quarenta e seis e os cinquenta anos e, apenas um professor está entre os cinquenta e um e os cinquenta e cinco anos.

No que respeita ao grupo disciplinar, como podemos observar no Gráfico 3.2.3., os professores inquiridos pertencem a grupos disciplinares diferentes, contudo dois professores pertencem ao grupo disciplinar de Educação Visual e Tecnológica (2.º Ciclo) e outros dois professores pertencem ao grupo disciplinar de Educação Física (2.º Ciclo). Os restantes cinco professores pertencem aos grupos disciplinares de Português e Inglês (2.º Ciclo), Matemática e Ciências da Natureza (2.º Ciclo), Física e Química (3.º Ciclo), Educação Tecnológica (3.º Ciclo) e Informática (3.º Ciclo).

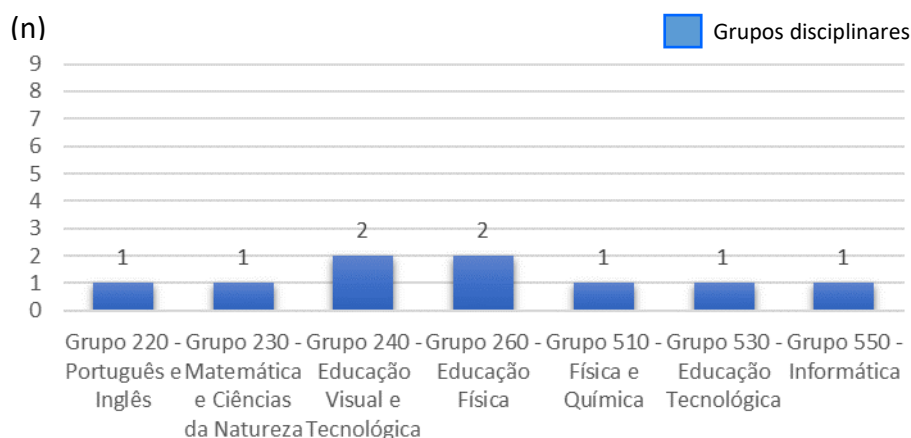


Gráfico 3.2.3. Grupo disciplinares dos professores

Relativamente às habilitações académicas, (Apêndice I – Gráfico 3.2.4.), todos os professores possuem uma licenciatura na área da educação, nas variantes de Português/Inglês, Matemática e Ciências da Natureza, Educação Visual e Tecnológica, Educação Física, Física e Química, Educação Tecnológica e Informática.

Com formação na área das artes (Apêndice I – Gráfico 3.2.5.), verificou-se que seis docentes possuem, e três professores não têm qualquer tipo de formação na referida área. Dos seis professores que responderam de forma afirmativa a esta questão (Apêndice I – Gráfico 3.2.6.), três deles referiram que apenas tiveram contacto com as AP durante um semestre, e os restantes três tiveram contacto com as AP durante dois semestres, mas

em diferentes anos de escolaridade. Ainda dentro deste grupo de seis inquiridos como se pode observar no Gráfico 3.2.7., cinco responderam que obtiveram formação no âmbito teórico/prático na área das AP, e, apenas um professor obteve formação na referida área a nível teórico.

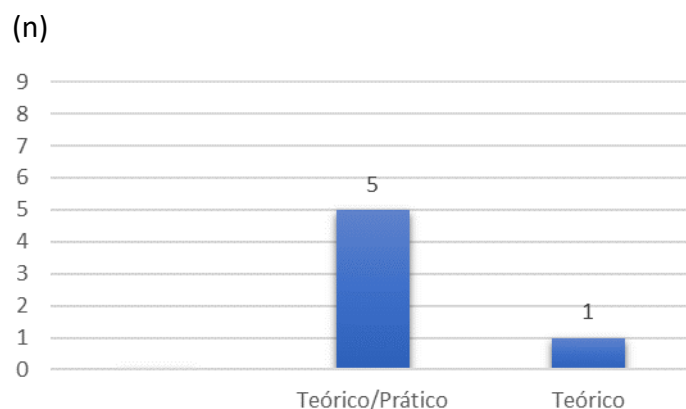


Gráfico 3.2.7. Tipologia da formação que se obteve na área das artes na formação inicial

Relativamente à formação específica para trabalhar com alunos NEE (Apêndice I – Gráfico 3.2.8.), seis professores responderam que têm formação específica para trabalhar com alunos com NEE, e três professores responderam que não possuem qualquer tipo de formação para trabalhar com alunos com NEE. Quanto ao nível de formação na área das NEE (Apêndice I – Gráfico 3.2.9.), os seis professores afirmaram ter pós-graduações/especializações na área das NEE.

Quanto aos inquiridos que não possuem formação especializada na área das NEE (Apêndice I – Gráfico 3.2.10.), três deles responderam que têm até cinco anos de serviço e os outros dois professores afirmaram terem até dez anos de serviço.

No caso do tempo de serviço com formação especializada (Apêndice I – Gráfico 3.2.11.), dos seis inquiridos, quatro têm até cinco anos de serviço, enquanto que os outros dois docentes possuem até dez anos de serviço.

No que respeita ao domínio da sua especialização (Apêndice I – Gráfico 3.2.12.), todos os professores que possuem formação responderam que a sua especialização é no âmbito do Domínio Cognitivo e Motor.

Por último, no que diz respeito ao(s) nível(eis) de ensino que os docentes lecionam, no Gráfico 3.2.13. observa-se que, nove professores inquiridos, oito deles lecionam no 2.º Ciclo, e um professor apenas leciona no 3.º Ciclo. Existem ainda dois professores que lecionam aos dois níveis de ensino.

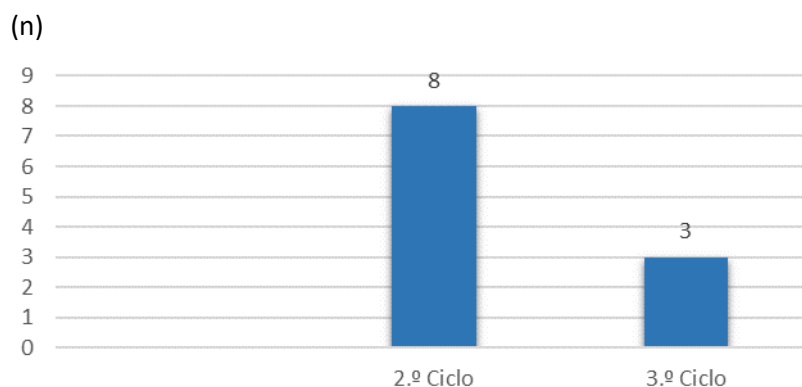


Gráfico 3.2.13. Ciclo e ensino no qual os professores lecionam.

3.2.2. Caracterização dos alunos

Como forma de obtermos mais informação sobre se as AP são relevantes, ou não, no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI, também juntámos no presente estudo informação recolhida junto de um outro grupo de participantes, os alunos que partilham da mesma matriz curricular. Definimos este grupo como uma amostra de conveniência e todos eles são alunos com NEE e com CEI.

Foram inquiridos na totalidade sete alunos pertencentes ao 2.º Ciclo. Segundo a opinião de Pardal e Lopes (2011, p.64) uma investigação por norma deverá ser “centrada em indivíduos ou grupos portadores de um ou vários atributos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma teoria”. Neste caso específico, a recolha de dados efetuou-se a partir de uma amostra de alunos com características semelhantes, pois embora sejam alunos funcionais, sem qualquer tipo de patologia associada, apresentam todos um comprometimento ao nível do domínio cognitivo.

Relativamente aos dados sociodemográficos destes sete alunos, todos eles pertencem ao género masculino (Apêndice I – Gráfico 3.2.14.), com idades que variam entre os doze e os catorze anos (Apêndice I – Gráfico 3.2.15.).

Todos os alunos frequentam o 2.º Ciclo de escolaridade, dois dos alunos encontram-se inseridos em turmas do 5.º ano de escolaridade e os restantes cinco no 6.º ano de escolaridade (Apêndice I – Gráfico 3.2.16.).

4. Os instrumentos de recolha e de análise dos dados

A observação não participante, foi uma das técnicas utilizadas no presente estudo. De uma maneira mais informal, não estruturada ou assimétrica (Freixo, 2011), recolhemos os dados na sala de aula, ou seja, no ambiente natural. O principal objetivo era sermos observadores não participantes, como Freixo (2011) afirma, sem nunca omitirmos os objetivos do estudo. De acordo com Yin (2005), através da observação dos espaços e dos contextos nos quais a problemática em estudo se desenvolve, é possível perceber a realidade. Para conhecermos melhor o contexto e outros aspetos do estudo, foi necessário ir propriamente à sala de aula, recolher testemunhos de experiências vivenciais e de opiniões partilhadas, pelos professores que todos os dias trabalham diretamente com alunos com NEE e CEI.

Relativamente ao documento “inquérito por questionário” que foi criado para recolher informação junto dos professores, o primeiro passo que tomámos foi elaborarmos o guião (Apêndice II) para nos auxiliar na construção do questionário. Com o guião foi possível definirmos uma estrutura para o questionário, assim como identificarmos outros elementos essenciais na correta aplicação do mesmo.

Com base na recolha dos dados já realizada, elaborámos as perguntas do questionário dos professores com recurso a uma tabela de construção de questionário (Apêndice III).

Aqui houve necessidade de ser delineada uma estrutura, para que não nos desviássemos daquilo que pretendíamos investigar.

Deu-se então início à estruturação do questionário dos professores onde houve a necessidade de espartilhá-lo em quatro partes distintas, sendo a primeira parte respeitante aos dados sociodemográficos, e as outras três partes estão relacionadas com os dados de opinião. No caso dos dados sociodemográficos (I Parte), esta categoria está dividida em quatro grandes questões, que se encontram divididas em subcategorias.

No que concerne aos dados de opinião, como havia referido, é composta por três partes, sendo elas: Parte II - planificação das atividades letivas com o apoio das artes plásticas; Parte III – aplicação das artes plásticas no ensino/aprendizagem; e Parte IV – processo ensino/aprendizagem, sendo estas últimas compostas por catorze questões fechadas e apenas uma questão aberta, perfazendo assim um total de quinze questões.

Além do questionário apresentar uma questão final aberta, pode considerar-se que se trata de um questionário do tipo fechado. Para as respostas, recorreremos à escala de tipo

Likert, com cinco pontos, a saber: “Discordo totalmente”, “Discordo parcialmente”, “Indiferente”, “Concordo parcialmente” e “Concordo totalmente”. Rensis Likert em 1932 criou e publicou esta escala de atitude, com o intuito de se proceder à medição de resposta psicométrica, onde os inquiridos revelam o seu nível de concordância. Em investigações como esta, nas quais pretende-se aferir a opinião de diversos indivíduos, inseridos num determinado grupo, o uso deste tipo de escala apoia imenso o investigador a conseguir atribuir pesos a diferentes itens.

Depois de terminado o questionário, foi necessário testá-lo para se verificar se existia alguma incongruência, tais como a facilidade ou não do seu preenchimento. A esta fase, dá-se a designação do pré-teste em relação à aplicação do questionário, sendo que o mesmo foi administrado a um pequeno grupo de cinco professores com características semelhantes ao público-alvo que pretendíamos vir a aplicar.

Conforme estava previsto no cronograma realizado (Apêndice IV), em meados de fevereiro, foi efetuado o pré-teste dos questionários, junto de um grupo de docentes de diversos grupos disciplinares e de níveis de ensino diferentes. Esta fase é de extrema importância, na medida em que ajuda o investigador a detetar e corrigir antecipadamente problemas ou dúvidas que pudessem vir a surgir aquando da aplicação do questionário na fase definitiva. De acordo com Mattar (1994), esta fase do pré-teste deverá ser feita durante a elaboração do questionário, na medida em que este ainda será passível de ser reformulado. Este instrumento deverá ser o mais fiel possível ao questionário final, de forma a que nos apercebamos dos erros e falhas que possa ter, dando-nos igualmente uma visão acerca das questões, se as mesmas estão perceptíveis ou não, assim como a sua adequação relativamente à recolha de dados que se pretende fazer.

Depois de termos tido retorno acerca da realização do questionário, e termos conseguido aferir o seu tempo de realização, procedeu-se a alguns acertos ao nível das construções frásicas nalgumas questões, de modo a que ficassem o mais perceptível possível. Nesta fase, procedeu-se ainda à alteração da ordem de algumas questões, de forma a que houvesse uma sequência mais lógica das mesmas com vista a facilitar o entendimento do questionário por parte dos inquiridos. Após terem sido realizados estes pequenos ajustes, procedemos então à finalização dos questionários com vista a prosseguir com a sua aplicação.

Depois do mesmo ter sido validado, e devidamente formatado e uniformizado, tal como previsto no guião elaborado, em meados de março, procedeu-se à sua impressão em suporte de papel, de forma a serem aplicados junto dos inquiridos (Apêndice V).

Para que não corrêsemos o risco de “contágio de dados”, decidiu-se que o entrevistador não iria estar presente aquando da aplicação dos questionários junto dos professores. Assim a investigação torna-se menos tendenciosa, do que se for aplicado por alguém mais neutro. Assim solicitámos o apoio à coordenadora do grupo disciplinar de Educação Especial na distribuição e recolha dos questionários juntos dos professores.

Em abril, procedeu-se à recolha de dados, tendo os participantes sido devidamente informados acerca dos objetivos do estudo, assim como da sua participação voluntária. Foram igualmente informados, que os questionários manteriam o seu anonimato, sendo que o resultado final do estudo em questão, irá ser colocado à disposição para posterior consulta.

Aquando da posse dos questionários devidamente preenchidos, procedemos ao tratamento de dados no programa Excel, recorrendo à elaboração de tabelas e gráficos, de forma a obter uma análise de dados mais esclarecedora e elucidativa dos resultados

No caso da elaboração dos questionários a aplicar aos alunos, foi igualmente produzido um guião para a construção do questionário (Apêndice VI), e seguidamente uma tabela de construção de questionário (Apêndice VII), mas este requeria um cuidado especial na sua elaboração, na medida em que o público alvo apresentava características muito específicas.

Assim sendo, numa primeira instância, a título informal, visitámos o espaço com o intuito de observarmos e percebermos melhor as dinâmicas diárias que acontecem na sala de aula que recebe os alunos do presente estudo. A diferença maior que encontramos, para uma sala de aula dita normal, consistiu na existência de equipamentos e eletrodomésticos de cozinha, utensílios do dia a dia como tábuas de passar a ferro e estendais, e outros utensílios que não se encontram presentes noutras salas.

No segundo momento, voltámos ao mesmo espaço, com o intuito de termos um primeiro contacto com o grupo de alunos, de forma a dar-lhes a conhecer o estudo que se encontrava a decorrer. Esta observação mais participativa, permitiu-nos então a extração de mais informações acerca dos alunos, o que nos continuou a ajudar na estruturação e adequação dos questionários.

Assim sendo, no caso do questionário construído para aplicar aos alunos (Apêndice VIII), o mesmo foi dividido apenas em duas partes de forma a que não fosse extensivo, tentando-se igualmente adequá-lo de acordo com especificidades do público-alvo em questão, na medida em que se tratam de alunos com CEI, que embora sejam crianças funcionais, apresentam algumas limitações ao nível do seu domínio cognitivo.

Na primeira parte do questionário, apresentam-se os dados de índole sociodemográfico, composto por apenas três questões. Na segunda parte, o questionário contém doze questões do tipo fechadas, e apenas uma questão do tipo aberta, somando assim treze questões. Tal como no questionário elaborado para os professores, pode considerar-se que se trata igualmente de um questionário do tipo fechado, pelo que as questões apresentam como opções de resposta, escolha múltipla ou recurso à escala de 1 a 3 pontos com as designações de “Sim”, “Não sei” e “Não”. A presente escala inspirada nos modelos de Likert, terá sido assingelada devido ao seu público-alvo, sendo de mencionar que a investigadora, junto das respostas possíveis a assinalar, aleou uma sinalética (Figura 1) própria e familiar a todas as crianças, de forma a facilitar a escolha das mesmas e a todo o processo de inquirimento.

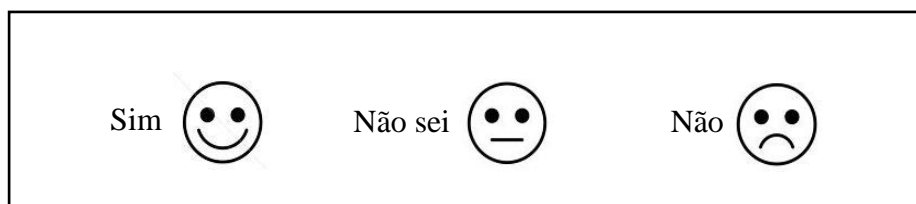


Figura 1

Estes instrumentos de investigação, foram elaborados previamente com uma série de questões devidamente estruturadas, não descurando igualmente da apresentação gráfica e o formato do questionário, considerando que o aspeto visual do mesmo é muito importante, na medida em que poderá implicar que os inquiridos o preencham ou não.

Dada à especificidade de cada aluno, criou-se então um questionário similar ao dos docentes, mas com o cuidado de ser visualmente mais apelativo e com uma linguagem adaptada ao perfil dos mesmos. Tal como sucedeu com o questionário dos professores, o dos alunos foi igualmente testado junto de alunos com perfil semelhante, de forma à obtenção da sua validação. No caso do questionário dos alunos, verificámos que não

houve problemas no preenchimento, nem dúvidas relativamente à sinalética e tipos de questões.

Respeitando as orientações emanadas por Bell (1997), os questionários elaborados continham instruções bem claras de preenchimento, as questões estavam devidamente espaçadas e de fácil leitura, foram colocados quadrados para as respostas para não dar origem a enganos, e como não poderia deixar de ser, houve atenção em relação à formulação de perguntas o mais simples possível tentando que não houvesse dúvidas em relação à questão que se lhes colocava.

É de referir ainda que, no caso do questionário dos alunos, devido às suas especificidades e limitações, a coordenadora do grupo disciplinar de Educação Especial, em consonância com a investigadora, decidiram que o questionário, fosse lido e acompanhado aquando da sua realização, pela investigadora.

Posteriormente à aplicação, foram devidamente recolhidos para serem devidamente analisados.

Desde modo, o instrumento de recolha de dados utilizado por excelência, tanto para professores como para os alunos, foi o inquérito por meio de questionário. Segundo os autores Ghiglione e Matalon (1995, p. 8), os mesmos definem o inquérito como sendo “uma interrogação particular acerca de uma situação, englobando indivíduos com o objetivo de generalizar”.

Como já havíamos referido, ambos os questionários são do tipo fechado, pelo que as respostas possíveis encontram-se limitadas por uma escala, sendo que as mesmas são apresentadas ao entrevistado em número ímpar de modo a que quem vá analisar os resultados consiga encontrar um equilíbrio entre o negativo e o positivo.

Para além das questões fechadas, nos dois inquéritos poder-se-á encontrar uma resposta aberta em cada um deles, onde o objetivo principal residiu no facto de professores e alunos responderem às mesmas de acordo com a sua opinião pessoal, sobre determinado assunto que nos interessava explorar. Segundo Blais e Durand (2003, p.399) “a inserção de algumas questões abertas num questionário pode ajudar a completar a informação e a enriquecer a interpretação”. Por último, é de referir que conforme o cronograma elaborado, a recolha de dados ocorreu no mês de abril do presente ano, pelo que a presente investigação reporta ao ano letivo de 2017/2018.

5. Apresentação e análise dos resultados

Após terem sido aplicados os questionários a professores e alunos, procedeu-se à recolha dos mesmos, junto da coordenadora do grupo disciplinar de Educação Especial, no caso dos questionários dos professores. Como já foi referido anteriormente, os dados dos alunos foram recolhidos individualmente junto de cada um deles.

Tratando-se assim de um estudo qualitativo, procedeu-se à interpretação dos dados, através da análise de conteúdo, de forma a que fosse encontrado um padrão dos dados recolhidos. Em função da escala e do instrumento de investigação eleitos, houve repetições de opiniões e de respostas, onde de acordo com Sousa (2009), terá que se proceder à simplificação dessas mesmas respostas, de forma a ser criada uma terminologia mais clara e mais curta, onde a análise dos dados seja efetuada mais facilmente, para que a informação seja reduzida a unidades de sentido. Posteriormente estas respostas foram agrupadas e sistematizadas de forma a unificarmos toda a informação obtida. Durante o processamento de dados, tivemos sempre presente os objetivos em estudo. Como referem os autores Bogdan e Biklen, (1994) nesta etapa do projeto devemos realizar uma síntese de toda a recolha efetuada, definir padrões e identificar os aspetos que devem ser estudados e apresentados.

Relativamente à planificação das atividades letivas com o apoio das AP tendo em consideração que os professores inquiridos são de grupos de recrutamento completamente distintos, quando foram questionados em relação ao papel e importância que as AP assumem na sua prática letiva, apesar das opiniões não serem unânimes relativamente à sua utilização, mais de metade dos professores assumem que as AP desempenham um papel muito importante na sua prática letiva (Apêndice XIX – Gráfico 5.1.).

Contudo, quando os professores foram questionados sobre o facto de recorrerem às AP aquando da planificação das atividades letivas para atingirem mais facilmente metas com os alunos com NEE, (Apêndice XIX – Gráfico 5.2.), verificámos que apenas uma minoria de professores não recorre às AP como forma de atingir mais facilmente objetivos com alunos com NEE.

Quando indagados acerca da utilização de estratégias pedagógicas com recurso às AP, (Apêndice XIX – Gráfico 5.3.), a maioria dos inquiridos assumiu que recorrem frequentemente à utilização desta área permitindo assim um tipo de ensino mais individualizado, pois, de acordo com as respostas dadas (Apêndice XIX – Gráfico 5.4.), verificou-se que mais de metade dos professores considera que as AP são uma área

importante para este processo. Para reforçar esta ideia, o currículo das AP no sistema de ensino português, permite uma correlação com duas dimensões: a dimensão artística e a científica. Nele estão estabelecidas pontes entre o ser e o fazer; entre o pensar e realizar; entre o poder e querer realizar.

Com base nas respostas dadas verificámos ainda que cerca de metade dos professores recorrem frequentemente à utilização da AP na inserção de conteúdos nas disciplinas que lecionam (Apêndice XIX – Gráfico 5.5.).

Como se pode observar no Gráfico 5.6. (Apêndice XIX – Tabela 5.6.), verificámos que, em termos das áreas de exploração os inquiridos assinalaram mais de uma opção, a saber: mais de metade dos participantes utilizam diversas vezes o desenho, recorte e colagem, pintura e, outras áreas de exploração como a modelação e moldagem, um número muito pequeno, nada expressivo, recorrem a construções e ninguém utiliza escultura.

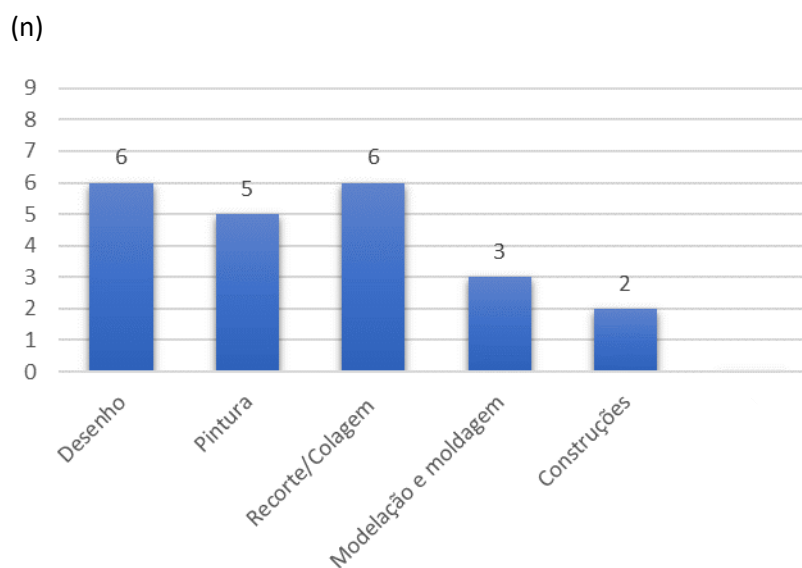


Gráfico 5.6. Utilização das AP como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com diversas áreas de exploração.

De acordo com o objetivo que definimos “identificar que tipo de técnicas das AP são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE”, podemos aferir que os professores recorrem às áreas de exploração das AP para motivar a aprendizagem de determinados conteúdos nos alunos com NEE, principalmente às áreas de desenho, recorte/colagem e pintura. Pelo facto de serem as mais utilizadas, atestamos assim que

estas áreas específicas das AP são extremamente importantes, ao nível do desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que ajudam a estimular a criatividade e a imaginação, assim como o desenvolvimento motor, ao nível da motricidade fina. Recorrer constantemente a atividades de cariz plástico junto dos alunos com NEE é fundamental, na medida em que devem ter um contacto reiterado com materiais diversos, com vista ao desenvolvimento de determinadas técnicas.

Sobre a questão se “As AP fomentam a interação entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo de ensino/aprendizagem” (Apêndice XIX – Gráfico 5.7.), os professores consideram que existe uma interação entre alunos, favorecendo assim o ambiente propício ao processo ensino/aprendizagem. Exposto isto, podemos considerar que as AP para além do que já foi referido, podem igualmente desenvolver outros potenciais na criança com NEE, na medida em que promovem o exercício do ser e estar, do conviver, do saber-fazer, fomentando assim competências sociais, cognitivas e produtivas.

Quanto à questão relativa à promoção de autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas (Apêndice XIX – Gráfico 5.8.), a maioria respondeu afirmativamente, concordando assim que as AP podem também ajudar a trabalhar a questão da autonomia e autoconfiança no aluno com NEE.

Sobre o processo ensino/aprendizagem, os professores concordam parcialmente e totalmente relativamente à afirmação “As AP, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue” (Apêndice XIX – Gráfico 5.9.). Tudo isto vem ao encontro da opinião de Read (cit. Por Sousa 2003, p.27) que defende que “a arte deve ser a base da educação, considerando as artes como o método mais eficaz para se efetuar a educação, propondo o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como objetivos imediatos de uma intervenção lúdico-expressivo-criativa (...)”.

Quando questionamos os professores se achavam que os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando inseridos através da utilização das AP (Apêndice XIX – Gráfico 5.10.), constatamos que mais de metade dos inquiridos concordam que os conteúdos são melhor assimilados quando recorrem às AP.

No que concerne à afirmação “O aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das AP” (Apêndice XIX – Gráfico 5.11.), foi possível

verificar que a maioria dos professores concordam totalmente e parcialmente com a tomada desta estratégia no ensino de algumas matérias.

De acordo com as respostas dadas pelos inquiridos à questão “As AP para além de promoverem o processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolvem igualmente a criatividade e sentido crítico” (Apêndice XIX – Gráfico 5.12.), constatou-se que todos os inquiridos, concordaram, contudo, surgiu um inquirido que se mostrou indiferente relativamente à afirmação apresentada.

Quanto à consolidação de determinados conteúdos com recurso às AP (Apêndice XIX – Gráfico 5.13.), observamos que mais de metade dos professores consideram que existe uma melhor consolidação de determinados conteúdos quando recorrem às AP.

Na última questão, os professores responderam por unanimidade, ou seja, as aprendizagens feitas através das AP, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE (Apêndice XIX – Gráfico 5.14.).

Após uma breve análise dos resultados acima explanados, podemos afirmar que as AP são uma área transversal a todas as disciplinas, sendo que o professor utiliza as AP como estratégia de ensino e aprendizagem junto do aluno, possibilitando assim ao mesmo o desenvolvimento de certas competências tais como: exprimir sentimentos, mostrar que possui alguma criatividade e espontaneidade no que faz.

Da recolha de informação que fizemos deparámo-nos também com opiniões de alguns investigadores na área, tais como Sousa (2003) que reforçam a ideia de que as AP são uma área transversal às outras disciplinas, assim, os alunos além de adquirirem formação em certos temas com base nas AP, também ficam preparados para assumirem um lugar na sociedade.

Relativamente aos dados recolhidos junto dos alunos, Gráfico 5.15., de acordo com a matriz curricular que os alunos têm nesta escola, podemos observar que a disciplina de Modelação e Pintura, está entre as disciplinas preferidas dos alunos.

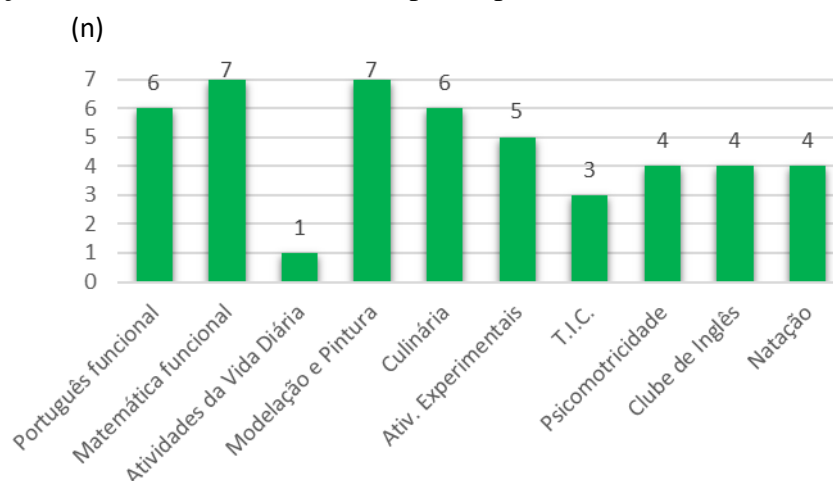


Gráfico 5.15. Qual(is) a(s) disciplina(s) que os alunos gostam mais

Relativamente à disciplina que os alunos mais gostam de estar com a turma, podemos observar-se no Gráfico 5.16., que a disciplina de Educação Visual é das mais escolhidas, indo ao encontro da resposta à pergunta “Gostas de EV” (Apêndice XIX – Gráfico 5.17.), em que a maioria dos alunos respondeu de forma afirmativa.

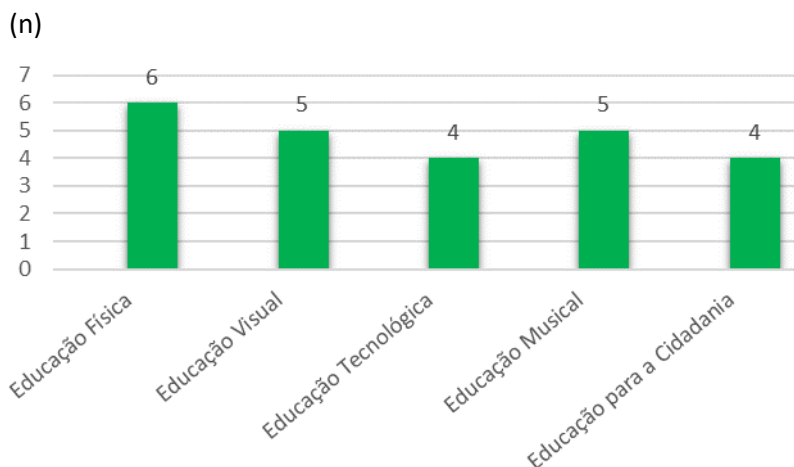


Gráfico 5.16. Disciplina que os alunos mais gostam de estar com a turma.

No caso da disciplina de Educação Tecnológica (Apêndice XIX – Gráfico 5.18.), o resultado foi igualmente expressivo, uma vez que os alunos responderam afirmativamente à questão.

Na questão aberta, acerca dos motivos pelos quais os alunos gostam/ não gostam das disciplinas de EV e ET no Gráfico 5.19., podemos conferir que dois dos inquiridos responderam que se tratam de disciplinas interessantes, mas também consideram, que se tratam de disciplinas “divertidas”, “porque gostam de desenhar”, e “gostam de expressar a sua imaginação”.

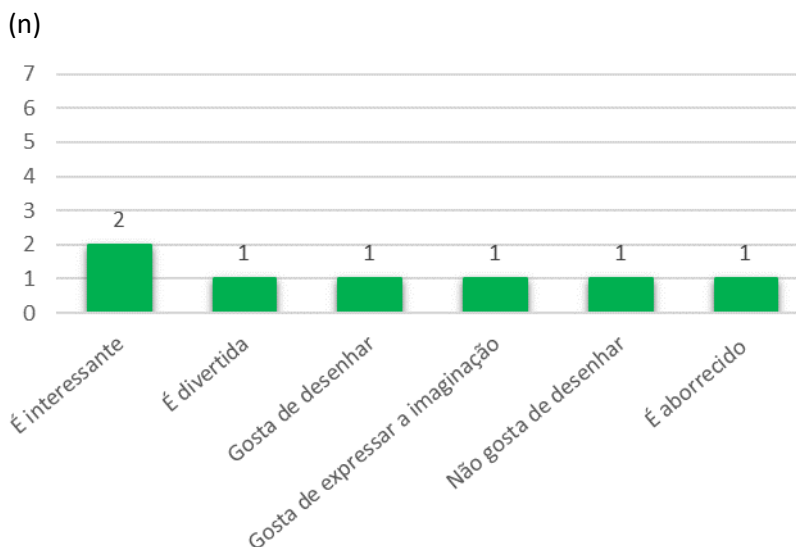


Gráfico 5.19. Motivos pelos quais os alunos gostam/ não gostam das disciplinas de EV e ET.

Sobre as áreas de exploração que os alunos mais gostam de trabalhar em EV, os alunos assinalaram mais que uma opção, como se pode observar no Gráfico 5.20., contudo, a mais escolhida foi a pintura, seguida do desenho, recorte e colagem.

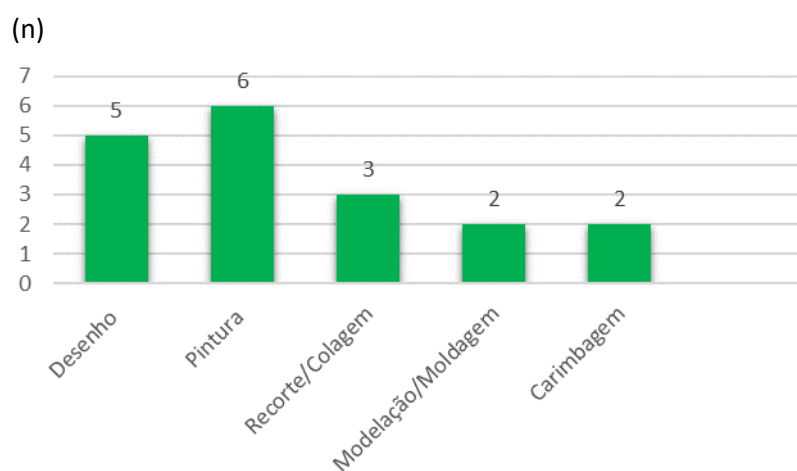


Gráfico 5.20. Área de exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de EV.

Na disciplina de ET, (Gráfico 5.21.) a área de exploração mais escolhida foi “construções”.

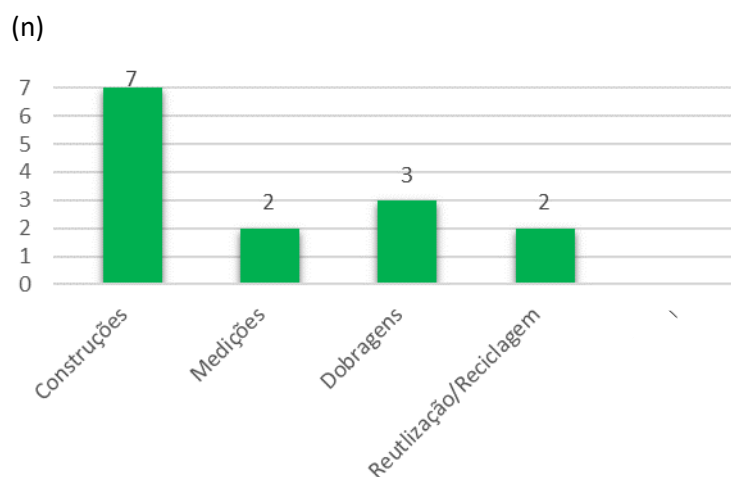


Gráfico 5.21. Área de exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de ET.

Quando foi pedido aos alunos que confirmassem se os professores de outras disciplinas costumam utilizar as técnicas de EP para dar as matérias (Apêndice XIX –

Gráfico 5.22.), e, se sim, quais as disciplinas, os alunos responderam afirmativamente, e elegeram as disciplinas (Gráfico 5.23.), de Português Funcional, Matemática e o Clube de Inglês.

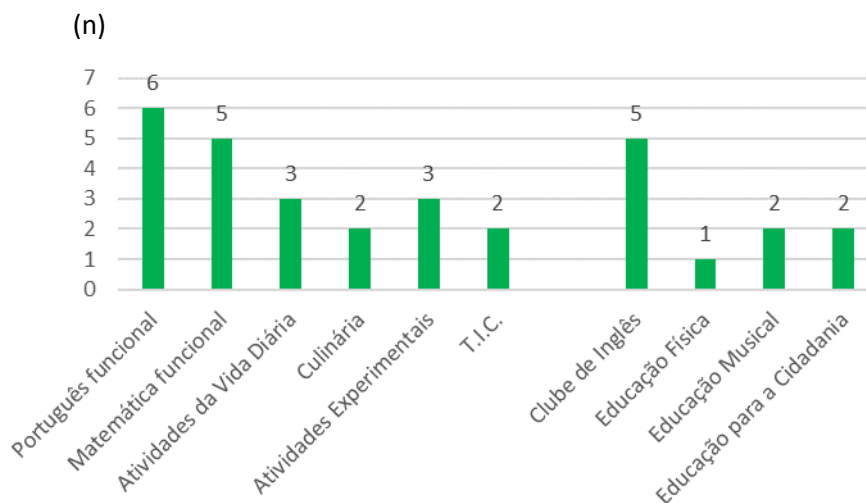


Gráfico 5.23. Disciplinas que mais usam a EP.

Quando os questionámos sobre se a EP ajuda-os a perceber as matérias mais difíceis de outras disciplinas (Apêndice XIX – Gráfico 5.24.), a maioria respondeu que sim, logo podemos assinalar que as AP podem ajudar os alunos com NEE a perceber os conteúdos mais complexos.

Relativamente à afirmação “gostava que a Expressão Plástica fosse mais usada em todas as disciplinas”, (Gráfico XIX – Tabela 5.25.), todos os alunos, à exceção de um aluno, responderam de forma positiva. Contudo, quando lhes perguntámos se em casa realizavam trabalhos relacionados com as EP (Gráfico XIX – Tabela 5.26.), apenas três alunos responderam que “sim”.

Por último, quando lhes é questionado se a EP vai ser importante na sua vida futura (Gráfico XIX – Tabela 5.27.), a maioria dos alunos diz não saber se Expressão Plástica será importante futuramente.

6. Discussão dos resultados

Depois de terem sido explanados e analisados os resultados obtidos nos questionários efetuados a professores e alunos, de um modo descritivo, passaremos então à discussão dos mesmos.

Partindo do tema central da presente investigação, pretendemos assim, perceber a utilização que as AP poderão ter no processo ensino/aprendizagem dos alunos do 2.º Ciclo com NEE. Para além deste objetivo geral, queremos igualmente debater os resultados obtidos em relação aos objetivos específicos elencados anteriormente, mais precisamente na parte II – Enquadramento empírico, mais precisamente no ponto 1.1.

Começamos primeiramente pela questão geral do estudo, onde os inquiridos se expressaram de forma significativa, sendo que 78% dos professores consideraram que as AP são uma área importante no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE. Tudo isto vai ao encontro das ideias de Fischer (2007) uma vez que o autor considera que a arte pode trabalhar as perceções do aluno com NEE, perceções estas que poderão ser fulcrais ao processo de ensino aprendizagem dos mesmos.

No que concerne ao objetivo n.º1 “Identificar se as AP são relevantes, ou não, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI” e, dado ao facto de a disciplina e, os conteúdos teóricos implícitos, proporcionarem o manuseamento de variados materiais plásticos, a exploração e a criação de uma forma livre e espontânea, apresentando assim um carácter mais prático (Menano, 2003), 89% dos professores estão de acordo, com que as AP parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue, o que querera dizer que disciplinas de carácter mais teórico, poderão, muitas das vezes socorrerem a estas estratégias, para facilitar a aprendizagem de algumas matérias junto dos alunos, indo ao encontro das especificidades de cada um. Como até Correia (2003, p.9) afirmou, “a criança com necessidades educativas especiais não se alimenta de sonhos, mas sim de práticas educativas eficazes que têm sempre em linha de conta as suas capacidades e necessidades”.

Perante o exposto, 89% dos professores inquiridas notam que determinados conteúdos e matérias, são mais facilmente assimilados quando são explorados em simultâneo com as AP, algo que vai de acordo à afirmação que Feinstein (2011) fez, na qual ele afirma que a conexão entre as artes visuais e o cérebro pode proporcionar alterações ao nível da aprendizagem do indivíduo no decorrer da sua vida. Um aluno que esteja a aprender o que é um algarismo, aprenderá mais facilmente se o modelar em plasticina, por exemplo, desenvolvendo assim a motricidade fina em simultâneo com a visualização da sua forma, em vez de repetir o algarismo inúmeras vezes através da escrita. No âmbito da escrita, acaba por ser um gesto meramente mecânico e, podendo até mesmo vir a causar frustração ao aluno. Alguns investigadores, tais como Fischer (2007)

defendem que a arte pode trabalhar as perceções do aluno com NEE e essa particularidade é fundamental no processo de ensino/aprendizagem dos mesmos.

Tudo isto vem provar como a afirmação (“As AP são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE”) presente no questionário, à qual mais uma vez 78% dos professores responderam de forma afirmativa. O aluno, pode assim sentir-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das AP, do que um determinado conteúdo isolado e centrado numa só disciplina. Em termos das atividades letivas propostas nas diversas disciplinas, atividades estas aliadas às AP, os dados revelam que estas estão assentes no prazer sentido pelo aluno ao tocar, manipular, olhar e saber fazer, permitindo assim que comunique, manifeste as suas emoções, e a sua personalidade (Dorance 2004).

Com base nos dados recolhidos podemos ainda revelar que, 89% dos professores concordaram que as AP desenvolvem igualmente a criatividade e o sentido crítico. Como Santos referiu (2007, p.19)”. A escola deve ainda promover nos mais novos (...) o desenvolvimento integral numa perspetiva de preparação para a vida social, profissional e como cidadãos críticos e constitutivos”.

Ainda dentro do mesmo objetivo, os inquiridos, consideram por unanimidade (100%) que as aprendizagens feitas através das AP, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE, por estas implicarem simulações de situações práticas.

Relativamente ao objetivo n.º2 “Observar se os professores utilizam frequentemente as AP nas atividades letivas que desenvolvem junto dos alunos com NEE”, de acordo com as respostas dos inquiridos, conseguiu-se observar que 56% dos professores recorrem às AP quando estão a elaborar as suas planificações, assim como 67% dos professores dizem utilizar as AP aquando da preparação das atividades letivas, com vista a conseguirem que o aluno atinja mais facilmente as metas definidas.

Na introdução de novos conteúdos, conseguimos aferir que 55% dos professores recorrem às AP como forma de motivação.

Face aos resultados, pode-se então observar que as AP estão presentes no processo de ensino/aprendizagem, nas várias fases do mesmo, uma vez que são contempladas diariamente na prática letiva dos professores e alunos com NEE.

Por último, na consolidação dos conteúdos, 67% dos professores assumiram ainda que os alunos consolidam os conteúdos com recurso às mesmas. Assim, de acordo com o potencial que a referida disciplina apresenta, por recorrer a uma aprendizagem visual e

táctil, ela pode ajudar um aluno com NEE a assimilar determinados conceitos, ou seja, passar a ter, mais capacidade de armazenar e recuperar posteriormente informações diversas Feinstein (2011). Perante esta questão, e com base nas respostas dos alunos, podemos indicar que os alunos (71%) afirmam que os professores recorrem ao uso de técnicas das AP para exporem as matérias.

Em virtude de conseguir dar resposta ao objetivo n.º 3, que consiste em identificar que tipo de áreas de exploração das AP são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE, no questionário, os professores selecionaram algumas das áreas de exploração, a saber: o desenho (27%), o recorte/ colagem (26%) e a pintura (23%) como as áreas de eleição, recorrendo frequentemente. Com menos expressão utilizam a modelação e moldagem (14%) e construções (9%).

Dando continuidade à discussão dos resultados, seguimos então para o 4º objetivo, onde se pretende entender se as AP promovem uma maior autonomia no aluno com NEE no desenvolvimento das atividades letivas. Responderam afirmativamente a esta questão 89% dos inquiridos, resultados estes que vão ao encontro do estudo efetuado por outros investigadores, como foi o facto de Neto (2013), no qual ele afirma que as AP possibilitam o desenvolvimento de aspetos ligados à autoestima, independência, sensibilidade e perceção do sujeito, estimulando a cognição, a afetividade e as relações sociais. A liberdade de expressão e autonomia que um indivíduo consegue obter com base no uso das várias atividades da expressão plástica proporcionam mais facilmente a criação de uma relação aberta com outro indivíduo.

Para além da autonomia, que as AP podem fomentar nos alunos com NEE, a referida área pode igualmente incentivar a interação entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares, e o processo de ensino/aprendizagem. No total das respostas dadas pelos professores, a esta questão, apontamos que 89% dos docentes consideram que as atividades de grupo promovidas pelas AP na escola poderão ajudar à socialização dos alunos com NEE. Pois embora os indivíduos com problemas de comportamento e comunicação tenham dificuldades de socialização, como afirmaram Oliveira e Santos (2004), a partir das artes plásticas consegue-se criar trabalhos que sejam feitos em grupo.

As AP para além de promoverem o trabalho entre pares, também poderão promover um ensino mais individualizado junto dos alunos com NEE, mais propriamente com CEI, como responderam a maior parte dos professores questionados (78%).

Quando quisemos averiguar qual é a percepção dos alunos sobre a área das AP (Objetivo n.º 5), a partir da questão n.º12 do questionário “A EP ajuda-me a perceber as matérias mais difíceis das disciplinas”, verificámos que a maioria dos alunos (71%) respondeu afirmativamente e que os restantes (29%) responderam que “Não”. Perante estas respostas podemos apontar que para os alunos as AP podem ser uma mais valia para a motivação, compreensão e consolidação de conteúdos mais complexos. Diante esta situação, a maioria dos alunos (86%) afirma que EP deve estar mais presente em todas as disciplinas, de modo a facilitar todo o processo ensino/aprendizagem nas áreas que os mesmos consideram mais “difíceis” e revelam mais dificuldades.

Embora o uso das EP seja uma preferência, por parte dos alunos com NEE, na aprendizagem das matérias de várias disciplinas, constatámos que apenas 43% dos alunos realizam, em casa, trabalhos relacionados com as AP. E, para finalizar, apontámos que 86% dos alunos diz não ter certezas em relação à importância que as AP poderão ter na sua vida futura.

Entre as várias áreas de exploração existentes (6.º objetivo, - averiguar se as AP estão entre as áreas de predileção dos alunos com NEE) os dados revelam que os alunos elegeram a área de Modelação e Pintura, como sendo uma das suas áreas favoritas, e EV (25%) e ET (17%) como sendo as disciplinas que mais gostam de frequentar com a turma em que se encontram inseridos. Quando indagamos diretamente se gostavam de EV, 71% revelaram gostar desta disciplina, e 86% expressou gostar de ET. Como tal consideramos evidente o gosto pelas disciplinas supracitadas.

Quando questionados acerca das razões pelas quais gostam das referidas disciplinas, os alunos responderam que as acham interessantes (30%), divertidas (14%), gostam de desenhar (14%), e expressar a sua imaginação (14%).

No que concerne ao objetivo n.º 7 “Identificar quais as áreas de exploração das AP que utilizam no desenvolvimento das atividades letivas”, na disciplina de Educação Visual, 33% dos alunos indicam a pintura, 28% o desenho, 17% o recorte e colagem e 11% modelação/moldagem e carimbagem.

Na disciplina de ET, 50% dos alunos indicaram a área de exploração das construções, 23% as dobragens, e 14%, medições e reutilização/ reciclagem de materiais.

No que respeita ao objetivo n.º 8 “Identificar junto dos alunos com NEE quais são as disciplinas que recorrem mais às AP”, conseguimos perceber a partir das respostas dos alunos que são mais utilizadas nas disciplinas nucleares de Português funcional (19%),

Matemática funcional (16%) e, ainda o Clube de Inglês (16%). Com menos incidência, também são utilizadas nas Atividades da Vida Diária (10%), Culinária (7%), Tecnologias da Informação e Comunicação (7%), Educação Musical (6%), Educação para a Cidadania (6%), e Educação Física (3%).

Com base nos dados recolhidos, os resultados revelam que as AP são utilizadas no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, assumindo assim um papel globalizante e transversal ao currículo específico dos mesmos. Quanto mais as AP forem utilizadas, maior será a possibilidade de criança conseguir assimilar mais facilmente certas matérias, e pode-se expressar livremente, fazendo com que desenvolva o seu sentido crítico, a socialização, entre outras competências, algo que não acontece noutras áreas mais revestidas de conteúdos teóricos. A experimentação de técnicas e materiais, fará com que estes alunos aprendam e, apreendam conceitos, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua personalidade, algo que os fará encarar mais facilmente o mundo que os rodeia.

7. Conclusões

A presente dissertação recaiu sobre a temática da utilização das AP no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, mais propriamente no 2.º Ciclo. Todo o cerne da presente investigação, partiu de uma única e exclusiva questão:

- As AP serão úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI?

Numa primeira fase, procedemos à elaboração do enquadramento teórico, com base em opiniões dos mais variados autores, investigadores, profissionais da área e de áreas complementares, tais como Wojnar e Santos (citado por Sousa 2003) e Read (2010), os quais escreveram sobre esta questão, ajudando-nos assim a entender o quanto as AP podem ser bastante relevantes no processo ensino/aprendizagem dos alunos com NEE.

Partindo então do geral para o particular, definiram-se conceitos sobre arte, e AP, entre os quais aferimos que a arte representa um meio de expressão, onde o indivíduo consegue transpor para o papel, ou para outro tipo de suporte, tudo aquilo que sente e pensa, podendo dar asas à sua imaginação, criando e recriando todo o seu meio envolvente.

Seguidamente abordámos a questão das AP na educação dos alunos do 2.º Ciclo. Nesta etapa observámos que as disciplinas de EP ou EVT, recorrem ao método de

resolução de problemas, aquando da realização das tarefas propostas, promovendo assim o desenvolvimento das mais variadas aprendizagens.

Normalmente, estas aprendizagens estão ligadas estritamente com as vivências quotidianas dos alunos. Contudo, considera-se ainda insuficiente a abordagem que a escola portuguesa tem em relação às áreas de EP ou EVT, na medida em que as mesmas deveriam ser mais valorizadas e centralizadas, através do aumento da sua carga horária, em relação às outras disciplinas do currículo formal.

Para percebermos melhor certas atitudes e metodologias utilizadas pelos professores, analisámos ainda a formação dos professores do Ensino Básico de 2.º/3.º ciclos, de forma generalizada, e a formação de base dos professores no âmbito das AP. Desta análise podemos constatar que, a formação dos professores ao nível das AP, ainda é insuficiente, na medida em que se confina apenas a uma disciplina designada por “Didática das Expressões”. Como o próprio nome indica, são abordadas todas as áreas das expressões (Musical, Dramática, Físico-motora e Dança), sendo muito pouco tempo reservado apenas à exploração da EP.

No tocante ao processo ensino/aprendizagem, o qual consiste na transmissão de conhecimentos, onde o professor terá a missão de passar os seus próprios conhecimentos, para os alunos e, se o aluno estiver predisposto a recebê-los, irá assimilá-los. Posteriormente, o professor irá verificar se efetivamente o aluno reteve o que lhe foi ensinado.

Assim, com base nos resultados recolhidos, consideramos que as AP são uma área fulcral ao desenvolvimento da sensibilidade e do pensamento crítico, tão necessário nas várias disciplinas, não esquecendo o importante desenvolvimento da motricidade fina de uma criança, dado ao contacto reiterado com uma série de materiais com características muito próprias e diferentes. Este contacto permanente com materiais plásticos, permite um desenvolvimento sensorial que dificilmente outra área consegue promover.

Portanto, torna-se evidente que as AP poderão ajudar bastante na apreensão de novos conceitos, expondo-se assim as matérias com base numa aprendizagem mais prática, algo que o currículo formal de outras disciplinas pode não permitir. As AP permitem assim que o aluno com NEE se possa expressar livremente através de materiais plásticos, proporcionando-lhes uma aprendizagem mais acessível, em virtude das dificuldades que possam possuir, com vista à sua progressão em relação a pequenas metas a atingir.

Os alunos com NEE são fundamentalmente os alunos que apresentam um défice cognitivo, apresentando um ritmo mais lento de aprendizagem e de desenvolvimento relativamente aos alunos designados como regulares. Os alunos com NEE com CEI, tratam-se de alunos que usufruem de uma medida educativa que prevê a alteração significativa do currículo do ensino regular, sendo o mesmo determinado pelo seu nível de funcionalidade, devendo dar resposta às suas necessidades mais específicas.

É de salientar, que até à data de entrega da presente dissertação, encontrava-se em vigor o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, sendo que no dia 6 de julho de 2018, o mesmo veio dar lugar ao Decreto-Lei N.º 54/2018. Com a alteração do referido Decreto-Lei, foram feitas uma série de alterações, ao nível das nomenclaturas e dos procedimentos anteriormente em vigor, entre as quais a designação de Educação Especial, passa agora a chamar-se Educação Inclusiva.

No caso dos alunos com NEE com CEI, foram igualmente alterados procedimentos, sendo que continua em vigor a elaboração do Programa Educativo Individual (PEI), que regula a intervenção especializada a ministrar junto do aluno. Na antiga legislação este documento era elaborado para todos os alunos com NEE, sendo o mesmo complementado com o CEI. Atualmente a elaboração do PEI, apenas se aplica a alunos com medidas adicionais, designação esta que veio substituir a denominação de aluno com NEE com CEI. No Art.º 10.º do referido Decreto-Lei, as medidas adicionais visam colmatar as dificuldades acentuadas e persistentes que o aluno revele ao longo do seu processo de ensino/aprendizagem e respetiva avaliação. O aluno só poderá integrar as medidas adicionais em último recurso, tornando-se necessário apresentar evidências que comprovem que as medidas anteriores, designadas como medidas universais e medidas seletivas, foram insuficientes para que o aluno tivesse sucesso.

Quanto ao PEI, o mesmo é concebido para cada aluno, que resulta numa planificação centrada no discente, em que se identifica a operacionalização das adaptações curriculares significativas e integra-se as competências e aprendizagens a desenvolver. Quanto ao seu processo de avaliação, são identificadas estratégias de ensino e adaptações a efetuar no referido processo. A juntar ao documento supramencionado, tem que ser igualmente criado o Relatório Técnico Pedagógico (RTP), onde deverá constar a mobilização de medidas seletivas ou adicionais, servindo de suporte à aprendizagem.

Para finalizar podemos indicar, com base no estudo que elaborámos que as AP são uma área muito importante na formação dos alunos com NEE com CEI, na medida em que, como é uma área de ensino desenvolvida segundo uma vertente mais prática, deixa o aluno menos reticente em relação aos conteúdos explorados. Além disso, o aluno em conjunto com o professor, consegue explorar as suas capacidades, assim como em outras áreas, e que ao ser feito com base nessa metodologia de ensino, a mesma produz bons resultados, tanto ao nível cognitivo como motor.

Exposto isto, com base no estudo feito, nos resultados apresentados da recolha elaborada, da experiência colhida e colocada na prática, podemos afirmar que os alunos NEE sentem mais aptidão, uma satisfação e um conforto enorme quando executam trabalhos, feitos nas disciplinas que pertencem ao âmbito das AP, ou quando realizam exercícios noutras disciplinas, nas quais os professores recorrem ao uso das técnicas das AP. Na etapa do projeto pela qual passámos por diferentes experiências, também foi possível e muito positivo partilhar com outros colegas, o que as artes podem oferecer nas suas práticas profissionais. Essa experiência decorreu no âmbito de um seminário que oferecemos na unidade curricular de Design Inclusivo, do curso de mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, no qual exibimos um trabalho realizado com o tema “Cubo – Atividades da Vida Diária”, fazendo referência à utilização das AP no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE (Anexo I). Desta experiência podemos apurar alguns dos resultados que já assinalamos anteriormente, tais como, o uso das AP no método de ensino/aprendizagem dos alunos.

Podemos ainda indicar, com base no inquérito realizado juntos dos professores, que nas áreas das ciências exatas, os mesmos recorrem às AP em todos os momentos do processo de ensino/aprendizagem, uma vez que as contemplam durante a planificação de uma determinada atividade letiva, para motivação e introdução de novos conteúdos, durante a realização dessa mesma tarefa, e até mesmo na fase de consolidação dos mesmos.

Com o objetivo de termos uma visão mais abrangente sobre o tema, também recolhemos a opinião dos alunos, algo que podemos apontar ter sido muito positivo, pois embora sejam alunos assinalados com NEE com CEI, são indivíduos funcionais apresentando apenas algumas limitações ao nível do seu domínio cognitivo, por meio de um questionário, que vieram dar-nos satisfação, por ir ao encontro de conceitos já formados.

Aquando da observação dos resultados dos questionários aplicados aos alunos, conseguimos perceber que, de um modo geral gostam do contacto com as AP, e que as mesmas fazem parte integrante das outras disciplinas, de modo a que os conteúdos mais abstratos se tornem mais perceptíveis. Os alunos, revelaram ainda que tinham gosto pelo contacto com os diversos materiais e áreas de exploração implícitas na realização das tarefas letivas propostas pelas AP.

Depois de tudo o que foi explanado, podemos considerar que as AP, deveriam ser ainda mais valorizadas, devido ao potencial que revelam ter, tanto na exploração dos seus próprios conteúdos, como na utilização das suas áreas de exploração nas diversas disciplinas do currículo. Na era das novas tecnologias, pensamos que poderá ser um caminho a tomar, na tentativa de tornar as aprendizagens mais apelativas e motivadoras para os alunos.

Por fim, podemos assim apontar que as AP contribuem significativamente para a promoção das aprendizagens dos alunos com défice cognitivo.

8. Recomendações

Embora o atual estudo apresente algumas fragilidades e limitações ao nível do universo do número de inquiridos, o mesmo poderá abrir portas a novas investigações, ou mesmo ser aplicado noutras escolas, com outras realidades, abrangendo assim um número maior de inquiridos, o que nos levará a perceber e identificar outros aspetos.

O presente estudo foi realizado num contexto escolar, organizacional e pedagógico, que materializa as orientações do Decreto-Lei 3/2008 para a educação especial, situação que se alterou posteriormente com a publicação do Decreto-Lei 54/2018 sobre a Educação Inclusiva.

Efetivamente, o atual Decreto-Lei da Educação Inclusiva, tem as suas bases assentes numa visão holística (considera os aspetos académicos, comportamentais, sociais, emocionais e presentemente os fatores ambientais em que o aluno se encontra inserido), sendo que as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, pressupõem a implementação de mudanças a nível organizacional, bem como do próprio processo educativo.

Uma vez que, se trata de um processo que tem como objetivo principal dar resposta à diversidade das necessidades e potencialidade de todos e de cada um dos alunos,

devemos voltar a reforçar que as AP poderão ser um forte aliado na agora designada “abordagem multinível”. Este tipo de abordagem prevê que o mesmo conteúdo possa ser ensinado de várias formas, permitindo assim a adoção das mais variadas metodologias ao serviço do processo de ensino/aprendizagem. Aqui as AP poderão estar intimamente ligadas a novas metodologias a implementar, permitindo assim o acesso ao currículo ajustado às potencialidades e dificuldades dos alunos. Assim uma linha de estudos interessante a desenvolver seria a de procurar saber se, e de que forma, as AP estão a contribuir para o processo de inclusão à luz das novas orientações.

Este novo paradigma da inclusão e da Educação Inclusiva, fará com que haja uma reestruturação da escola, da forma de ensinar e de avaliar com vista à igualdade e equidade educativa.

Por fim, importa referir que a presente investigação não constitui um documento fechado, sendo que de acordo com o novo enquadramento legal da Educação Inclusiva, a presente temática poderá servir de mote a novos estudos e reflexões, a desenvolver em contextos e realidades aproximadas, e que essencialmente venham a ajudar professores e técnicos a adotarem e promoverem novas estratégias, que contribuam para o desenvolvimento de capacidades dos alunos e, sempre com o objetivo de melhorar o atual ensino.

9. Referências bibliográficas

- Alves, R. (2000). *A alegria de ensinar*. 10º ed. São Paulo: Papirus.
- Baptista, J. A. (1999). *O Sucesso de todos na Escola Inclusiva*. In Conselho Nacional de Educação [CNE]. *Uma Educação Inclusiva a partir da escola que temos*. Lisboa: CNE.
- Barbosa, A. M. (2003). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, A. M. (2006). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo, Cortez.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva
- Belo, C., Caridade, H., Cabral, L. & Sousa, R. (2008). *Deficiência Intelectual: Terminologia e Conceptualização*. Revista Diversidades.
- Blais, A. & Durand, C. (2003). A Sondagem in Gauthier, B. (2003). *Investigação Social: Da Problemática à Colheita de Dados*. Lisboa: Lusociência.
- Bogdan, R.; Biklen, S.. (1994). *Investigação quantitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora.
- Buoro (2000). *Olhos que pintam: A leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Buoro (2002). *O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez.
- Carneiro, R. (1997). *Sobre a integração de alunos portadores de deficiência no ensino regular*. Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC
- Carvalho, D., Gaspar, F. & Mesquita, J. (2004). *Novo espiral - 5.º/6.º anos Educação Visual e Tecnológica*. Lisboa: Texto Editora, Lda. Correia, L. M. (2003). *Educação especial e inclusão*. Coleção educação especial. Porto: Porto editora.
- Correia, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Porto Editora; Porto
- Correia, L. M. (2003). *Educação Especial e Inclusão: Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Vol. 13. Porto: Porto Editora.
- Denzin, N. K.& Lincoln, Y. S. (2000). *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Publications.

- Departamento da Educação Básica (1996). *Educação Pré-escolar e Ensino Básico em Portugal*. Lisboa.
- Dorance, S. (2004). *Atividades criativas na pré-escola*. Lisboa, Papa-Letras.
- Feinstein, S. (2011). *A aprendizagem e o cérebro*. Coleção: Horizontes pedagógicos. (L. Teopisto, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 2006).
- Ferreira, S. (2001). *O ensino das artes: construindo caminhos*. São Paulo: Papirus.
- Ferreira, V. (2003). *O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos*. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coord.s), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 165-196). Lisboa: Afrontamento.
- Fischer, E. (2007). *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro, Editora LTC.
- Foddy, W. (2002). *Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993)
- Fortin, M. F., (1999). *O processo de investigação: Da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e terra.
- Freixo, M. João Vaz (2011). *Metodologia científica – fundamentos, métodos e técnicas*. (3.ªed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Garcia, C. M. (2013). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Gaspar, S.I.S. (2012). *Dissertação - O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento educativo de alunos com défice cognitivo em contexto inclusivo*. Conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/xmlui/bitstream/handle/10437/3246/Dissertacao_SaraGaspar2012.pdf?sequence=1 Acedido em: 19/01/2019
- Ghiglione, R. & B. Matalon (1995). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, A. (2008). *Auto-avaliação das aprendizagens dos alunos e investimento da apropriação de créditos de avaliação*. Viseu: SEM, SPCE.

- González, J.A.T. (2002). *Educação e diversidade: Bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artmed.
- Hargreaves, A., (2004). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento – A educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora.
- Hernández, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- Hill, M. M. e Hill, A. (2012). *Investigação por Questionário*. Lisboa, Edições Sílabo.
- Jiménez, R. B. (1997). *Educação Especial e reforma educativa*. In R. Bautista (Coord.). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Ketele, J-M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lavelberg, R. (2003). *Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Lowenfeld, V. (1977). *A Criança e a Sua Arte: um guia para os pais*. São Paulo: Mestre Jou.
- Lustosa, G. (2009). *Inclusão, o olhar que ensina: o movimento da mudança e a transformação das práticas pedagógicas no contexto de uma pesquisa-ação*. Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3195/1/2009_tese_fglustosa.pdf Acedido em: 19/01/2019
- Martins, L. M. (2005). *Psicologia sócio-histórica: o fazer científico*. In: Abrantes, A. A.; Silva, N. R. & Martins, S. T. F. *Método histórico-social na psicologia social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. p. 118-138.
- Martins, M. C. & Picosque, G. & Guerra, M. T. T. (1998). *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD.
- Mateus, M.C.A. (2012). *A importância da educação pela arte no desenvolvimento de competências em alunos com necessidades educativas específicas: Perceção da equipa pedagógica de uma Instituição Suíça*. Universidade Fernando Pessoa. Porto. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5217/1/Tese%20de%20Dissertacao%20Manuela%2021-12-2015.pdf> Acedido em: 04/04/2018

- Mattar, F. N. (1994). *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 2v., v.2.
- Mendonça, S. (2014). *O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE*. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6468/1/SandraMendon%C3%A7a.pdf> Acedido em: 10/05/2018
- Ministério da Educação. Direção Geral do Ensino Básico. Reforma Educativa. (1991). *Programa - Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – Volume II – Ensino Básico – 2º ciclo*. Lisboa: ME. Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.
- Ministério da Educação (2001). Currículo nacional do ensino básico. Competências essenciais. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares de Educação Visual do Ensino Básico - 2.º Ciclo*. Lisboa: Direção Geral da Educação.
- Ministério da Educação. (2012) Metas. (2012) Curriculares de Educação Tecnológica do Ensino Básico- 2.º Ciclo. Lisboa: Direção Geral da Educação.
- Neto, R. B. O. (2013). *Ensino de artes visuais e educação inclusiva: Algumas reflexões na formação inicial*. Comunicação apresentada no Encontro de pesquisa educacional do norte e nordeste. Brasil: UFRN.
- Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, M. & Santos, A. (2004). *A Arterapia: Os Efeitos Terapêuticos da Expressão Plástica e a sua Influência no Comportamento e Comunicação da Criança*. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinett.
- Pardal, L., & Lopes E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Parlamento Europeu – Comissão da Cultura e Educação. (2009). *Relatório sobre os Estudos Artísticos na União Europeia*, de 24 de março de 2009. Disponível em: <http://eur-ex.europa.eu/LexUrierv/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2010:117E:0023:0026:PT:PDF>
- Pereira, F., Carolino, A. M., & Lopes, A. (2007). *A formação inicial de professores do 1º CEB nas últimas três décadas do séc. XX: transformações curriculares, conceptualização educativa e profissionalização docente*. in Revista Portuguesa de Educação, 20 (1), pp.191219.

- Ponte, J.P. (2006). *Os desafios do processo de Bolonha para a formação inicial de professores*. Revista da Educação,14.
- Porfírio, M. (2000). *O Professor e o Currículo – O ensino e a aprendizagem da Educação Visual e Tecnológica*. Livro do Professor. Porto: Edições Asa.
- Porfírio, M. (2004). *Educação Visual e Tecnológica*. Livro do Professor. Porto: Edições Asa.
- Quivy, R. & L. V. Campenhoudt (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva Publicações.
- Read, H. (2010). *A Educação pela Arte*. (A. Teixeira, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1943).
- Read, H. (2013). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte e a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Sanches, I. (1996). *Necessidades educativas especiais e apoios e complementos educativos no quotidiano do professor*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A; Garcia, T. & Vallejo, A. (1997). *Enciclopédia de Educação Infantil – Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar, expressão musical-expressão corporal e dramatização*. Lisboa: Nova Presença
- Santos, A.S. (2009). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Livros Horizonte.
- Santos, B. R. (2007). *Comunidade escolar e inclusão: Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Coleção horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, H. M. (2004). *O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Saramago, V.M.L. (2009). *Jovens com Necessidades Educativas Especiais: transição para o trabalho*, Universidade de Aveiro Departamento de Ciências da Educação.
- Silva, V.C.J.R. (2016) *A Arte na inclusão escolar: Contributo das Expressões Artísticas em alunos com NEE*. Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação Comunicação. Faro. Disponível em: <https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/9867/1/para%20CD%20final%20Vera%20Cristina%20Jorge%20Rodrigues%20Silva.pdf>. Acedido em: 23/04/2018

- Sousa, A. B. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas*. (1.º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. B. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação. Música e Artes Plásticas*. (3.º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stern, A. (1998). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte
- Teixeira, M. P. C. (1991). *As artes plásticas no ensino especial*. In IV Encontro Nacional de Educação Especial Comunicações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Unesco (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção: Necessidades Educativas Especiais*. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca: Unesco. Disponível em: http://redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf Acedido em: 19/01/2019
- Vygotsky, L. S. (1989). *A formação social da mente*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Vygotsky, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. Trad. Paulo Bezerra. SP: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S.; Cole, M. et al. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Warnock, H. (1978), *Special Educational Needs: Report Of The Committee Of Enquiry Into The Education Of Handicapped Children And Young People*. London: Her Majesty's Stationery Office.
- Yin, R. (2005). *Estudo de caso – planeamento e métodos*. 3ed.^a Porto Alegre: Bookman
- Zabalza, M.A. (2010). *Didáctica da Educação Infantil*. 6ª Edição. Madrid. Ed. Narcea.

Referências Legislativas

- DL n.º 344/90, de 2 de novembro.
- DL n.º 3/2008, de 7 de janeiro, art.º 1º, n.º 1.
- DL n.º 3/2008 de 7 de janeiro.
- DL n.º 43/2007 de 22 de fevereiro.
- DL n.º 115/2013 de 7 de agosto.
- DL n.º 54/2018 de 6 de julho, art.º 10º.

Apêndices

Apêndice I – Gráficos
(Caraterização dos professores e alunos)

Gráfico 3.2.1. Género dos participantes (Professores)

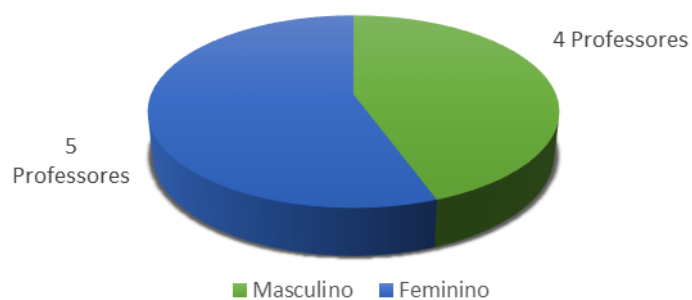


Gráfico 3.2.2. Grupo etário (Professores)

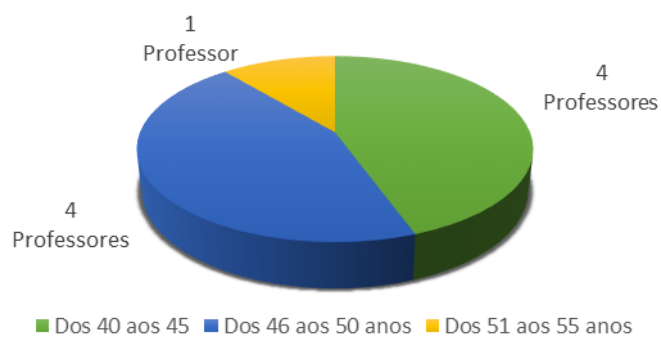


Gráfico 3.2.3. Grupo disciplinares dos professores (p.39)

Gráfico 3.2.4. Habilitações académicas dos professores

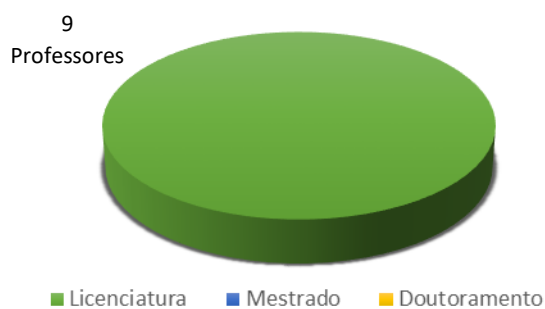


Gráfico 3.2.5. Formação na área das artes

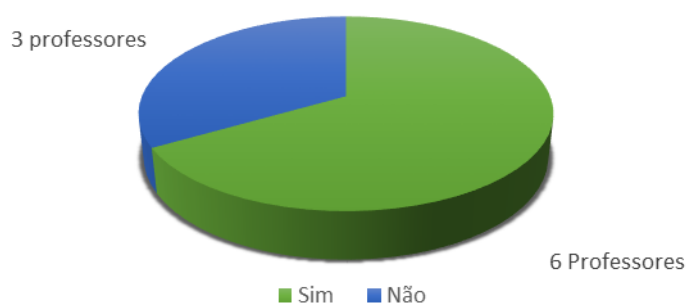


Gráfico 3.2.6. Tempo de duração da disciplina relacionada com as AP (por semestre)

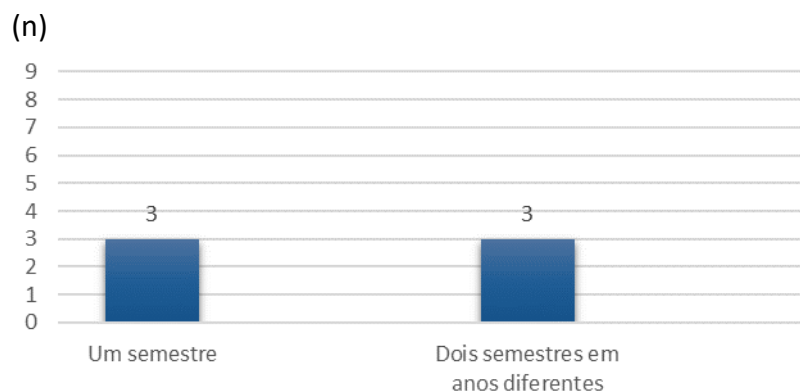


Gráfico 3.2.7. Tipologia da formação que se obteve na área das artes na formação inicial (p.39)

Gráfico 3.2.8. Formação específica para trabalhar com alunos com NEE

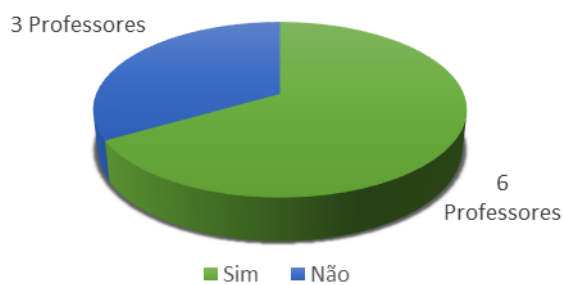


Gráfico 3.2.9. Formação na área das NEE



Gráfico 3.2.10. Tempo de serviço prestado sem formação especializada

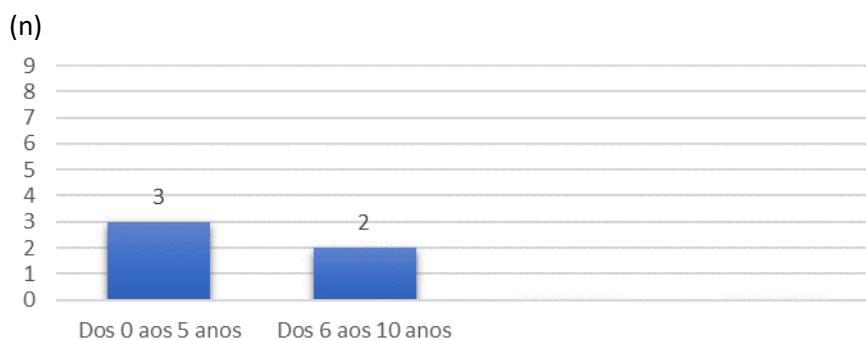


Gráfico 3.2.11. Tempo de serviço prestado com formação especializada

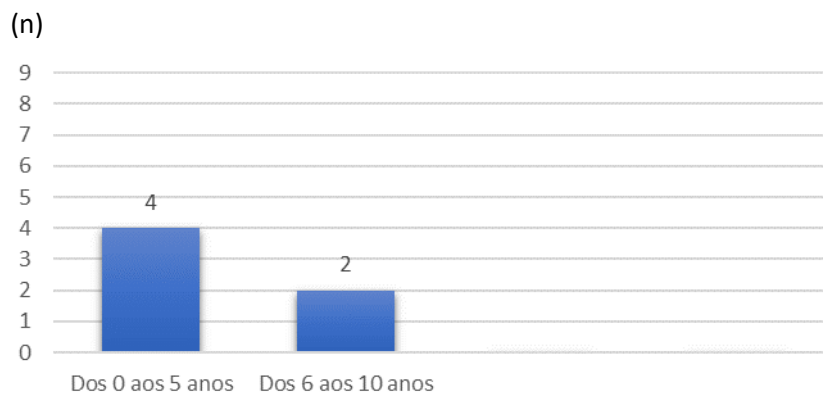


Gráfico 3.2.12. Qual o domínio da especialização



Gráfico 3.2.13. Grupo disciplinares dos professores (p.40)

Gráfico 3.2.14. Género dos participantes (alunos)

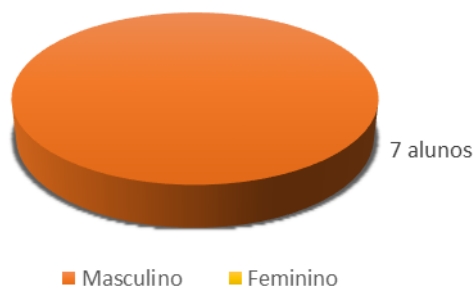
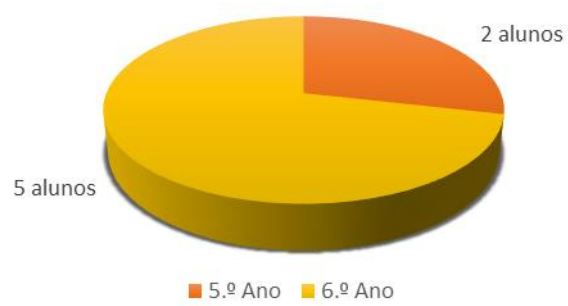


Gráfico 3.2.15. Grupo etário (alunos)



Gráfico 3.2.16. Ano letivo que os alunos frequentam (2.º Ciclo).



Apêndice II – Guião do questionário dos professores

Guião do questionário

Planeamento e desenho do questionário (professores)

1. Caracterização geral

1.1 Enquadramento do questionário no estudo

- Pretende-se com o estudo em causa perceber qual a utilização das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais com Currículo Específico Individual.

1.2 Definição dos objetivos do questionário:

Objetivo Geral

- Esta investigação terá como principal objetivo, averiguar junto de professores, o contributo que as Artes Plásticas terão sobre o processo ensino/aprendizagem de alunos com Necessidades Educativas Especiais com Currículo Específico Individual.

Objetivos Específicos

- (1) Identificar se as AP são relevantes, ou não, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI;
- (2) Observar se os professores utilizam frequentemente as AP nas atividades letivas que desenvolvem junto dos alunos com NEE;
- (3) Identificar que tipo de técnicas das AP são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE;
- (4) Analisar se as AP promovem maior autonomia no aluno com NEE aquando do desenvolvimento das atividades letivas;
- (5) Averiguar qual é a perceção dos alunos sobre a área das AP;
- (6) Averiguar se as AP estão entre as áreas de predileção dos alunos com NEE;
- (7) Identificar quais as áreas de exploração das AP que mais utilizam no desenvolvimento das atividades letivas;
- 8) Identificar juntos dos alunos com NEE quais são as disciplinas que recorrem mais às AP.

1.3 Perfil do entrevistado

- Professores de 2º Ciclo com especialização em Educação Especial, e professores de 2º e 3º Ciclo de diferentes grupos de recrutamento sem especialização em Educação Especial.

1.4 Âmbito geográfico

Portugal/Algarve/Faro

2. Caracterização metodológica

2.1. Amostragem

Universo do estudo: Agrupamento de escolas no distrito de Faro

Universo alvo: Professores pertencentes ao Agrupamento de escolas no distrito de Faro

Amostra: 7 professores do 2º e 3.º Ciclos

2.2 Questão e hipóteses da investigação

Questão: As Artes Plásticas serão úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI?

Hipótese geral

- **Sim**, as Artes Plásticas são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI.

ou

- **Não**, as Artes Plásticas não são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI.

Hipótese operacional

(H1) As AP são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI, ou, (H2) As AP não são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI.

3. Desenho do questionário

3.1 Metodologia

- O questionário elaborado a aplicar aos professores, é do tipo fechado, permitindo assim a aplicação direta de tratamento estatísticos com auxílio de software, não havendo assim a necessidade de classificar respostas à posteriori, tendo assim por objetivo a obtenção de respostas mais concisas em relação ao tema estudado.

3.2. Tempo médio para preenchimento do questionário

De 5 a 10 minutos.

3.3 Validação (pré teste)

O questionário será validado através da aplicação do mesmo prevista para 5 professores de diferentes níveis de ensino, e de áreas curriculares diferentes.

3.4 Recolha de dados:

Período de referência: Ano Letivo 2017/2018

Período de recolha: Abril de 2018

Contacto inicial: email/presencial

3.5. Método de recolha

Questionário presencial

Espaço: Agrupamento de escolas no distrito de Faro

Momento: manhã /tarde (conforme a disponibilidade dos professores)

3.6 Condições logísticas

Impressão dos questionários.

3.7 Estrutura do questionário

Professores

I parte - Dados pessoais e profissionais;

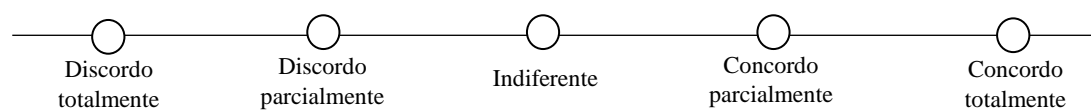
II parte - Planificação das atividades letivas com o apoio das Artes Plásticas;

III parte – Aplicação das Artes Plásticas no ensino/aprendizagem;

IV parte – Processo ensino/aprendizagem.

3.8 Tratamento de dados

- No tratamento de dados dos questionários efetuados aos professores, pretendemos utilizar a escala de Likert, que consiste de uma série de afirmações a respeito de um determinado objeto. Para cada afirmação há uma escala de cinco pontos, correspondendo nos extremos a "concordo totalmente" e "discordo totalmente" (ver figura 1).



(Figura 1)

O questionário será composto por quatro partes distintas, totalizando 26 questões, sendo aplicada uma escala de 1 a 5.

- No tratamento de dados do questionário dos alunos, serão apenas contabilizadas as respostas fechadas de “Sim” e “Não” acerca das questões colocadas.

Apêndice III – Tabela de construção do questionário dos professores

Tabela de construção do questionário dos professores

Questões	Autor(es)	Escala(s)
Planificação das atividades letivas com o apoio das Artes Plásticas		
As Artes Plásticas assumem no dia-a-dia um papel muito importante na minha prática letiva.	Hill, M. M. e Hill, A. (2012). Investigação por Questionário. Lisboa, Edições Sílabo; Mateus (2015). <i>A importância da educação pela arte no desenvolvimento de competências em alunos com necessidades educativas específicas: Perceção da equipa pedagógica de uma Instituição Suíça</i> . Universidade Fernando Pessoa. Porto	Escala Likert 5 pontos
Quando planifico as minhas atividades letivas, penso sempre em recorrer às Artes Plásticas com intuito do aluno com NEE atingir mais facilmente determinadas metas.	Ferreira, V. (2007) <i>O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos</i> in Silva, A. & Pinto, J. (2007). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento; Ketele, J-M. & Roegiers, X. (1999). <i>Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos</i> . Lisboa: Instituto Piaget Silva (2016). <i>A Arte na inclusão escolar: Contributo das Expressões Artísticas em alunos com NEE</i> . Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação Comunicação.	Escala Likert 5 pontos
A utilização de estratégias pedagógicas com recurso às Artes Plásticas permite um ensino mais individualizado do aluno com NEE, nomeadamente do aluno com Currículo Específico Individual.	Ferreira, V. (2007) <i>O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos</i> in Silva, A. & Pinto, J. (2007). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento; Ketele, J-M. & Roegiers, X. (1999). <i>Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos</i> . Lisboa: Instituto Piaget; Silva (2016). <i>A Arte na inclusão escolar: Contributo das Expressões Artísticas em alunos com NEE</i> . Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação Comunicação.	Escala Likert 5 pontos
Aplicação das Artes Plásticas no ensino/aprendizagem		
As Artes Plásticas são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE.	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
Utilizo muitas vezes as Artes Plásticas para inserir conteúdos inerentes a outras áreas curriculares.	Ferreira, V. (2007) <i>O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos</i> in Silva, A. & Pinto, J. (2007). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento; Ketele, J-M. & Roegiers, X. (1999). <i>Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos</i> . Lisboa: Instituto Piaget; Silva (2016). <i>A Arte na inclusão escolar: Contributo das Expressões Artísticas em alunos com NEE</i> . Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação Comunicação.	Escala Likert 5 pontos
Costumo utilizar as Artes Plásticas como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com as seguintes áreas de exploração:	Hill, M. M. e Hill, A. (2012). Investigação por Questionário. Lisboa, Edições Sílabo; Mateus (2015). <i>A importância da educação pela arte no desenvolvimento de competências em alunos com necessidades educativas específicas: Perceção da equipa pedagógica de uma Instituição Suíça</i> . Universidade Fernando Pessoa. Porto	Escolha múltipla
As Artes Plásticas fomentam a interação entre alunos, facilitando assim o trabalho de	Hill, M. M. e Hill, A. (2012). Investigação por Questionário. Lisboa, Edições Sílabo;	Escala Likert

pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo de ensino/aprendizagem.	Mateus (2015). <i>A importância da educação pela arte no desenvolvimento de competências em alunos com necessidades educativas específicas: Perceção da equipa pedagógica de uma Instituição Suíça</i> . Universidade Fernando Pessoa. Porto	5 pontos
As Artes Plásticas ajudam a promover mais autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas.	Ferreira, V. (2003). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coord.s), <i>Metodologia das ciências sociais</i> (pp. 165-196). Lisboa: Afrontamento; Ghigione R. e Matalon, B. (1995). <i>O inquérito, teoria e prática</i> . Oeiras: Celta editora; Mendonça (2014). <i>O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE</i> . Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
Processo ensino/aprendizagem		
As Artes Plásticas, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue.	Ferreira, V. (2003). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coord.s), <i>Metodologia das ciências sociais</i> (pp. 165-196). Lisboa: Afrontamento; Ghigione R. e Matalon, B. (1995). <i>O inquérito, teoria e prática</i> . Oeiras: Celta editora; Mendonça (2014). <i>O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE</i> . Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
Observo que os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando inseridos através da utilização das Artes Plásticas.	Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
Penso que o aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das Artes Plásticas.	Ferreira, V. (2003). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coord.s), <i>Metodologia das ciências sociais</i> (pp. 165-196). Lisboa: Afrontamento; Ghigione R. e Matalon, B. (1995). <i>O inquérito, teoria e prática</i> . Oeiras: Celta editora; Mendonça (2014). <i>O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE</i> . Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
As Artes Plásticas para além de promover o processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolve igualmente a criatividade e sentido crítico.	Ferreira, V. (2003). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Coord.s), <i>Metodologia das ciências sociais</i> (pp. 165-196). Lisboa: Afrontamento; Ghigione R. e Matalon, B. (1995). <i>O inquérito, teoria e prática</i> . Oeiras: Celta editora; Mendonça (2014). <i>O Papel das Artes Visuais no Processo de Inclusão de Alunos com NEE</i> . Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa	Escala Likert 5 pontos
Consolido determinados conteúdos com recurso às Artes Plásticas.	Ferreira, V. (2007) <i>O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos</i> in Silva, A. & Pinto, J. (2007). <i>Metodologia das Ciências Sociais</i> . Porto: Edições Afrontamento; Ketele, J-M. & Roegiers, X. (1999). <i>Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos</i> . Lisboa: Instituto Piaget; Silva (2016). <i>A Arte na inclusão escolar: Contributo das Expressões Artísticas em alunos com NEE</i> . Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação Comunicação.	Escala Likert 5 pontos
As aprendizagens feitas através das Artes Plásticas, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE.	Foddy, W. (2002). <i>Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários</i> . (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993); Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Questão fechada (Sim ou Não)

Apêndice IV – Cronograma das etapas de desenvolvimento da dissertação

Cronograma das etapas de desenvolvimento da dissertação

Etapas de desenvolvimento da dissertação	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set
Revisão da literatura	X	X	X									
Contactar as instituições e procedimentos inerentes				X	X	X						
Analisar a população e seleccionar a amostra			X	X								
Recolher os dados (aplicação dos instrumentos)					X	X	X					
Tratamento de dados (análise dos resultados)							X	X	X			
Período de conclusão										X	X	X
Entrega da tese												X

Apêndice V – Questionário dos professores

Questionário

No âmbito do curso de mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação e Comunicação - Universidade do Algarve, o presente questionário tem como objetivo averiguar qual é a utilização das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Considerando a sua participação muito importante para esta investigação solicito o seu apoio o qual agradeço desde já. O questionário é anónimo e será utilizado apenas para fins estatísticos.

I PARTE – DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Assinale com um **X** a resposta correta.

1.1 Género: Masculino Feminino

1.2 Idade: anos.

1.3 Habilitações académicas:

- Licenciatura.....
- Mestrado.....
- Doutoramento.....

1.4 Área de formação:

2. Durante a sua formação de base teve algum contacto com disciplinas relacionadas com Artes Plásticas?

Sim Não

- Para o caso da resposta anterior ter sido negativa passe de imediato para a questão 3.

2.1 Se respondeu de forma afirmativa, qual o tempo de duração da disciplina relacionada com as Artes Plásticas?

- Um semestre.....
- Um ano letivo.....
- Dois semestres em anos diferentes.....
- Dois anos letivos.....
- Outro. Qual? _____

2.2 O contacto que teve com a área das Artes Plásticas foi de carácter:

- Prático.....
- Teórico/Prático.....
- Teórico.....

3. Para além da sua formação base, teve alguma formação específica para trabalhar com crianças com NEE?

Sim Não

• Para o caso da resposta anterior ter sido negativa passe de imediato para a questão 4.

3.1 Qual?

- Pós-graduação/Especialização.....
- Mestrado.....
- Doutoramento.....
- Outro. Qual? _____

3.2 Em caso afirmativo, qual o domínio da sua Especialização. (Pode assinalar mais do que uma opção com um X).

- Domínio Cognitivo e Motor.....
- Domínio Emocional e da Personalidade.....
- Domínio da Intervenção Precoce na Infância.....
- Domínio da Audição e Surdez
- Domínio da Visão
- Outro. Qual? _____

4. Qual o nível de ensino a que pertence (pode assinalar mais que uma opção)?

- 1.º Ciclo.....
- 2.º Ciclo.....
- 3.º Ciclo.....
- Outro. Qual? _____

4.1 Grupo disciplinar a que pertence:

4.2 Há quanto tempo trabalha com crianças com Necessidades Educativas Especiais?

a) sem formação (em anos)

b) com formação (em anos)

II PARTE – PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES LETIVAS COM O APOIO DAS ARTES PLÁSTICAS

Assinale com um X a resposta que melhor se aplica.

1. As Artes Plásticas assumem no dia-a-dia um papel muito importante na minha prática letiva.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

2. Quando planifico as minhas atividades letivas, penso sempre em recorrer às Artes Plásticas com intuito do aluno com NEE atingir mais facilmente determinadas metas.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

3. A utilização de estratégias pedagógicas com recurso às Artes Plásticas permite um ensino mais individualizado do aluno com NEE, nomeadamente do aluno com Currículo Específico Individual.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

III PARTE – APLICAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM

Assinale com um X a resposta que melhor se aplica.

1. As Artes Plásticas são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

2. Utilizo muitas vezes as Artes Plásticas para inserir conteúdos inerentes a outras áreas curriculares.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

3. Costumo utilizar as Artes Plásticas como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com as seguintes áreas de exploração: (Pode assinalar mais do que uma opção.)

- Desenho.....	<input type="checkbox"/>	- Modelação e moldagem.....	<input type="checkbox"/>
- Pintura.....	<input type="checkbox"/>	- Construções	<input type="checkbox"/>
- Recorte/Colagem	<input type="checkbox"/>	- Impressão.....	<input type="checkbox"/>
- Não utilizo.....	<input type="checkbox"/>	- Outra. Qual? _____	

4. As Artes Plásticas fomentam a interação entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo de ensino/aprendizagem.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

5. As Artes Plásticas ajudam a promover mais autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

IV PARTE – PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Assinale com um X a resposta que melhor se aplica.

1. As Artes Plásticas, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

2. Observo que os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando inseridos através da utilização das Artes Plásticas.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

3. Penso que o aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das Artes Plásticas.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

4. As Artes Plásticas para além de promover o processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolve igualmente a criatividade e sentido crítico.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

5. Consolido determinados conteúdos com recurso às Artes Plásticas.

Discordo totalmente
 Discordo parcialmente
 Indiferente
 Concordo parcialmente
 Concordo totalmente

6. As aprendizagens feitas através das Artes Plásticas, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE.

Sim Não

6.1 Porquê? _____

Obrigada pela sua colaboração.

Apêndice VI – Guião questionário dos alunos

Guião do questionário

Planeamento e desenho do questionário (alunos)

1. Caracterização geral

1.3 Enquadramento do questionário no estudo

- Pretende-se com o estudo em causa perceber qual a utilização das Artes Plásticas no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais com Currículo Específico Individual no 2.º Ciclo.

1.4 Definição dos objetivos do questionário:

Objetivo Geral

- Esta investigação terá como principal objetivo, averiguar junto de alunos, o contributo que as Artes Plásticas terão sobre o processo ensino/aprendizagem de alunos com Necessidades Educativas Especiais com Currículo Específico Individual.

Objetivos Específicos

Alunos com NEE com Currículo Específico Individual

- (1) Identificar se as AP são relevantes, ou não, no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI;
- (2) Observar se os professores utilizam frequentemente as AP nas atividades letivas que desenvolvem junto dos alunos com NEE;
- (3) Identificar que tipo de técnicas das AP são utilizadas com mais frequência junto dos alunos com NEE;
- (4) Analisar se as AP promovem maior autonomia no aluno com NEE aquando do desenvolvimento das atividades letivas;
- (5) Averiguar qual é a perceção dos alunos sobre a área das AP;
- (6) Averiguar se as AP estão entre as áreas de predileção dos alunos com NEE;
- (7) Identificar quais as áreas de exploração das AP que mais utilizam no desenvolvimento das atividades letivas;
- 8) Identificar juntos dos alunos com NEE quais são as disciplinas que recorrem mais às AP.

1.3 Perfil do entrevistado

- Alunos do 2.º Ciclo com Necessidades Educativas Especiais com Currículo Específico Individual.

1.5 Âmbito geográfico

Portugal/Algarve/Faro

2. Caracterização metodológica

2.1. Amostragem

Universo do estudo: Agrupamento de escolas no distrito de Faro

Universo alvo: Agrupamento de escolas no distrito de Faro (2º Ciclo)

Amostra: 7 alunos do 2.º Ciclo com Necessidade Educativas Especiais com Currículo Específico Individual.

O estudo irá debruçar a sua investigação numa amostra representativa de alunos pertencentes ao 2.º Ciclo.

2.2 Questão e hipóteses da investigação

Questão: Será que as Artes Plásticas serão úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI?

Hipótese geral

- **Sim**, as Artes Plásticas são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI.

ou

- **Não**, as Artes Plásticas não são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE com CEI.

Hipótese operacional

(H1) As AP são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI, ou, (H2) As AP não são úteis no processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE, com CEI.

3. Desenho do questionário

3.1 Metodologia

- O questionário elaborado a aplicar aos alunos, é do tipo fechado, permitindo assim a aplicação direta de tratamento estatísticos com auxílio de software, não havendo assim a necessidade de classificar respostas à posteriori, tendo assim por objetivo a obtenção de respostas mais concisas em relação ao tema estudado.

3.2. Tempo médio para preenchimento do questionário

De 5 a 10 minutos.

3.3 Validação (pré teste)

O questionário será validado através da aplicação do mesmo prevista para 5 alunos de diferentes níveis de ensino.

3.4 Recolha de dados:

Período de referência: Ano Letivo 2017/2018

Período de recolha: Abril de 2018

Contacto inicial: email/presencial

3.5. Método de recolha

Questionário presencial

Espaço: Agrupamento de escolas no distrito de Faro

Momento: manhã /tarde (conforme a disponibilidade dos alunos)

3.6 Condições logísticas

Impressão dos questionários.

3.7 Estrutura do questionário

I parte – Dados pessoais e escolares;

II parte – Atividade letiva.

3.8 Tratamento de dados

- No tratamento de dados dos questionários efetuados aos alunos, pretendemos utilizar a escala de Likert, que consiste de uma série de afirmações a respeito de um determinado objeto. Neste caso, pelo facto dos inquiridos se tratarem de crianças, resolvi simplificar e adaptar a escala supracitada, de forma a facilitar o inquirido.

Para cada afirmação há uma escala de três pontos, correspondendo nos extremos a "Sim", "Não sei" e "Não" associada a uma sinalética como podemos observar na figura 1.



O questionário será composto por duas partes distintas, totalizando 12 questões, sendo aplicada uma escala de 1 a 3.

- No tratamento de dados do questionário dos alunos, serão apenas contabilizadas as respostas fechadas de "Sim" e "Não" acerca das questões colocadas.

Apêndice VII - Tabela de construção do questionário dos professores

Tabela de construção do questionário dos professores

Questões	Autor(es)	Escala(s)
Atividade Letiva		
Qual(is) a(s) disciplina(s) que tu gostas mais? (Podes assinalar mais que uma disciplina).	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escolha múltipla
Qual é a disciplina que mais gostas de estar com a turma?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escolha múltipla
Gostas de Educação Visual?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Questão fechada (Sim ou Não)
E de Educação Tecnológica?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Questão fechada (Sim ou Não)
Por que achas que gostas/não gostas (riscar o que não interessa) destas disciplinas?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Questão aberta
O que mais gostas de fazer nas aulas de Educação Visual?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escolha múltipla
O que mais gostas de fazer nas aulas de Educação Tecnológica?	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escolha múltipla
Os professores de outras disciplinas costumam usar as	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários.	

técnicas de Expressão Plástica para dar as matérias?	(L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Questão fechada (Sim ou Não)
Quais são as disciplinas que mais usam a Expressão Plástica?	Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escolha múltipla
A Expressão Plástica ajuda-me a perceber as matérias mais difíceis das disciplinas.	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 3 pontos
Gostava que a Expressão Plástica fosse mais usada em todas as disciplinas.	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 3 pontos
Em casa costumo fazer trabalhos relacionados com Expressão Plástica.	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 3 pontos
A Expressão Plástica vai ser importante para a minha vida futura.	Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993) Gaspar (2012). <i>O contributo da Expressão Plástica para o desenvolvimento Educativo de alunos com défice Cognitivo em contexto inclusivo</i> . Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa	Escala Likert 3 pontos

Apêndice VIII – Questionário dos alunos

Questionário

No âmbito do curso de mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação e Comunicação - Universidade do Algarve, o presente questionário tem como objetivo averiguar a utilização das Artes Plásticas no processo de Ensino/Aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Considerando a tua participação muito importante para esta investigação solicito o teu apoio o qual agradeço desde já. O questionário é anónimo e será utilizado apenas para fins estatísticos.

I PARTE – DADOS PESSOAIS E ESCOLARES

5. Género: Masculino Feminino
6. Idade: anos.
7. Ano letivo que frequentas do 2.º Ciclo: 5.º Ano 6.º Ano

II PARTE – ATIVIDADE LETIVA

Para responder ao questionário assinala com um X.

1. Qual(is) a(s) disciplina(s) que tu gostas mais? (Podes assinalar mais que uma disciplina).

- Português funcional.....
- Matemática funcional.....
- Atividades da Vida Diária.....
- Modelação e Pintura.....
- Culinária.....
- Atividades Experimentais.....
- Tecnologias de Informação e Comunicação.....
- Psicomotricidade.....
- Clube de Inglês.....
- Natação.....

2. Qual é a disciplina que mais gostas de estar com a turma?

- Educação Física.....
- Educação Visual
-


- Educação Tecnológica.....
- Educação Musical.....
- Educação para a Cidadania.....

3.1 Gostas de Educação Visual?

Sim 

Não 

3.2 E de Educação Tecnológica?

Sim 

Não 

3.3 Por que achas que gostas/não gostas (riscar o que não interessa) destas disciplinas?

4. 7O que mais gostas de fazer nas aulas de Educação Visual?

- Desenho.....
- Pintura.....
- Outra. Qual? _____
- Modelação e moldagem.....
- Carimbagem.....

5. O que mais gostas de fazer nas aulas de Educação Tecnológica?

- Construções
- Recorte/Colagem
- Outra. Qual? _____
- Dobragens.....
- Tecelagem.....

6. Os professores de outras disciplinas costumam usar as técnicas de Expressão Plástica para dar as matérias?

Sim 

Não 

7. Quais são as disciplinas que mais usam a Expressão Plástica?

- Português funcional.....
- Matemática funcional.....
- Atividades da Vida Diária.....
- Culinária.....
- Atividades Experimentais.....
- Tecnologias de Informação e Comunicação.....
- Psicomotricidade.....
- Clube de Inglês.....
- Educação Física.....
- Educação Musical.....
- Educação para a Cidadania.....

8. A Expressão Plástica ajuda-me a perceber as matérias mais difíceis das disciplinas.

Sim  Não sei  Não 

9. Gostava que a Expressão Plástica fosse mais usada em todas as disciplinas.

Sim  Não sei  Não 

10. Em casa costumo fazer trabalhos relacionados com Expressão Plástica.

Sim  Não sei  Não 

11. A Expressão Plástica vai ser importante para a minha vida futura.

Sim  Não sei  Não 

Obrigada pela tua colaboração.

Apêndice XIX – Gráficos e tabelas
(Apresentação dos resultados)

Questionário dos professores

Planificação das atividades letivas com o apoio das AP

As AP assumem no dia a dia um papel muito importante na prática letiva.

(II parte - Questão n.º 1)

Gráfico 5.1.

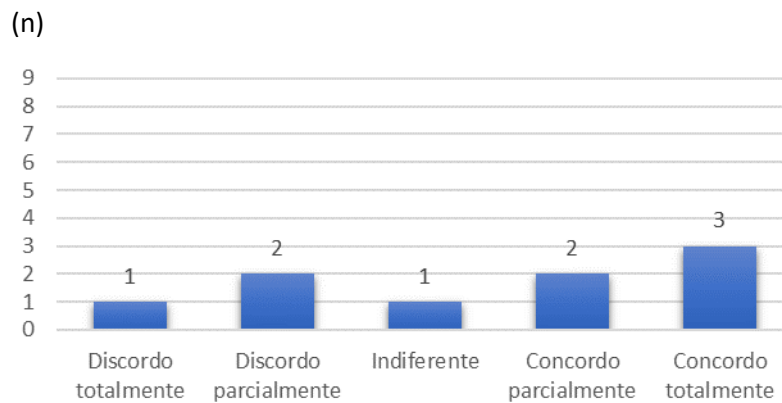


Tabela 5.1.

(II parte - Questão n.º 1)		
	n	%
Discordo totalmente	1	11%
Discordo parcialmente	2	22%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	2	22%
Concordo totalmente	3	34%

Quando planejam as atividades letivas recorrem às AP com intuito do aluno com NEE atingir mais facilmente determinadas metas.

(II parte - Questão n.º 2)

Gráfico 5.2.

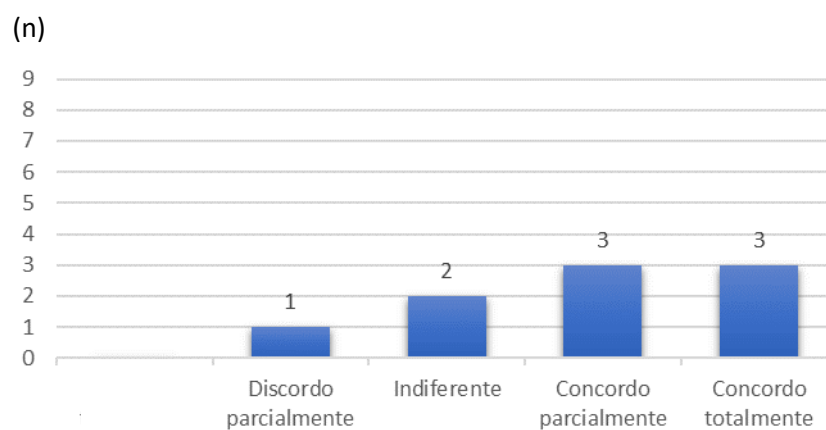


Tabela 5.2.

(II parte - Questão n.º 2)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	1	11%
Indiferente	2	22%
Concordo parcialmente	3	33%
Concordo totalmente	3	34%

A utilização de estratégias pedagógicas com recurso às AP permite um ensino mais individualizado do aluno com NEE, nomeadamente do aluno com CEI.

(II parte - Questão n.º 3)

Gráfico 5.3.

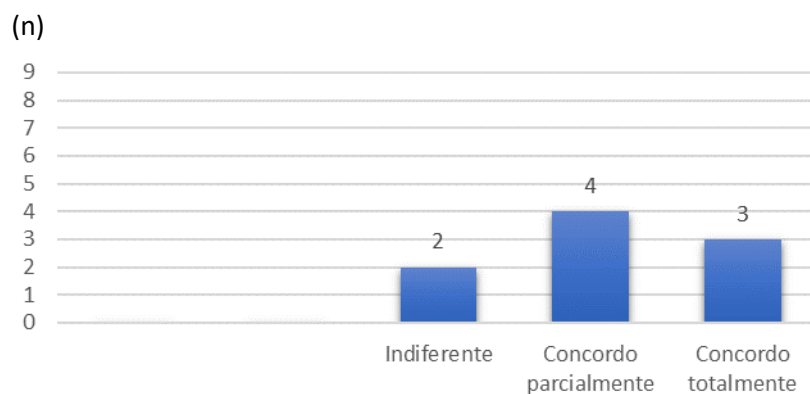


Tabela 5.3.

(II parte - Questão n.º 3)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	2	22%
Concordo parcialmente	4	45%
Concordo totalmente	3	33%

Aplicação das Artes Plásticas no Ensino/Aprendizagem

As AP são uma área importante para promover o processo de ensino/aprendizagem nos alunos com NEE.

(III parte - Questão n.º 1)

Gráfico 5.4.

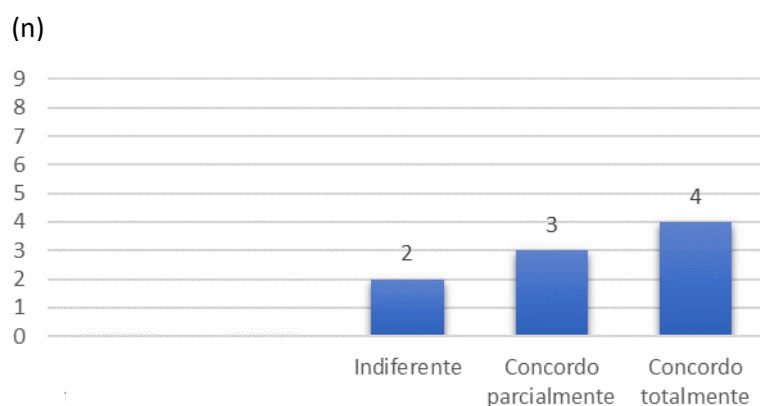


Tabela 5.4.

(III parte - Questão n.º 1)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	2	22%
Concordo parcialmente	3	33%
Concordo totalmente	4	45%

Utilização frequente das AP para inserir conteúdos inerentes a outras áreas curriculares.

(III parte - Questão n.º 2)

Gráfico 5.5.

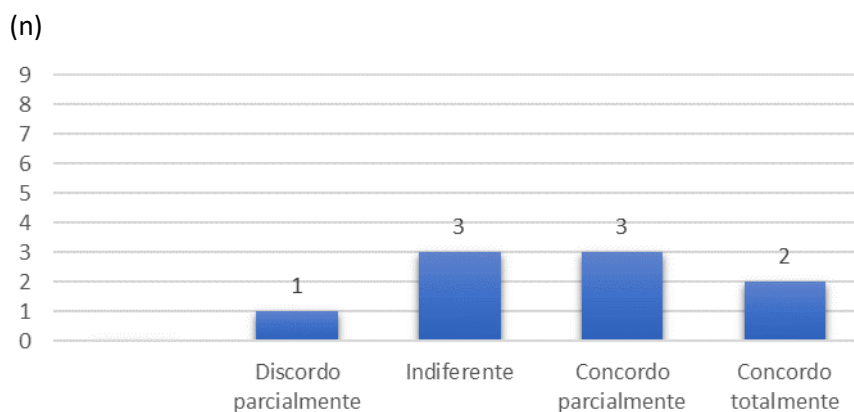


Tabela 5.5.

(III parte - Questão n.º 2)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	1	11%
Indiferente	3	34%
Concordo parcialmente	3	33%
Concordo totalmente	2	22%

Utilização das AP como forma de motivação à aprendizagem de determinados conteúdos, com as seguintes áreas de exploração.

(III parte - Questão n.º 3)

Gráfico 5.6. (ver p. 48)

Tabela 5.6.

(III parte - Questão n.º 3)		
	n	%
Desenho	6	27%
Pintura	5	23%
Recorte/Colagem	6	27%
Modelação e moldagem	3	14%
Construções	2	9%
Escultura	0	0%

As AP fomentam a interação entre alunos, facilitando assim o trabalho de pares que irá favorecer o ambiente propício ao processo de ensino/aprendizagem.

(III parte - Questão n.º 4)

Gráfico 5.7.

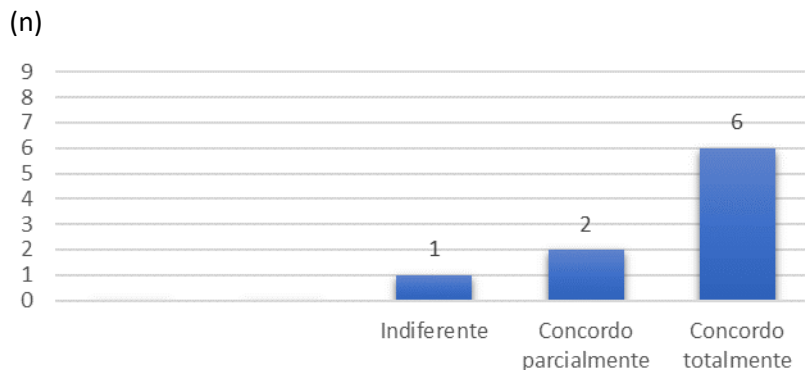


Tabela 5.7.

(III parte - Questão n.º 4)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	2	22%
Concordo totalmente	6	67%

As AP ajudam a promover mais autonomia do aluno com NEE no desenrolar das atividades letivas propostas.

(III parte - Questão n.º 5)

Gráfico 5.8.

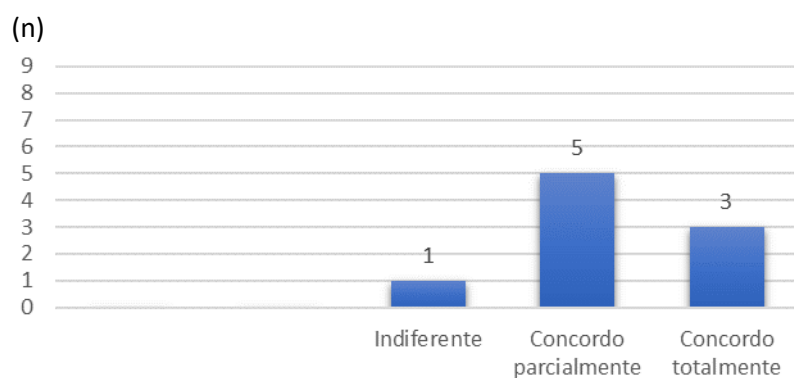


Tabela 5.8.

(III parte - Questão n.º 5)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	5	56%
Concordo totalmente	3	33%

Processo Ensino/Aprendizagem

As AP, por contemplarem nas suas metodologias aspetos lúdicos e criativos, parecem responder com sucesso a algumas necessidades que o currículo comum não consegue.

(IV parte - Questão n.º 1)

Gráfico 5.9.

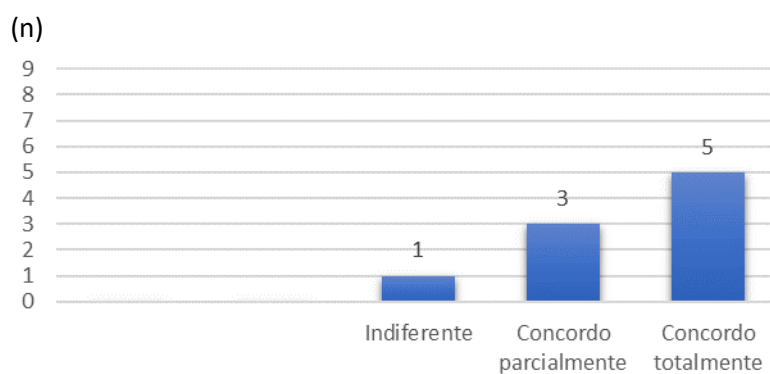


Tabela 5.9.

(IV parte - Questão n.º 1)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	3	33%
Concordo totalmente	5	56%

Os conteúdos e matérias são melhor assimilados pelos alunos quando inseridos através da utilização das AP.

(IV parte - Questão n.º 2)

Gráfico 5.10.

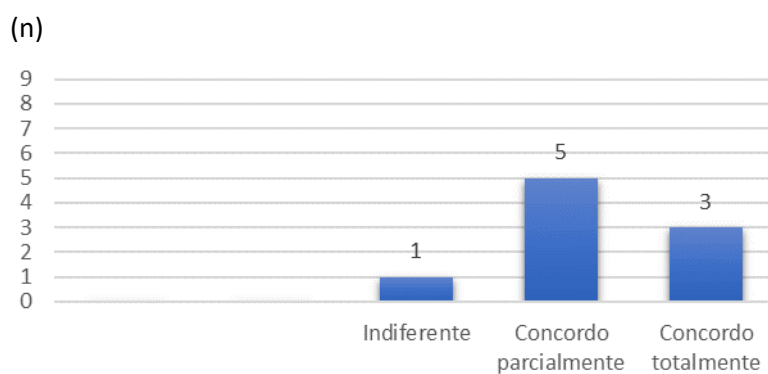


Tabela 5.10.

(IV parte - Questão n.º 2)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	5	56%
Concordo totalmente	3	33%

O aluno com NEE sente-se mais motivado aquando das aprendizagens feitas através das AP.

(IV parte - Questão n.º 3)

Gráfico 5.11.

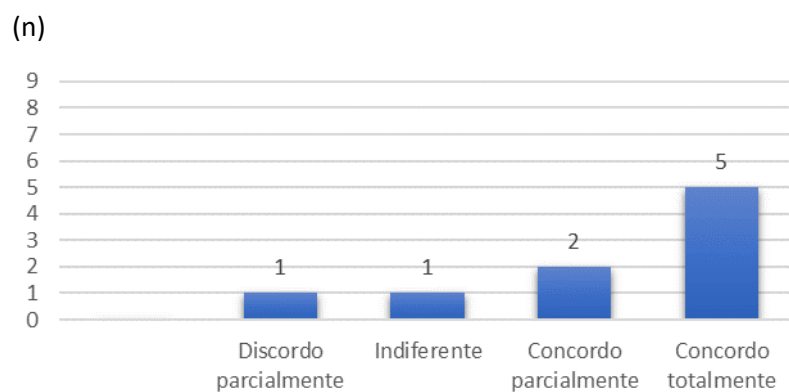


Tabela 5.11.

(IV parte - Questão n.º 3)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	1	11%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	2	22%
Concordo totalmente	5	56%

As AP para além de promover o processo de ensino/aprendizagem dos alunos com NEE desenvolve igualmente a criatividade e sentido crítico.

(IV parte - Questão n.º 4)

Gráfico 5.12.

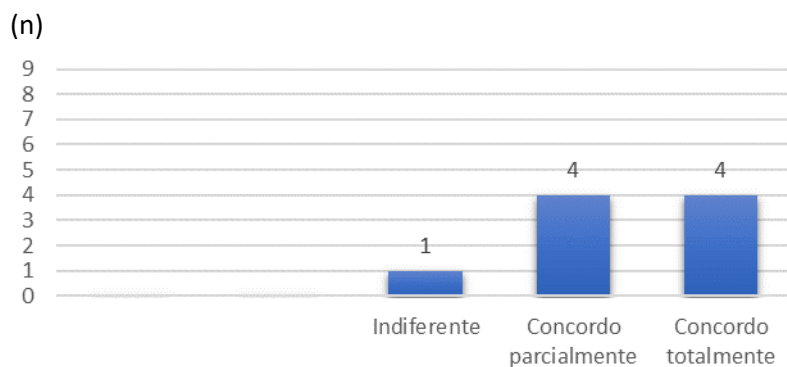


Tabela 5.12.

(IV parte - Questão n.º 4)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	1	11%
Concordo parcialmente	4	44%
Concordo totalmente	4	45%

Consolidação de determinados conteúdos com recurso às AP.

(IV parte - Questão n.º 5)

Gráfico 5.13.

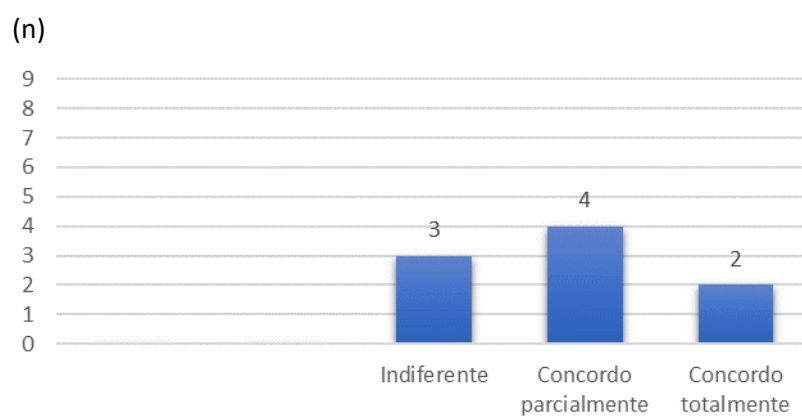


Tabela 5.13.

(IV parte - Questão n.º 5)		
	n	%
Discordo totalmente	0	0%
Discordo parcialmente	0	0%
Indiferente	3	33%
Concordo parcialmente	4	45%
Concordo totalmente	2	22%

As aprendizagens feitas através das AP, poderão ser uma mais valia na vida quotidiana do aluno com NEE.

(IV parte - Questão n.º 6)

Gráfico 5.14.

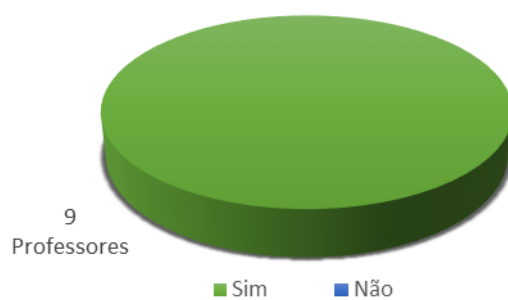


Tabela 5.14.

(IV parte - Questão n.º 6)		
	n	%
Não	0	0%
Sim	9	100%

Questionário dos alunos

Atividade letiva

Qual(is) a(s) disciplina(s) que os alunos gostam mais.

(II parte - Questão n.º 1)

Gráfico 5.15. (ver p. 50)

Tabela 5.15.

(II parte - Questão n.º 1)		
	n	%
Português funcional	6	13%
Matemática funcional	7	15%
Atividades da Vida Diária	1	2%
Modelação e Pintura	7	15%
Culinária	6	13%
Atividades Experimentais	5	11%
Tecn. da Informação e Comunicação	3	6%
Psicomotricidade	4	8%
Clube de Inglês	4	8%
Natação	4	9%

Qual a disciplina que os alunos mais gostam de estar com a turma.

(II parte - Questão n.º 2)

Gráfico 5.16. (ver p. 51)

Tabela 5.16.

(II parte - Questão n.º 2)		
	n	%
Educação Física	6	25%
Educação Visual	5	21%
Educação Tecnológica	4	17%
Educação Musical	5	21%
Educação para a Cidadania	4	16%

Gosto pela disciplina de EV.

(II parte - Questão n.º 3.1.)

Gráfico 5.17.



Tabela 5.17.

(II parte - Questão n.º 3.1)		
	n	%
Não	2	29%
Sim	5	71%

Gosto pela disciplina de ET.

(II parte - Questão n.º 3.2.)

Gráfico 5.18.

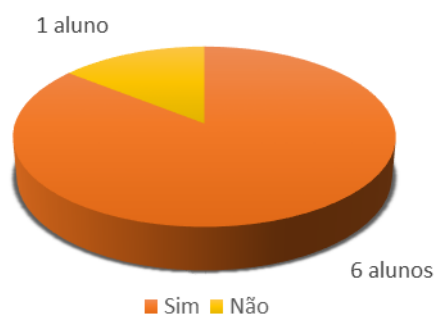


Tabela 5.18.

(II parte - Questão n.º 3.2.)		
	n	%
Não	1	14%
Sim	6	86%

Motivos pelos quais os alunos gostam/não gostam das disciplinas de EV e ET.

(II parte - Questão n.º 3.3.)

Gráfico 5.19. (ver p. 51)

Tabela 5.19.

(II parte - Questão n.º 3.3.)		
	n	%
É interessante	2	30%
É divertida	1	14%
Gosta de desenhar	1	14%
Gosta de expressar a sua imaginação	1	14%
Não gosta de desenhar	1	14%
É aborrecido	1	14%

Área de Exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de EV.

(II parte - Questão n.º 4.)

Gráfico 5.20. (ver p. 52)

Tabela 5.20.

(II parte - Questão n.º 4.)		
	n	%
Desenho	5	28%
Pintura	6	33%
Recorte/Colagem	3	17%
Modelação/Moldagem	2	11%
Carimbagem	2	11%
Outras	0	0%

Área de Exploração que os alunos gostam de desenvolver nas aulas de ET.

(II parte - Questão n.º 5.)

Gráfico 5.21. (ver p. 52)

Tabela 5.21.

(II parte - Questão n.º 5.)		
	n	%
Construções	7	50%
Medições	2	14%
Dobragens	3	23%
Reutilização/ Reciclagem	2	14%
Outra	0	0%

Os professores de outras disciplinas costumam usar as técnicas de EP para dar as matérias.

(II parte - Questão n.º 6.)

Gráfico 5.22.

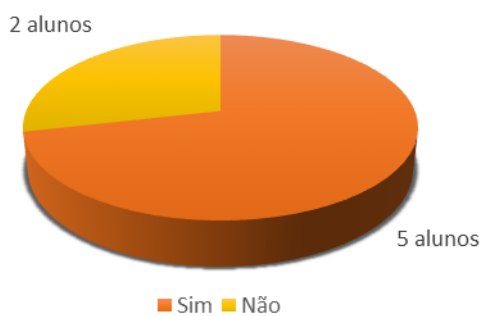


Tabela 5.22.

(II parte - Questão n.º 6.)		
	n	%
Sim	5	71%
Não	2	29%

Disciplinas que mais usam a EP.

(II parte - Questão n.º 7.)

Gráfico 5.23. (ver p. 53)

Tabela 5.23.

(II parte - Questão n.º 7.)		
	n	%
Português funcional	6	19%
Matemática funcional	5	16%
Atividades da Vida Diária	3	10%
Culinária	2	7%
Atividades Experimentais	3	10%
T.I.C.	2	7%
Psicomotricidade	0	0%
Clube de Inglês	5	16%
Educação Física	1	3%
Educação Musical	2	6%
Educação para a Cidadania	2	6%

A EP ajuda os alunos a perceber as matérias mais difíceis de outras disciplinas.

(II parte - Questão n.º 8.)

Gráfico 5.24.



Tabela 5.24.

(II parte - Questão n.º 8.)		
	n	%
Sim	5	71%
Não sei	0	0%
Não	2	29%

A EP devia ser mais usada em todas as disciplinas.

(II parte - Questão n.º 9.)

Gráfico 5.25.

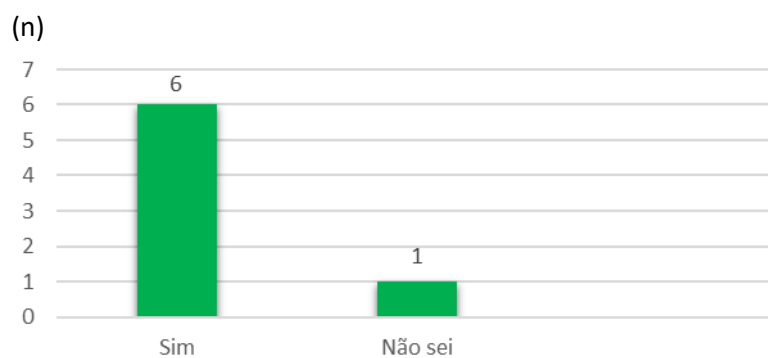


Tabela 5.25.

(II parte - Questão n.º 9.)		
	n	%
Sim	6	86%
Não sei	1	14%
Não	0	0%

Em casa realiza trabalhos relacionados com EP.

(II parte - Questão n.º 10.)

Gráfico 5.26.

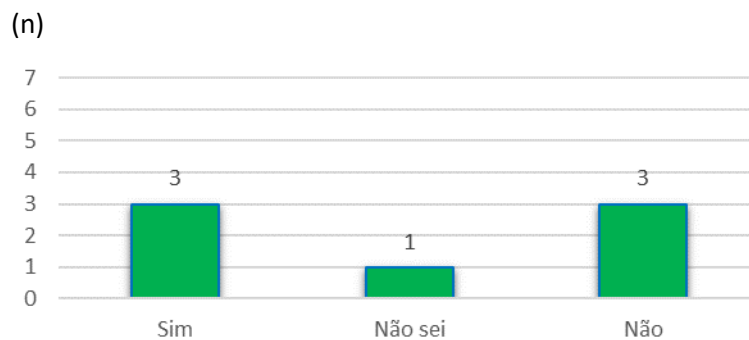


Tabela 5.26.

(II parte - Questão n.º 10.)		
	n	%
Sim	3	43%
Não sei	1	14%
Não	3	43%

A EP vai ser importante na sua vida futura.

(II parte - Questão n.º 11.)

Gráfico 5.27.

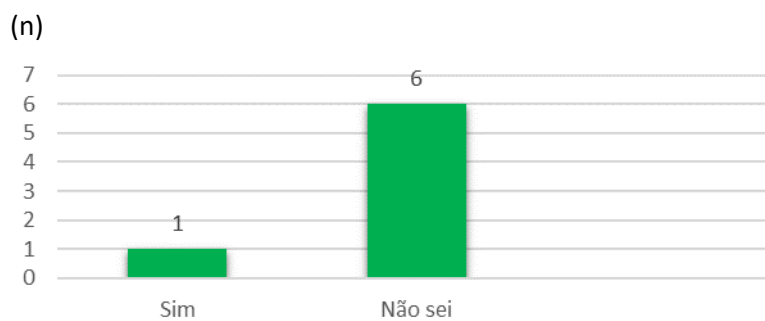


Tabela 5.27.

(II parte - Questão n.º 11.)		
	n	%
Sim	1	14%
Não sei	6	86%
Não	0	0%

Anexos

Anexo I - Certificado da palestra “A utilização das AP no processo ensino/aprendizagem com NEE”



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Certificado

Certifica-se que **Ana Isabel Neves** apresentou a palestra "**A utilização das Artes Plásticas no processo ensino aprendizagem dos alunos com NEE – o caso do cubo AVD (atividades de vida diária)**", no âmbito da unidade curricular Design Inclusivo do Mestrado em Educação Especial – Domínios Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, no dia 30 de maio, das 19h às 21h.

Faro, 30 de julho de 2018

O Subdiretor da ESEC



Prof. Doutor António Lopes